



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

ROBERTO MOTA DA SILVA

AS CONSOANTES GEMINADAS NO *ALBUM GRAPHICO DE MATO GROSSO*: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

CAMPO GRANDE/MS

2017

ROBERTO MOTA DA SILVA

**AS CONSOANTES GEMINADAS NO *ALBUM GRAPHICO DE MATTO*
GROSSO: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura
Orientador: Prof. Dr. Miguél Eugenio de Almeida

ROBERTO MOTA DA SILVA

**AS CONSOANTES GEMINADAS NO *ALBUM GRAPHICO DE MATTO*
GROSSO: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Eugênio de Almeida
Presidente

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Titular da UEMS

Prof. Dr. Luiz Carlos Pais
Titular Externo

Prof. Dr. Daniel Abrão
Suplente Interno

Geraldo Vicente Martins
Prof. Dr. Suplente Externo

Campo Grande/MS, 30 de Janeiro de 2017.

DEDICATÓRIA

A todos aqueles de viveram o meu sonho e acreditaram na minha garra para a concretização dessa etapa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Pai Eterno de amor e de bondade, que nos ampara e ilumina.

A minha mãe, que sempre me aconselha a lutar e a seguir o caminho certo, com amor e carinho.

Não se deve esquecer de que não se pode amar o que não se conhece. Por isto, conhecer seu próprio idioma e a sua história é essencial para que se possa desenvolver um verdadeiro afeto positivo, que vai além do emocional, assim como acontece com todas as coisas da vida.

Assim como os namorados procuram conhecer a história de vida uns dos outros antes de se aventurarem a um relacionamento sério, muitas vezes até visitando e conhecendo um pouco as famílias um do outro e ouvindo as histórias dos seus antepassados, também é importante conhecer a história de nossa língua e de nossa literatura para podermos, conscientemente, defender uma postura respeitosa e afetuosa em relação a ela.

(Silva, 2015, p. 23)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. METODOLOGIA.....	15
1.1. Seleção da Fonte.....	15
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	35
2.1. Historiografia Linguística.....	35
2.2. Concepções de Konrad Koerner.....	51
2.3. História da ortografia	54
3. ANÁLISE DE DADOS.....	64
3.1. EDUARDO CARLOS PEREIRA.....	66
3.1.1. AS CONSOANTES GEMINADAS.....	72
3.2. EVANILDO BECHARA.....	74
3.2.1. AS CONSOANTES GEMINADAS.....	79
3.3. Análise das ocorrências.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
ANEXOS.....	95

RESUMO

A presente pesquisa bibliográfica retrata as muitas modificações sofridas pela ortografia da língua Portuguesa em território brasileiro, comprovadas por teóricos como Konrad Koerner, Eduardo Carlos Pereira, Evanildo Bechara. Dessa forma, a investigação científica intenciona descrever e analisar as mudanças ortográficas acontecidas no século XX, tendo como diretriz as palavras selecionadas nos vários textos que compõem o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso - 1914*, confrontando com a ortografia atual. Como fundamentação teórica, elegemos os princípios fornecidos pela metodologia da historiografia linguística para subsidiar o nosso trabalho, além dos pressupostos metodológicos de Koerner. O *corpus* foi selecionado em conformidade com as alterações ocorridas em consoantes geminadas, o que auxilia a remir um momento importante da história econômica e social do Estado de Mato Grosso, adentrando na cultura e na história da população desses estados, resultantes do saber produzido por cidadãos que compunham o século XX que, por meio do uso da língua, demonstravam sua forma de agir e ver o Estado que ora despontava. Dessa forma, o trabalho foi organizado de maneira que abrangesse um pouco da história de Mato Grosso, no século XX, para entendermos o momento em questão.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Historiografia Linguística; Ortografia; *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* (1914)

SUMMARY

The present bibliographic research portrays the many modifications undergone by the Portuguese language spelling in Brazilian territory, as evidenced by such theorists as Konrad Koerner, Eduardo Carlos Pereira, Evanildo Bechara. In this way, the scientific investigation intends to describe and analyze the orthographic changes happened in the XX century, having as guideline the words selected in the several texts that compose the Graphical Album of the State of Matto Grosso - 1914, confronting with the current orthography. As a theoretical basis, we chose the principles provided by the methodology of linguistic historiography to subsidize our work, in addition to the methodological assumptions of Koerner. The corpus was selected in accordance with the changes that occurred in its structures, which helps to recall an important moment in the economic and social history of the states of Mato Grosso, entering into the culture and history of the population of these states, resulting from the knowledge produced by citizens That made up the twentieth century that, through the use of the language, showed their way of acting and seeing the state that now emerges. In this way, the work was organized in a way that covered a little of the history of Mato Grosso, in the twentieth century, to understand the moment in question.

Keywords: Portuguese Language; Linguistic Historiography; Spelling; Graphical Album of the State of Matto Grosso (1914)

INTRODUÇÃO

A relevância da pesquisa consiste na aproximação da transformação da ortografia ocorrida entre os séculos XIX e XX, considerando que a seleção de dados é importante para os pressupostos da historiografia linguística, delineando as duas fases do português, utilizando como fundamento um documento importante do ciclo de Mato Grosso, o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, editado em Hamburgo, na Alemanha, em 1914. Sua significação consiste no resgate de uma obra basilar de nossa historiografia, uma veneração à insistência heroica dos organizadores S. Cardoso Ayala e F. Simon. Ressalta-se que há poucos exemplares de uma única edição encerradas em pouquíssimas bibliotecas e nas mãos de alguns particulares.

A valiosa obra é uma fotografia imparcial e detalhada de Mato Grosso das primeiras décadas do século passado. Ao longo dos anos, e principalmente com a criação de um novo estado o Mato Grosso do Sul, o documento tornou-se uma certidão da identidade geográfica, étnica, econômica e cultural registradas na criação destes que agora são dois grandes estados.

O *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* representa o resgate da história e servirá, certamente, àquele curioso impulsionado pelo mero prazer de redescobrir esse território e, principalmente, àquele pesquisador científico.

A transformação e as novas leituras feitas pelas várias ciências, principalmente, na linguística, tornam-se mais expressivas, quando se vislumbram as possibilidades de conversação com a História, especialmente com outras ciências sociais, considerando que essas ligações implicam em diferentes maneiras de ver a língua, o seu lugar de concretização e as suas várias amplitudes históricas, culturais e de identidade de um determinado grupo social.

Nessa perspectiva é concebido o conceito de língua como produto histórico-social que abarca o homem como falante da língua, que ocupa um lugar no tempo e no espaço. O homem apropria da sua linguagem e exterioriza a sua verdade e a sua realidade, ou seja, conceito de língua em historiografia linguística convergindo para a concepção de convívio na prática de linguagem.

Quaisquer áreas de conhecimento científico não podem ser observadas separadamente. Considera-se a correspondência existente entre a Historiografia Linguística e a História e essa interdisciplinaridade determina a correspondência entre ambas.

Conforme Nascimento (2011, p. 22), a Historiografia Linguística é reconhecida como incitadora do exercício de investigar, e assim, conhecer o homem e os seus aspectos sociais, culturais materializado em documentos. É possível reviver o passado, viver o presente e projetar-se no futuro. A Historiografia Linguística resgata o passado aninhado em documentos escritos contendo particularidades da língua que se transmutaram com o tempo. Essas transmutações acontecem em razão da sociedade e do homem que se apropriam da língua como forma de interação.

Para Marcondes e Lima (2013), a língua é um produto social, é uma movimentação natural do homem em busca de construir suas trajetórias, estão a serviço do seu falante. Em razão dessa serventia produtiva é construída a comunicação da Historiografia Linguística com a Filosofia, Antropologia Filosófica, História. Como se vê, o ambiente dispõe de infinidade de possibilidades para serem estudadas. Para Nascimento (2011), interdisciplinaridade refere-se às coisas que estão juntadas, não há como separá-las.

Frente ao processo de analisar a língua, Koerner (1996) sugere que seja feito por metalinguagem, considerando que tudo pode ser transformado em linguagem e a metalinguagem ultrapassa a ação de descrever a língua em seus usos e funções. Ressalta-se que o historiador da língua precisa observar os seguintes princípios:

a) Princípio da contextualização: abrange a apuração das opiniões de determinada época em que o documento fora produzido, envolvendo a sua situação histórico-cultural, as convicções linguísticas, socioeconômicas e políticas. Este princípio subsidia o pesquisador no entendimento das prováveis influências sobre o documento e principalmente sobre

b) Princípio da imanência: se pauta na apuração de informações e na compreensão global do documento no que se refere às teorias linguísticas e históricas em voga na época. O historiador da língua examina o passado e não

intercede com as opiniões, dados e nomenclaturas atuais no momento da interpretação do processo. Este princípio objetiva restaurar e promover o entendimento do documento e, em conjunto com o princípio de contextualização, se desdobra como um caminho seguro de interpretação da história.

c) Princípios de adequações teóricas: alude a possibilidade que o historiador da língua tem para repaginar o documento de maneira que o aproxime das teorias e concepções atuais. Por intermédio desse princípio é provável a interpretação de textos, dando ênfase aos fatos passados, permeados por ansiedades do presente, para torná-los, no presente, socialmente relevantes ao homem moderno.

Para Koerner (1996), o pesquisador linguístico terá a missão de compilar dos materiais disponibilizados o que for essencial, e a partir dessas fontes primárias prosseguir com as explicações pertinentes dos fatos.

Conforme Bastos e Palma (2008), o pesquisador deverá descobrir e explicar as transformações ocorridas no trajeto a ser expiado, sem, contudo, ser envolvido pela singularidade, originalidade e inventividade, comumente feitas por gerações posteriores que lhe são imediatamente subsequentes.

Os autores em tela pontuam para um pesquisador os seguintes quesitos: a triagem criteriosa do material a ser investigado; a ordenação, que implica na disposição cronológica dos documentos a serem investigados; e reconstrução, no qual o pesquisador deve reconstruir o entendimento linguístico da época pesquisada, tendo como sustentáculo a compreensão crítica do período, ou seja, acarear o documento com a acepção de época.

No início do século XX, os autores do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* intencionaram retratar o Mato Grosso moderno aos brasileiros e estrangeiros que desejavam conhecê-lo. Para confeccioná-lo foram colhidas variadas informações e diversidades de textos para expor a abastada selva cortada por rios impetuosos e navegáveis, com enormes cachoeiras, múltiplas cataratas, campos de pastagens, jazidas de minerais e magnífica fauna. Assim sendo, o *corpus* da pesquisa trilhará pela análise ortográfica de textos produzidos pelos idos de 1914 e isso implica em compreender as principais características do português do Brasil.

De modo geral, buscou-se fazer um estudo historiográfico da língua portuguesa com fundamentação no *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, abordando as questões pertinentes a historiografia da língua portuguesa.

Ainda objetiva-se examinar as modificações ortográficas, sob os aspectos da fonética histórica, a partir de 1914, até os dias atuais, sendo a obra *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* a origem para a comparação nesta pesquisa, além de evidenciar o passado no que concerne ao próprio passado e, ulteriormente, ao presente, com a finalidade de, de modo ordenado, seja possível inferir no documento o que fora revelado por Nascimento (2011), ou seja, os predomínios subentendidos e nítidos derivados da situação em que o documento foi produzido, a fim de que, no momento da interpretação, seja considerado aquele momento sociocultural e a partir dele se faça a conexão com a atualidade. e também compreender o estado da língua, examinado a ortografia e a sua modificação. Dessa forma será feita uma descrição de suas incidências a partir do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, documento do século XIX, elaborado e organizado no município de Corumbá, no então Estado de Mato Grosso.

A ortografia foi examinada com fundamento no *corpus* dos documentos históricos do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, tendo como respaldo a historiografia linguística argumentada por Koerner (1996). Os elementos ortográficos, objeto do estudo, foram as palavras que continham consoantes geminadas, entendendo que eram assim grafadas por questões etmológicas, por serem derivadas do latim e do grego e a escrita seguia esse padrão no século XIX, XX. Com o passar do tempo e o desuso e a não relevância sonora das consoantes geminadas houve a supressão.

Eduardo Carlos Pereira (1935) corrobora na descrição das evidências observadas pelo princípio da imanência, que, segundo Koerner (1996) possibilita ao historiador elucidar os fatos linguísticos; as circunstâncias como conjuntura histórica da concepção teórica em que as ideias se arranjam e, finalmente, a adequação, que, fundamentando em Alvarenga (2010), este princípio tem a capacidade de afunilar o distanciamento entre passado e

presente, e por meio do traçado paralelo é possível observar as transformações linguísticas.

Os dois primeiros capítulos pretende-se tratar da contextualização histórica e linguística do período que antecede a escrita do *Album Histórico de Matto Grosso*, bem como as influências que permearam sua confecção.

No terceiro capítulo pretende-se fazer a análise das ocorrências, onde serão aplicados os princípios da imanência e adequação, com a escolha de determinados textos e trechos, em que serão analisadas algumas palavras, bem como a forma de escrita e mudanças que ocorreram no intervalo temporal de 1914.

1. METODOLOGIA

1.1. Seleção da Fonte

A pesquisa, caracterizada como historiográfica, teve o seu *corpus* organizado por meio do levantamento de vocábulos que sofreram alterações em sua ortografia. Foi utilizado o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, editado em 1914, por essa razão algumas reflexões no campo da análise se tornaram aparentes, como por exemplo, a relevância como instrumento de informação, função do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, considerando que esse documento histórico faz parte da cultura mato-grossense e sul mato-grossense desde o ano de 1914. Trata-se de um documento classificado como histórico e registra de maneira concisa sobre a História de Mato Grosso.

Contendo textos históricos, geográficos, econômicos, culturais e biográficos. A obra foi executada sob administração de S. Cardoso Ayala, de Assunção, no Paraguai, e direção literária e comercial do corumbaense Feliciano Simon. A obra contou com apoio financeiro do Estado de Mato Grosso e teve como fotógrafos L. Salcedo, de Assunción, e Miguel Peres, de Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Dentre os colaboradores da histórica obra citamos alguns: Joaquim Augusto da Costa Marques (presidente do Estado), Nicolau Fragelli (médico de Corumbá), Estevão de Mendonça (Cuiabá), Eduardo O. Machado (Campo Grande), Carl Lindman (botânico de Estocolmo/Suécia), Sylvio Saint Martin (engenheiro da Noroeste do Brasil/Aquidauana), João de Campos Widal (Cáceres), mais um grupo seletivo de pessoas e ainda os padres das Missões Salesianas de Cuiabá e a Empresa Matte Laranjeira, do Rio de Janeiro. Até hoje se constitui em inesgotável fonte de pesquisas, tanto em textos quanto em fotografias publicadas. Uma grande obra.

Formado por um notável conjunto de contribuições, a começar pelo trabalho dos fotógrafos Miguel Peres (Corumbá) e L. Salcedo (Assunção),

alguns de qualidade notável, retratando a beleza do território “coberto de riquíssimas selvas, atravessado por caudalosos rios navegáveis, de enormes e potentes cachoeiras, imensas e inúmeras cataratas, extensos e variados campos pastoris, grandes jazidas dos mais valiosos minerais e com uma fauna opulenta”, segundo o próprio prefácio. Os textos utilizam informações de documentos oficiais, como a Mensagem Presidencial à Assembleia Legislativa, em 1913, relatórios de funcionários variados, conferência do Marechal Cândido Rondon, trabalhos do Visconde de Taunay.

As informações nas suas 433 páginas são as mais variadas. Desde os estudos iniciais para a criação da bandeira do Estado, a relação e identificação de todos os governadores a partir de D. Antônio Rolim de Moura Tavares, depois conde de Azambuja, nomeado por Carta Régia de 22 de setembro de 1748, ainda nos tempos coloniais, até Joaquim Augusto da Costa Marques, eleito pelo voto popular para o período 1911-1915. Há dados minuciosos sobre a história, a geografia, a economia, tabelas e gráficos com as receitas e as despesas do governo estadual, sua dívida ativa e passiva, os estabelecimentos culturais, a questão fundiária, os problemas dos transportes, a vegetação. E, com direito à citação especial, a questão dos índios – suas etnias, as tribos, uma por uma, com a respectiva população.

As últimas 69 páginas do volume, não incluídas entre aquelas 433 que formam o livro propriamente literário, contém 88 propagandas, como se dizia naquele tempo. A maioria vem de cidades do Estado – Cuiabá, Corumbá, Porto Murtinho, São Luiz de Cáceres, Miranda, Campo Grande, Aquidauana, Nioac. Um vem do Rio de Janeiro, outro de Assunção, Paraguai, um de Montevideu, Uruguai. São estabelecimentos comerciais, industriais, agrícolas, bancários, serviços de importação e exportação, médicos, dentistas e até uma surpreendente Liga Matto-Grossense de Livres Pensadores. Ayala e Symon, portanto, bem podem ser considerados precursores nesse campo das Parcerias Público Privadas de que tanta se fala, atualmente, mas difíceis de concretizar. Essa publicidade está citada no índice do livro e hoje, com certeza, oferece dados importantes para o conhecimento dos hábitos e costumes da população daquele tempo, num território que todos acreditamos fosse rústico e atrasado. Ela nos mostra, ao contrário, que pelo menos nas maiores cidades

daquele Matto Grosso ainda com dois “t”, havia fregueses para manter em funcionamento lojas de importadores de vinhos, conhaques, uísques, licores, bolachinhas, chocolates, confeitos, carnes enlatadas procedentes da França, Alemanha, Itália, Espanha. Ou o eclético estabelecimento de Raphael Orrico, em Aquidauana, que oferecia simultaneamente “secção de café, bilhar e cinematógrapho”. Este com “acomodações para 800 pessoas, motor elétrico próprio de 7 HP, com cerca de 35.000 metros de fitas, recebendo constantemente os films mais modernos da casa “Cisnes”, de Roma”.

Câmara (2009) afirma existir desentendimentos quanto à sua origem, porém, se aceita que a expressão almanaque é originária de dois vocábulos árabes, *al manakh*, que significa a conta. Os almanaques, notados em toda antiguidade, com efeito, carregavam a conta dos dias, das noites, das estações, dos movimentos da lua, etc. Frei João de Sousa, no glossário Vestígios da língua árabe em Portugal, no verbete *almanach*, registra o étimo almaná, “calendário ou folhinha”, derivado do verbo “maná”, que significa “contar, numerar, calcular, definir, repartir por conta”. Também é atribuído a origem de almanaque ao árabe *al-manakh*, mas com um sentido diferente: o lugar onde o camelo se ajoelha, além dos significados do étimo: estação, muda (de cavalos), região, clima. É mostrada uma evolução semântica até “calendário”, sem explicá-la: “lugar onde a gente manda ajoelhar os camelos; daí, conto, que neste lugar se ouve, e, finalmente, calendário”. E finalmente, o termo que, em árabe, designa o calendário: *taqwin*.

Em relação às controvérsias, Câmara (2009) argumenta que alguns autores admitem uma origem diferente: uns supõem que *almanaque* quer dizer cálculo pela memória, derivado de duas palavras egípcias *al*, cálculo, e *men*, memória; outros autores rememoram que nossos ancestrais traçavam o curso da lua sobre um pedaço de madeira que chamavam de *al managht*, ou seja com todas as luas, e supõem que essas duas palavras deram origem ao termo almanaque. Nas línguas orientais *almanha* significa estreia, alvissaras (boas novas). Em saxão, *al-monght* ou *al-monac* seria uma contração para *al-mooned* que significa contendo todas as luas (em referência à tábua onde eram assinaladas). Bollème (1965) define o almanaque etimologicamente como sendo a junção do árabe *al* e do grego *men* = mês ou ainda *menás* (grego) =

lua, latim *meusis* e o antigo indiano *mas*, medir.

Câmara (2009) traz que outras fontes apresentam que, o termo *al-manakh* referia-se ao lugar onde os árabes nômades se reuniam para rezar e contar as experiências de viagens ou notícias de terras distantes. Bloch e Von Wartburg não se referem a *camelos*, mas a um vocábulo de origem siríaca, de significação temporal, depois de terem apresentado a protoforma *manâh*, do árabe de Espanha, como étimo de origem incerta, que deu origem ao latim medieval *almanach* (*us*). Por sua vez, *almanachus* teria vindo do árabe *al-manáhk*, cuja protoforma seria o grego *salmeskhoiniaka*, que designaria o “livro dos nascimentos ou o livro da Grande Ursa”, e que manteve até o séc. XVII o sentido de “predição”.

Para Câmara (2009), “*almanaque*” veio do árabe hispânico *manâh*, já com a significação de “calendário” e “almanaque”, mas de origem incerta. Esse *manâh*, “calendário”, seria provavelmente o mesmo *ár. manâh*, que significa “parada em uma viagem”, e, por extensão, “signo do zodíaco” e “calendário”. Corominas estabelece analogias semânticas entre *manâh*, “almanaque”, “clima”, e *manâh*, “estação de viagem”: assim como os signos do zodíaco são os doze lugares (estações) por onde o sol pára em sua viagem pelo céu, é possível que o *manâh*, “estação”, se tivesse convertido em *manâh*, “almanaque” e “relógio de sol”, onde o zodíaco estava marcado, e, em consequência, “clima”.

É possível concluir que a palavra “*almanaque*” e suas prováveis origens movimentam-se em torno das atividades de contar, no sentido de computar e medir o tempo, e, por extensão de sentido, “narrar”. Talvez esta noção seja os primórdios dos almanaques até como gênero literário, pois, se almanaque era o lugar onde os homens, ao parar para descansar seus animais, trocavam informações sobre a vida e sobre o tempo, numa diversidade de gêneros baseados no diálogo cotidiano, a mesma coisa acontece com os almanaques escritos.

Câmara (2009) disserta que os “*almanaques*” conhecidos na Índia, na China, no Egito, se espalharam pela Europa, sobretudo depois da propagação do cristianismo, porque serviam para indicar as datas sagradas. Os astrólogos e os médicos que escreviam estes almanaques não se delimitavam a indicar o

curso dos astros e as festas do ano; eles acrescentaram também as profecias sobre o tempo, sobre a política, etc., que deram grande popularidade a seus livros. Os antigos romanos assinalavam em seus almanaques alguns dias como felizes ou infelizes. Durante os dias negativos (nefastos) não era permitido pleitear ou fazer justiça nem realizar assembleias. Alguns dias eram “meio nefastos”; podia-se pleitear durante uma parte do dia, de manhã ou após o meio dia. Quando nascia uma criança, bastava consultar um almanaque para saber, por exemplo, o destino que lhe estava reservado. Os antigos presumiam que a terra era imóvel e que o sol girava em torno dela, realizando em um ano uma revolução completa. O círculo descrito aparentemente pelo sol (e que na realidade é percorrido pela terra em torno do sol imóvel) foi chamado “zodíaco”, que se origina de uma palavra grega que significa pequenos animais, porque as constelações que se achavam sobre esse círculo tinham os nomes de animais: Carneiro, Touro, Câncer, Leão, etc. Ao longo do zodíaco havia doze constelações principais que o sol atravessava, permanecendo um mês em cada uma delas. Segundo o mês em que nascia uma criança, e, como se dizia, segundo a constelação que presidira ao seu nascimento, poderia tirar-se o horóscopo desta criança. O termo “horóscopo” vem do grego que significa “examino a hora” (*Horoskopeo*, sendo que o verbo grego “*skopein*” significa observar, examinar, literalmente, observação da hora), porque é no instante em que nasce a criança que se deve examinar o lugar ocupado pelo sol no céu.

Câmara (2009) narra que o primeiro “*almanaque*” editado em Portugal data de 1496 e fornecia tábuas logarítmicas e outras indicações relacionadas ao curso do sol para cada dia do ano. As informações eram para ser utilizadas junto com os instrumentos de medição astronômicos. No século XIX, sobretudo na sua segunda metade, os “*almanaques*” se proliferaram com incontestável importância, embora completamente distanciados do avanço científico e técnico. Adaptaram-se ao gosto popular, convertidos num pequeno folheto dirigido à população rural e ao povo da periferia das cidades. Ou, então, aumentaram o número de páginas, tornando-se um instrumento de divulgação de conhecimentos tanto para o público geral, mais burguês e cidadão, como para algumas camadas sociais diferenciadas por ideários políticos, religiosos ou por outros interesses muito específicos. Em 1899, surgiu em Portugal o

Almanach Bertrand, muito popular em seu país, como no Brasil, no início do século XX, sendo publicado até 1969.

Conforme narra Delamônica (2006, p. 17), no início do século XX, a cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, vivia a ebulição originada dos desejos de modernização que faziam parte de um anseio político de implantação da ordem, da moralização e da disciplinarização da sociedade cuiabana. Era necessário mudar a infraestrutura urbana e promover um município ideal, tornando Cuiabá a escaparate do Estado. Para tanto, parecia de suma importância política que se apagasse tudo o que lembrava o passado negativo. Nesse momento, a elite mato-grossense buscou construir as suas imagens sobre seu povo e sua identidade. Um dos meios utilizados nessa construção foi, inegavelmente, o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*. Por meio deste álbum fotográfico, a elite mato-grossense e, em particular, a cuiabana, procuraram formular, ainda, uma história sobre o Estado produzindo mecanismos para controlar, censurar, organizar, recortar, distribuir, ordenar e repartir em níveis as suas atividades e perspectivas de progresso.

Delamônica (2006, p. 17) citando Foucault, os discursos do saber/poder inserem na sociedade segmentações que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis. As práticas discursivas, leituras de mundo, foram usadas pelos indivíduos e grupos para idealizar o mundo e suas próprias existências, como também para pensar a existência de outros indivíduos e grupos.

Ainda para Delamônica (2006, p. 17), neste viés, para o estudo analítico dos discursos existentes no álbum em questão, considerar-se-á, primeiramente, a fotografia na sua condição de discursividade documental. Desta maneira, fora favorecido alguns teóricos capazes de subsidiar uma metodologia para a leitura e interpretação destas fontes. O *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* foi editado em janeiro de 1914, em Hamburgo, na Alemanha, por iniciativa de empresários mato-grossenses, contando, também, com o apoio do governo do Estado de Mato Grosso, o qual participou diretamente do empreendimento, fornecendo informações oficiais, apresentando relatórios e patrocinando o projeto com a aquisição prévia de

dois mil exemplares.

Delamônica (2006, p. 17), citando Corrêa, o álbum gráfico deve ser reconhecido como mais do que um extraordinário editorial ocorrido no Estado, pelas preciosas informações contidas e pela primorosa produção gráfica. Os objetivos do editorial estavam vinculados à necessidade de divulgar as riquezas naturais do Estado, no país e fora dele, induzindo recursos financeiros. Nas primeiras décadas do século XX espalharam-se as publicações deste tipo em todo o mundo. Os álbuns eram destinados à propaganda das cidades e das empresas e faziam parte de uma estratégia política/editorial que unia a arte da propaganda nascente com a fotografia, tal estratégia tinha como finalidade atingir o maior número de pessoas em um curto tempo, transmitindo as informações de maneira clara e confiável.

Afirma Delamônica (2006, p. 18) que no álbum gráfico as cidades são enunciadas a partir da sua distribuição geográfica. Inicia-se pela região mais central do Estado, passando, em seguida, à descrição das cidades do extremo norte. Esse trajeto ocorreu de acordo com o estado das vias de comunicação e dos vários rios existentes na região. Finalmente, trata-se dos municípios da região sul. Este texto inicial, de conotação explicativa sobre o Estado é importante para a constituição de uma evidenciação do território cujas condições topográficas seriam de beleza e atração.

No *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* degustar-se-á do panorama dos recursos naturais, fertilidade do solo, agricultura e estado de pecuária, descrito no terceiro capítulo. No quarto e último capítulo estão anunciadas as vias de comunicação, comércio externo e interno, condições econômicas e demonstrações estatísticas. A esta parte está anexada, ainda, uma relação dos governadores de Mato Grosso, desde a fundação da capitania até o período em que o trabalho é escrito. Além disso, há uma farta quantidade de imagens fotográficas, as quais ilustram todas as partes dos tópicos tratados.

Delamônica (2006, p. 19) defende que o recurso visual (fotografia) auxilia na compreensão das formas sociais, considerando que o recurso visual é técnica que exprime sentimentos. O uso de meios visuais de representação desvenda o processo de comunicação de ideias. Deste modo, o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* permite observar certas ideias, visões e

atitudes frente aos objetos retratados. É possível considerar que a fotografia instaura uma nova ordem de visão e uma nova filosofia do olhar. Delineia novos campos da observação humana e, sobretudo, faz nascer um novo tipo de observador. Com a expansão da fotografia no século XX, essas produções ganharam significados especiais e paradigmáticos. Num primeiro momento, as fotografias eram elaboradas com a finalidade de fornecer um conjunto de representações cujas formas lhes davam uma capacidade própria. Mas com o passar do tempo, tornaram-se um nicho de pertencimento, identidade e controle. A fotografia dos documentos estudados delineava novos campos da observação humana e, sobretudo, fazia nascer um novo tipo de observador. A imagem traz a aparência de termos sobre ela um domínio imediato, entretanto, existe uma distinção entre aquilo que se nos apresenta de imediato e o que ela recobre em seus signos. Assim, para esse estudioso, existem etapas interpretativas a serem seguidas para a elaboração analítica da fotografia. A descrição é considerada a leitura inicial que pode conter muitas etapas descritivas previamente selecionadas de acordo com o objeto. Existe uma correspondência direta dos “Álbuns de Cidades” ou das “Visões sobre as cidades” com as novas formas de expressão e linguagem. Elas apontam para uma identidade civil de vontade de representação do cidadão e do orgulho da realização administrativa. Tais impressões podem ser compreendidas como formas de expressão histórico-cultural de uma burguesia comercial emergente que comissionava artistas ou fotógrafos para produzirem as “visões das cidades” as quais prosperavam com o comércio ou também pela exploração de suas riquezas naturais sendo apresentadas como motivo de orgulho para todos os cidadãos.

Quanto à produção do *Album Graphico de Matto Grosso*, interessa-nos investigar as consoantes geminadas nos textos expostos no álbum, que retratavam o Mato Grosso moderno para todos que o conheciam e também para aqueles que desejavam conhecê-lo. Para isso fora retratado toda sua beleza e também dados sobre sua economia, receitas, despesas, questões fundiárias, transportes, navegação pluvial, população, enfim, tudo com muita qualidade.

Quando do preparo dos originais do *Album Graphico do Estado de Matto*

Grosso os autores objetivaram a publicação da identidade de um Estado em formação, relacionada à história regional que ora se elaborava, no contexto do início de um novo século (XX), pretendia demonstrar a economia pulsante do Estado, os seus recursos e a sua modernização.

Neste sentido, ressalta-se que os idealizadores do *Album Graphico de Matto Grosso*, tiveram objetivos diretos e ocultos. O objetivo principal era transformar o *Album Graphico de Matto Grosso*, em um documento que contivesse informações gerais e seguras sobre Mato Grosso, principalmente, sobre “suas riquezas naturais, terras agricultáveis, fontes extrativas e minerais”. Além da situação favorável para investimentos financeiros, devido ao potencial de modernidade alcançada pela sua produção local.

Os objetivos menos explícitos dizem respeito a um conjunto de representações que buscavam construir um quadro de referências, a partir das quais a elite construía a identidade dos mato-grossenses. Algo que os colocava como parte da nacionalidade brasileira, embora distintos pelas características identitárias regionais.

Delamônica (2006, p. 20) argumenta que nada obstante, questões importantes como as diversidades populacionais e as diferenças sócio-econômicas que se produziam e agravavam internamente no Estado não eram consideradas. Os processos de elaboração e reelaboração simbólicos, de maneira geral, seguem a lógica da projeção de imagens destinadas a orientar e até mesmo encobrir as ações dos grupos sociais diante de novas situações. Desde o início da instituição do regime republicano no Mato Grosso, a elite procurou consolidar um projeto de identidade regional, que proclamava o “mestiço como arquétipo da cidadania moderna mato-grossense.” Essa ideologia se baseava na crença da inferioridade da população negra e em uma absoluta, e, por vezes, conflitante admiração e identificação com os ameríndios e seus mestiços.

Conforme asserta Delamônica (2006, p. 20), apesar da tentativa de homogeneização racial e étnica, esta ideologia mato-grossense de identidade regional tem como resultado uma interpretação racista dos componentes étnicos do Estado. Em posição periférica, Mato Grosso e a sua capital - Cuiabá - viviam numa situação de dependência. O modelo de modernização foi

encampado em descompasso com as forças sócio-econômicas em curso nas demais capitais, o que ocasionou um ensejo ao florescimento de uma cultura alegórica que pode ser interpretada como um indício do desejo dos grupos dominantes de se sentir parte dos “Estados civilizados”.

Para Delamônica (2006, p. 20), neste sentido, a modernização associava valores como o progresso e a “civilização” para construir um modelo identitário. A modernização da capital é assumida enquanto projeto em contraste com a realidade. Aparece frequentemente associada a uma preocupação com a divulgação daquilo que deve ser visto pelo restante do país e do mundo. Assim, a elite cuiabana “letrada” alojada nas instituições estaduais procura construir uma identidade local, baseada numa “modelagem” moderna.

Deste modo, lentamente foi sendo construída uma nova imagem do passado e do futuro num movimento que buscava excluir qualquer permanência de uma memória negra. Por essa linha de pensamento, podemos perceber claramente o “projeto civilizatório” da elite sobre a população mato-grossense. Essa ação passa pela representação dos negros, pardos e mulatos. Enfim, toda população afro-mato-grossense.

A identidade é um “fato social total”, o qual transpassa todo o tecido social. No *Album Graphico de Matto Grosso*, é possível observar que a elite mato-grossense se identificou com a elite paulista e carioca, assumindo um lugar de elite “estrangeira” perante a grande parte da população. Desta maneira, para Delamônica (2006, p. 20) a imaginação social elabora os mecanismos simbólicos visando produzir a identidade. Para isso, era necessário fazer os leitores do Album - os prováveis investidores.

Conforme declara Delamônica (2006, p. 21), a vontade de ser moderno orientou a relação de um projeto de construção da identidade nacional, contrapondo à realidade, um “sonho” de modernidade. Essa meta se tornou um problema para os seus cidadãos em um contexto onde a construção da “nação brasileira” estava em curso. Desta maneira, por meio de seus intelectuais, o ideal de modernidade um ponto para o qual todas as forças do país devem concorrer. Ser moderno, nesse momento, confunde-se com o projeto da nação que se pretendia construir e este era o modelo pelo qual todos deveriam se orientar, sob pena de ser estigmatizado pela modernidade que se instituíra. O

conceito de modernização dentro de um projeto político conservador é o instrumento conceitual que nos auxilia a explicar o caso de Mato Grosso. Neste caso, estamos procurando articulá-lo no âmbito de um processo histórico particular, isto é, um processo de transição/inação que se realiza sem uma quebra constitucional com o vínculo agrário, estruturado no latifúndio; sem uma plena passagem para uma sociedade industrial urbana.

Para Delamônica (2006, p. 21), pode-se notar que o Estado não realizou o papel de condutor desse processo de transição por meio da permanência de amplos setores não mercantis tanto no campo quanto na cidade, além de formas de trabalho ainda extremamente excludentes. Nestas duas questões estão as perspectivas para compreendermos os padrões da nossa “modernidade conservadora”. Mato Grosso e, mais particularmente, sua capital, foram inseridos na modernidade de fora para dentro. A cidade de Cuiabá experimentou uma modernidade conflituosa, sobrepondo, diferentes ritmos sociais, experiências culturais divergentes, cujos encontros e desencontros agravaram algumas tensões na produção dos espaços produtivos. Em parte, os obstáculos de natureza política e econômica, além do conservadorismo de sua tradição política representaram, como procuraremos explicitar, um grande estorvo ao desenvolvimento do mercado de mão de obra assalariado no Estado. As oligarquias mato-grossenses, mais particularmente cuiabanas, não eram unidas ao redor de um ideal comum, não tinham coerência política e não conseguiram desenvolver uma concreta organização partidária.

Conforme Delamônica (2006, p. 21), como resultado, os governos mato-grossenses, mesmo os que propunham novas políticas de urbanização e de crescimento industrial, não tiveram o consenso necessário para assegurar a organização das indústrias na cidade de Cuiabá. Para que se avalie as dimensões básicas da estrutura oligárquica e algumas evidências de suas implicações para o desenvolvimento urbano industrial em Cuiabá, nota-se que a economia regional estava densamente fragmentada. A estrutura econômica cuiabana apoiava-se em vários produtos de exportação, o cenário produtivo era “diversificado”, mas sem dinamismo. As colheitas de exportação e a mineração não foram capazes de gerar um *superávit* considerável capaz de ‘enriquecer o Estado’, menos ainda de formar um mercado de mão de obra estável e

organizado. Muito embora as suas elites oligárquicas tenham tirado enormes proveitos da política econômica vigente.

Segundo Ghirardello (2002, p. 17), o Brasil principia o século XIX com poucos caminhos terrestres importantes. A dimensão do país, o grande número de cidades situadas junto à costa, e mesmo o desinteresse da Coroa Portuguesa, favoreciam as ligações por via fluvial e, especialmente, marítimas. Por conta disso, diversas províncias terão penosas ligações com a capital; Mato Grosso será uma delas. Essa longínqua região, pela contiguidade e facilidade de deslocamento através dos rios Paraguai e Prata, estabelecera relações comerciais diretas com as nações cisplatinas, causando séria preocupação ao poder central. Seu isolamento, em parte, explicava a situação, considerando que as comunicações com a capital do país se faziam por vias marítima e fluvial, por Montevideú, Argentina e Paraguai, pelo rio do mesmo nome até a Foz do Rio Apa, na fronteira, ficando Corumbá a 5.117 Km e Cuiabá a 6.000 do Rio de Janeiro.

Ghirardello (2002, p. 17) narra que a ligação terrestre com essa segregada porção do território nacional, contudo, teria que esperar aquela que seria considerada uma das maiores invenções da era industrial: a estrada de ferro. Em 1835, portanto dez anos após funcionar a primeira locomotiva criada por George Stephenson na Inglaterra, é assinada pelo governo imperial a chamada “Lei Feijó”, que trata da instalação de ferrovias no Brasil, ligando as capitais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia ao Rio de Janeiro, sem nenhum resultado prático. Outras propostas serão apresentadas, mas apenas em 1854 é aberto o primeiro trecho ferroviário brasileiro, inaugurado por Mauá. O pequeno percurso, de 14 quilômetros, ligava a atual cidade de Mauá à Estação de Fragoso e teria limitado relevo econômico.

Em 1858, é inaugurada a Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II, que tinha como diretor Cristiano Benedito Ottoni. Essa ferrovia é considerada um marco por possuir claro sentido econômico: a ligação com a província de São Paulo, passando pelo Vale do Paraíba, grande produtor de café, e Minas Gerais. Inaugura, portanto, o que deveria ser a norma em termos ferroviários no Sudeste brasileiro, e particularmente de São Paulo: a busca do café, já então o mais precioso produto agrícola do país. A partir da construção da

Estrada de Ferro Santos-Jundiaí pelos ingleses, entre 1860 e 1867, várias outras companhias são criadas, contando com capitais de grandes latifundiários paulistas; entre elas, a Paulista (1872), a Ituana (1873), a Mogiana (1875) e a Sorocabana (1875) serão os melhores exemplares.

Ayala e Simon (1914, p. 150) narram que no final do ano de 1903, em outubro, foi assinado o Decreto, autorizando a Companhia Noroeste do Brasil a funcionar e iniciar imediatamente os estudos para a construção da Estrada de Ferro de Bauru a Cuiabá, cujo objetivo foi posteriormente mudado para Corumbá, devido à motivos que as Relações Exteriores naquela ocasião justificavam plenamente, independente do futuro econômico da Estrada que por esta nova orientação acompanha mais próxima o paralelo geográfico de forma a se tornar a maior Estrada de Ferro do Atlântico ao Pacífico, desde que acabe de ser ligada às Estradas de Ferro da Bolívia no trecho compreendido entre o rio Paraguay e Santa Cruz de La Sierra, trecho aliás relativamente fácil no total da sua extensão que não ultrapassará os 800 quilômetros.

Apesar das múltiplas dificuldades com que teve que lutar a construção de tão importante Estrada, especialmente moléstias e índios bravios na zona dos primeiros 500 quilômetros, até então completamente desconhecida e inteiramente coberta de matas virgens, assim mesmo conseguiu obter uma média de avançamento de 100 quilômetros anuais, o que é o record de construções semelhantes em zona tão pouco favorável e completamente desabitada. E mesmo nos subsequentes 500 quilômetros (do rio Paraná à Campo Grande, apesar de aparentemente parecerem de construção relativamente mais fácil pelas extensas campinas, as dificuldades cresciam devido aos numerosos cursos d'água de vãos de 10 metros, e à distancia que o material de construção precisa percorrer: o destinado às obras d'arte, edifícios, cercas etc. tinha de ser fornecido de Bauru, e a superestrutura metálica procedia de Santos (1.000km). Quanto à terceira zona (de Campo Grande à Porto Esperança), reunia todas as dificuldades dos precedentes trechos, acrescida pela travessia do Pantanal de Porto Esperança (40 Km) e as periódicas anuais enchentes que paralisavam quase por completo os trabalhos de construção e as comunicações durante alguns meses do ano. Entre a I e II zona havia, pois, o grande rio Paraná sobre o qual, devido a circunstancias

independentes da vontade da Companhia, não podia, ser construída a ponte metálica de 1000 metros, cujas peças há anos estavam depositadas nas margens do rio. E devido exclusivamente às dificuldades resumidamente acima enumeradas é que talvez o acabamento definitivo de tão importante linha férrea seja motivo das constantes reclamações quase sempre injustas, aliadas a muita vontade e prevenção imerecida, ambas filhas, aliás, do desejo ardente de cada morador d'estas zonas tem de ver concluída a Estrada, percebendo agora cada um a importância, ou melhor a necessidade que havia, de tamanho empreendimento para o bem estar e o futuro desse rico Estado.

Weingärtner (1995) registra em Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) que tem como objetivo resgatar, preservar e divulgar documentos que registrem a memória administrativa e cultural do município, entre outras raridades. Seu acervo é composto por documentos manuscritos, impressos e material fotográfico, provenientes do poder executivo municipal e de particulares abrangendo o período de 1905 a 1970.

Weingärtner (1995) narra que o Sul de Mato Grosso até o início do século XVIII, quando eclodiu o ouro em Cuiabá, é uma região povoada por índios e paraguaios remanescentes das missões jesuítas espanholas. Os espanhóis, no século XVI, trazem o gado para o Sul de Mato Grosso e iniciam a exploração e a comercialização da erva-mate. Algumas tribos indígenas, entre elas, os Guaicuru, aprendem com os espanhóis a usar o cavalo como montaria e a manejar o gado, ou seja, tornam-se cavaleiros e são os primeiros fazendeiros sul-mato-grossenses.

Weingärtner (1995) descreve que a prosperidade das minas de ouro cuiabanas leva a coroa portuguesa a fundar a Capitania de Mato Grosso, em 1748, e a assinar, com a Espanha, o Tratado de Madri, em 1750. Após estes dois episódios, os portugueses procuram tomar posse do Sul de Mato Grosso, levantando fortes e presídios no Vale Paraguai. Assim, além de assegurar a Cuiabá o acesso aos grandes centros econômicos e políticos, expulsam, também, os espanhóis que colocava em risco a posse das minas de ouro de Cuiabá.

Weingärtner (1995) narra que a exploração de minas de ouro em Cuiabá possibilita a intensificação do trânsito das bandeiras paulistas no Sul de Mato

Grosso. Entre as rotas fluviais utilizadas por estas bandeiras está a do Rio Pardo. Dois dos afluentes do rio Pardo e que são explorados pelos bandeirantes, no século XVIII, são o Anhanduí-Guaçu e o rio Anhanduí, este último formado pelos córregos Prosa e Segredo. Isto evidencia a presença dos descendentes dos portugueses nos campos, onde mais tarde surge o povoado de Campo Grande.

Conforme Weingärtner (1995), no século XIX, a falência das minas de ouro de Cuiabá, de Minas Gerais e outras localidades provocam nestas províncias instabilidades políticas e econômicas. Estes fatores possibilitam a migração de cuiabanos, goianos, mineiros, paulistas e gaúchos para o sul de Mato Grosso. Estes novos bandeirantes vêm atraídos pela fertilidade do solo, pela grande quantidade de gado bovino nos campos de Vacaria e Pantanal, e fundam núcleos populacionais ou reativam outros.

Weingärtner (1995) traz que, após a Guerra com o Paraguai intensificar-se a migração para o Sul de Mato Grosso. Em 1872, José Antônio Pereira acompanhado de dois filhos e mais alguns homens saem de Monte Alegre, Minas Gerais, de onde outros já haviam saído, rumo às terras do Sul de Mato Grosso. Atravessam o rio Paranaíba, penetram o Sul de Mato Grosso, passando por Sant'Ana do Paranaíba e pelo rio Sucuriú, transpõem os cerradões do rio Pardo, e acampam nas terras onduladas da Serra de Maracaju. Em agosto de 1875 chega a Campo Grande José Antônio Pereira, conduzindo sua expedição composta de onze carros mineiros, os quais, além das provisões necessárias aos primeiros tempos, traziam também sementes, mudas diversas, inclusive cana-de-açúcar e café. Em seguida à sua chegada José Antônio Pereira se entende com Manuel Vieira de Souza, e se juntam para organizar a ocupação de Campo Grande. Em pouco tempo Campo Grande adquire características de um vilarejo em franco desenvolvimento. As qualidades do lugar, ou seja, a fertilidade do solo e a facilidade de se conseguir terra para instalar suas fazendas, atraem outros migrantes vindos das diferentes Províncias.

Weingärtner (1995) traz que a implantação do povoado em Campo Grande ocorre nas encostas da Serra de Maracaju. O desenvolvimento de Campo Grande não tardou em polarizar as atenções dos fazendeiros dos

Campos de Vacaria e de todo o planalto de Maracaju, transformando o arraial em entreposto comercial de gado entre o Triângulo Mineiro e todo o Sul de Mato Grosso. Esta atividade econômica se fazia cada vez mais intensa, Campo Grande revela-se no Sul de Mato Grosso no mais ativo centro de comércio de gado.

Weingärtner (1995) narra que chegam a Campo Grande, a serviço da Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o engenheiro Emílio Schcnor e sua comitiva. Vieram estudar o terreno e definir o traçado da ferrovia. O contrato assinado entre o governo federal e a Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, permite a esta companhia interferir na estruturação de área urbana, elaborando para aquelas cidades situadas no traçado ferroviário, um planejamento para disciplinar a ocupação urbana e sugere às Intendências Municipais, um Código de Postura, no qual, além de estabelecer diretrizes de ocupação, define algumas medidas de higiene e saúde pública. Com isso, as cidades ganham um traçado xadrez onde, além de reordenar a aglomeração existente, prevê a expansão urbana.

Em Campo Grande, o planejamento urbano sugerido pela Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil estabelece um centro onde se localizam as casas comerciais, residências, sede de alguns órgãos públicos, prevê a criação de bairros, entre eles, o bairro ferroviário que abrigaria o conjunto de serviços e residências de seus trabalhadores. Mais tarde, em 1921, este planejamento permite a expansão da cidade com o surgimento do bairro Amambá. Este bairro, inicialmente, destinava-se ser ocupado pelas residências e unidades militares da Circunscrição Militar.

Em 14 de outubro de 1914 chega a Campo Grande a comitiva que realizava a inauguração oficial da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A ferrovia provoca o afluxo de imigrantes e migrantes, sendo que entre estes últimos estão os funcionários da Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Um outro fator que facilita a divulgação das ideias são os jornais. Os primeiros que circulam em Campo Grande são: *O Estado de Mato Grosso*, junho de 1913, fundado pelo Dr. Arlindo de Andrade Gomes; *A Ordem*, em setembro de 1916; *Correio do Sul*, em março de 1917; *O Sul*, em junho do

mesmo ano. Alguns destes jornais pioneiros desaparecem e dão lugar ao surgimento de outros. Todos eles noticiam os acontecimentos políticos locais, tecem críticas à política do governo estadual, e divulgam os acontecimentos sociais. Com a ferrovia, a cidade passa a receber com frequência jornais editados em São Paulo e Rio de Janeiro, desta forma os campo grandenses se inteiram dos acontecimentos ocorridos na capital federal e demais Estados litorâneos.

A regularização das viagens ferroviárias facilita a exportação do gado, madeira e a importação de produtos industrializados, e propicia, também, aos campo grandenses mais conforto nas viagens de negócio e lazer.

Após a ferrovia, alguns fazendeiros sul mato grossenses fixam residência em Campo Grande, para melhor dirigir seus negócios e ao mesmo tempo, se inteirar dos acontecimentos políticos locais, estaduais e federais.

A ferrovia favorece a transferência do eixo econômico Cuiabá e Corumbá, através do rio Paraguai, para Campo Grande e São Paulo.

Simultaneamente, à regularização das viagens ferroviárias, o governo federal, em 1921, por meio do Ministério da Guerra Pandiá Calógeras, transfere de Corumbá para Campo Grande, o comando da Circunscrição Militar. Este conjunto congregaria todas as unidades militares sediadas no Estado de Mato Grosso. Campo Grande assume o “*status*” de capital militar. Os militares trazem de outros Estados novas ideias e experiências políticas. A permanência destes, em Mato Grosso, obedece a critérios e interesses do Comando Militar. Quando concluem a tarefa ou a missão para a qual foram designados, são transferidos para outra localidade dando lugar à vinda de outros. A interação entre militares e campo grandenses, o constante remanejamento destes militares possibilitam a renovação de ideias, permite também, a repercussão e influencia do tenentismo no movimento divisionista. A presença dos militares objetiva manter a ordem e a disciplina no Sul de Mato Grosso, e coibir as manifestações divisionistas.

Em 1930, Campo Grande conta com 12 mil habitantes, está dotada dos principais órgãos administrativos estaduais e federais, Poder Judiciário e outros serviços. O comércio conta com mais de 200 estabelecimentos, três agências bancárias, uma agência de Correios e Telégrafos, vários estabelecimentos de

ensino público e privado, iluminação elétrica, abastecimento de água canalizada, telefones e vários clubes recreativos. As propriedades localizadas no município de Campo Grande estão interligadas com a sede através de estradas carroçáveis, facilitando, desta forma, o escoamento da produção destas propriedades. O movimento na estação ferroviária, causado principalmente pela exportação de gado, madeira e outros produtos, e a importação de bens industrializados é intensa, contribuindo para que a arrecadação tributária de Campo Grande seja de 28%, em relação à arrecadação de Mato Grosso.

A partir de 1930, Campo Grande, tendo em vista sua importância socioeconômica e política, concentra as discussões sobre a divisão do Estado.

Todo o trajeto do Estado, por meio da sua história, influenciou a sociedade de modo geral, entretanto, o foco da pesquisa é a ortografia, presente em todos os contextos, e sendo modificada e transformada a cada momento histórico aludido.

A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foi inaugurada em 1914, até o rio Paraguai, chegando a Corumbá em 1952. Foi nos anos 1960, 1970 e 1980 que a ferrovia viveu seu apogeu, sendo chamada por alguns, erroneamente, como o Trem da Morte (visto que o verdadeiro Trem da Morte era a sua extensão boliviana a partir de Puerto Suárez).

Desde o Segundo Império (meados do século XIX) se discutia a construção de uma ligação férrea do longínquo Mato Grosso ao litoral brasileiro. Até então o acesso poderia ser feito exclusivamente por navegação pela bacia platina, o que dependia de relações com a Argentina e o Paraguai. A Guerra do Paraguai/Tríplice Aliança (1864-1870) evidenciou a crítica falta de meios de transporte àquela região. Um exemplo foi o primeiro contingente brasileiro enviado após a declaração de guerra (confira no artigo sobre A retirada da Laguna), que demorou oito meses para percorrer os mais de dois mil quilômetros entre a Capital Imperial e a vila de Coxim, na então província do Mato Grosso. Quando a coluna militar chegou ao seu destino, este já estava abandonado e queimado pelos paraguaios.

Assim, cogitaram-se vários planos para a construção de uma ferrovia. Um dos traçados imaginados (1871) foi entre Curitiba e Miranda, que seria

concedido ao Barão de Mauá, entretanto nem sequer foi aprovado. Outro traçado seria entre Uberaba e Coxim, justamente o caminho percorrido pela coluna militar supracitada. Em 1890, já sob a égide da República, foi feita concessão do privilégio de zona ao Banco União de São Paulo, que muito depois realizou estudos apenas do trecho inicial, que nem sequer chegou a ser executado.

Em 1904 foi criada a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, para quem então a concessão foi transferida. Entretanto, a Companhia Paulista percebeu que a nova rota acabaria desviando o tráfego diretamente para Minas Gerais e Rio de Janeiro, passando fora do estado de São Paulo, o que seria prejudicial aos seus negócios. Assim, sob seu patrocínio, o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro divulgou parecer técnico, sugerindo que a nova ferrovia deveria partir da então vila de São Paulo dos Agudos (localidade já alcançada pelas linhas tanto da Paulista quanto da E.F. Sorocabana), e com destino a Cuiabá.

Como o traçado da Sorocabana já estava na iminência de alcançar a vila de Bauru, decretou-se então que a Noroeste deveria partir dos trilhos da Sorocabana em direção a Cuiabá.

Conforme narra o padre Santos (2013), no ano de 1875, inspirado por um sonho, Dom Bosco envia o primeiro grupo de salesianos à América do Sul, dando início a uma verdadeira aventura missionária para levar o evangelho aos jovens, a porção mais delicada da sociedade.

Em 14 de julho de 1883, sete sacerdotes salesianos, coordenados pelo inspetor Pe. Luís Lasagna, chegam ao Brasil, estabelecendo-se em Niterói (RJ), onde hoje funciona a primeira escola salesiana no país, o Colégio Santa Rosa, e o Colégio Salesiano Região Oceânica.

Conta a história que, antes de abrirem janelas para a evangelização e a educação no Brasil, os salesianos viveram uma situação curiosa quando chegaram à nova morada. Eles não encontraram a chave da casa, e o encarregado não aparecia. Após muitas tentativas, uma janela se abriu. Por ela entraram os nossos primeiros salesianos.

Em 18 de junho de 1894, desembarca na capital mato-grossense o primeiro grupo de salesianos sob a chefia do Bispo Dom Luís Lasagna. Eram

cinco jovens missionários que logo iniciaram suas atividades na Paróquia de São Gonçalo do Porto.

No ano de 1894, dois anos depois, Dom Antônio Malan é escolhido para compor a expedição missionária e iniciar a obra salesiana em Mato Grosso, chefiada pelo Bispo Dom Luiz Lasagna. Infelizmente este morre num desastre ferroviário em 1895. Cabe ao Pe. Malan dar continuidade aos projetos do falecido bispo, sendo o primeiro Inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso.

Funda os colégios de Cuiabá e Corumbá, as Escolas Agrícolas de Coxipó da Ponte e Palmeiras e as missões do Sagrado Coração do Rio Barreiro, da Imaculada no Rio Garças e de São José no Sangradouro entre os índios bororos.

No final de 1894, em novo terreno, começam o trabalho educativo fundando o Colégio São Gonçalo em Cuiabá.

No ano de 1895, com as recém-chegadas Filhas de Maria Auxiliadora, os Salesianos já assumem o trabalho junto ao povo Bororo, às margens do Rio São Lourenço na Colônia Teresa Cristina/MT.

No ano de 1908, o governo brasileiro promoveu uma grandiosa exposição no Rio de Janeiro, para comemorar o centenário da abertura dos portos às nações amigas. Para tomar parte nesse evento, foi convidada a banda musical dos índios Bororos da Missão salesiana Sagrado Coração do rio Barreiro.

Em 1914, a Santa Sé cria a Prelazia do Registro do Araguaia e nomeia o Pe. Antônio Malan seu primeiro prelado com a dignidade de bispo titular de Amiso, sendo ordenado no dia 15 de agosto do mesmo ano em São Paulo. Em 1924 é transferido para Petrolina, Pernambuco, onde trabalha com todo o ardor até o dia 28 de outubro de 1931, quando vem a falecer.

A presença salesiana em Mato Grosso, onde, há mais de 120 anos, continua-se, com ardor, o trabalho missionário evangelizando e educando.

No próximo capítulo abordaremos a base teórica de nosso trabalho a partir dos princípios da HL.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A investigação de determinado assunto depende fundamentalmente de teorias que auxiliam para o estudo de um dado *corpus*, desde sua concepção a sua concretização, considerando que, para que uma investigação científica tenha veracidade é indispensável que haja essa contribuição teórica, que subsidiará os estudos.

Neste contexto, tem-se como subsídios teóricos o suporte da Historiografia Linguística, principalmente, sendo imprescindível para a nossa investigação, por se tratar de um acervo de conhecimentos que estão inter-relacionados em seu contexto histórico, para refletirmos sobre as transformações ocorridas na ortografia da língua portuguesa, no espaço compreendido entre os anos 1914 e hoje, tendo como *corpus* os vocábulos que sofreram transformações ao longo dos anos, antepostas no *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*.

Gomes e Ferreira (2015, p. 09) trazem a relevante contribuição aos acadêmicos, principalmente de Letras, com a apresentação do panorama da historiografia linguística até chegar aos estudos desenvolvidos em território nacional, de sua origem até o momento presente. Destacando sua origem e a metodologia de trabalho proposta por Koerner (1996) para que se possa entender o trabalho do historiador linguístico, sem confundi-lo com a história ou simplesmente com a gramática normativa.

Gomes e Ferreira (2015) traçam, de forma bastante didática, as linhas gerais da historiografia linguística, servindo como uma introdução ao tema para pesquisas vindouras, aproveitando que a área está em ascensão.

2.1. Historiografia Linguística

Aclarar uma definição para a Linguística torna-se uma incitação, porque ela incorpora um extenso campo de estudo da linguagem. Podemos sintetizá-

la como sendo a ciência da linguagem, que se envolve com língua humana e com as ciências naturais, tendo como ocupação analisar a estrutura e o funcionamento das línguas. Como ciência investiga metodologias para explicar e descrever fenômenos linguísticos. Dessa forma, testa métodos em que procura descobrir a estrutura linguística e o seu funcionamento. O linguista é um estudioso dos processos porque a língua passa, em sua estrutura e nos aspectos essencialmente humanos.

Para Lopes (1993, p. 24) a linguística se realça como uma ciência de ação recíproca disciplinar. Ela toma emprestada a sua instrumentação metalinguística dos dados elaborados pela estatística, pela Teoria da Informação, pela Lógica Matemática, etc., por outro lado, na sua qualidade de ciência-piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Teoria e Crítica Literária, etc., enfim, ela se dá, como Linguística Aplicada, ao Ensino das Línguas e à Tradução Mecânica.

Para Borba (1984, p. 54), a Linguística, de algum modo, está implexa ou relacionada a outras áreas do saber e seus estudos corroboram com sugestões metodológicas com outras ciências e todo esse campo de atuação tem contribuído de maneira proveitosa aos estudos das línguas.

Lopes (1993, p. 26) adverte que, é preciso um zelo todo especial para que ciências tão semelhantes não sejam deturpadas, como a Linguística, a Filologia e a Gramática. Em conformidade com esse contexto "a filologia constitui uma modalidade e urna etapa histórica da Linguística - Linguística Diacrônica".

Para Batista (2013, p. 48) passamos a reconhecer outra ciência relacionada à Linguística, a Historiografia Linguística, doravante HL, que se apresenta como "o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico", ou seja, o estudo das línguas através do tempo, levantando dados passados para se explicar as mudanças que ocorreram e ainda ocorrem nas palavras usualmente. Ela trata da interpretação das mudanças - fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais, ao longo do tempo, por que passa determinada língua ou uni conjunto de línguas ao serem usadas, respeitando a cultura de cada povo que a utiliza como meio de comunicação e o contexto geográfico e territorial em que esse povo está inserido.

Para Nascimento, (2005, p. 18), a historiografia linguística tem por finalidade lidar com “[...] questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos.”

Concordando com Nascimento confirmamos que a historia aproxima o seu povo. A historia é reconhecida como algo diferente, temos uma nova leitura e esta mostra a sua preocupação com o novo usuário da língua, ou seja, temos uma nova forma de analisar historicamente os acontecimentos.

Swiggers (2012, p. 2) lembra que “a historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e explicação em termos de fatores intra e extra-disciplinares.”

Como se vê, a expressão historiografia linguística carrega consigo a noção de cruzamento entre elementos históricos e linguísticos, ou seja, essas duas áreas de conhecimento trabalham de forma conexa.

Para diferenciar o cerne do trabalho da história e do historiógrafo, Godoy (2009, p. 79) diz que “(...) enquanto a história estudava a narrativa dos acontecimentos históricos, a historiografia começou a estudar e registrar esses acontecimentos para reconstruir o passado por meio da interpretação dos fatos à luz do espírito da época.”

Apesar de se ocupar de elementos das duas disciplinas, a Historiografia linguística baliza o campo de atuação de cada pesquisador envolvido em uma pesquisa.

Há uma clara interdisciplinaridade, que serve como um marcador de espaço de atuação, como bem diz Nascimento (2005):

(...) não há nada de errado no comportamento interdisciplinar, muito pelo contrário: as contribuições do linguista para o historiador, e vice versa, têm sido fundamentais, na medida em que, delimitadas as fronteiras de ambas as especificidades, os pesquisadores possam interpretar representações inscritas no documento escrito, decorrentes de atitudes de diálogo e de troca de resultados de pesquisas.

Gomes e Ferreira (2015, p. 09) advertem que além da relação história-historiografia, há em sua intersecção disciplinas como a linguística, a história, a filosofia e da sociologia, mantendo assim sua marca multidisciplinar.

Com essa tese, os autores elucidam que não é necessário mais verificar a história tão apenas como registro, e, sim, como um novo olhar, ou seja, resgatar também a história linguística. Essa nova leitura traz uma maneira de se estudar a história a partir de acontecimentos cotidianos do homem, não há mais necessidade de verificar os grandes feitos.

Para Swiggers (2012, p. 1), a HL tem prosperado nos últimos 20 anos, principalmente na Europa e na América, com a editoração de periódicos de qualidade, o aumento no número de profissionais e pelas sociedades nacionais e internacionais dedicadas à historiografia linguística.

Mata e Gomes (2013) discorrem que a HL retrata e explica como se gerou o conhecimento ao longo do tempo em determinado contexto. Esse tipo de trabalho é produzido a partir da “dimensão interna” e da “dimensão externa”, ou seja, respectivamente, o aspecto cognitivo e o social e individual. Assim, a historiografia linguística faz uma leitura dos acontecimentos históricos, tendo como fundamento, documentos que ressaltam a evolução da língua no decorrer do tempo, ou em um dado recorte histórico.

A HL tem como finalidade avaliar de forma sistematizada a língua em épocas antecedentes, canalizando principalmente a escrita, considerando que a estrutura gramatical é preservada por mais tempo no documento escrito, enquanto o texto oral é mais vulnerável a mudanças e seu registro nem sempre é possível.

De acordo com Godoy (2009, p. 178), a HL ganha formato a partir da *Escola dos Annales*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, e sua metodologia é legitimada por Konrad Koerner. salienta que o ideal de Annales:

Eles, ao fundarem a Escola dos Annales, tiveram a preocupação de mudar o foco da história que só admirava os grandes heróis e os seus grandes feitos. A partir dessa nova concepção, temos um novo paradigma na Historiografia. Os autores Marc Bloch e Lucien Febvre defenderam uma história que se aproximasse do povo.

Desse modo a *Escola de Annales* confronta a ideia de que o documento oficial era o único retrato da realidade. Nesse sentido Nascimento (2005, p. 11) afirma que:

Enquanto registro das atividades do homem, o positivismo do fim do século XIX esclarecia que o documento escrito, de modo particular, o oficial, assumia um peso de prova histórica. Essa objetividade era garantida pela posição que aquela corrente externava, ao postular fidelidade do texto aos fatos da realidade. Por isso, desprezava-se qualquer possibilidade de influências implícitas na ação do produtor do documento, fato que fez com que se entendesse o documento escrito como reflexo fiel da realidade. Em decorrência disso, apregoava-se que o melhor historiador era aquele que fosse capaz de registrar com maior fidelidade o acontecimento. As outras formas de registro, em que se mantinha maior subjetividade, eram tratadas como marginais.

A leitura anterior é sucedida pela noção de que o documento não necessariamente reflete com fidelidade a realidade, sofrendo as intervenções das ações humanas que o circundam.

Conforme Nascimento (2005), posteriormente, a Escola dos *Annales* altera esse juízo positivista de História, e simultaneamente apresenta que o histórico se faz a partir das ações humanas e integra o documento. Por conta disso, a Escola esclarece que o documento não fala por si próprio, mas necessita de questionamentos para ser compreendido. Assim, o ponto de partida para a pesquisa histórica passa do documento para o problema.

Para Mata e Gomes (2013), a partir das mudanças advindas da Escola de *Annales*, o fazer historiográfico passou a fazer parte deste movimento. Os fatos históricos passaram a ser sondados linguisticamente, o passado passou a ser reconstruído através de ângulos diferentes, inéditos até então.

Esclarece Godoy (2009, p. 182), para outra corrente que impulsionou os estudos da historiografia linguística foi a escola anglo-saxônica. É nessa conjuntura que se encontram os representantes Koerner e Swiggers, responsáveis por estruturar uma metodologia para a pesquisa historiográfica linguística.

A atividade de análise sucede no exame de textos escritos para elucidar as mudanças que ocorreram através dos tempos nos vocábulos, e a partir disso, tentar compreender e adquirir um novo conhecimento sobre as línguas por meio de investigação, descrição e avanços nas pesquisas historiográficas. No entanto, a HL deve sempre estar relacionada a outras áreas de conhecimento, para explicar e refletir sobre a língua no aspecto histórico, em

dado momento, ou seja, investigando as mudanças que ocorreram nas línguas, determinando um período específico para a compreensão desse processo. Nesse propósito, nossa investigação delinea uma análise sobre as alterações que ocorreram na ortografia, no caso em estudo, temos no *corpus* vocábulos do século XX, retirados do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, do ano de 1914. Para se esclarecer essas mudanças, fundamentamo-nos nos debates e pesquisas acerca da Linguística Histórica, que apresenta em sua metodologia os pressupostos de Konrad Koerner (1996), dos quais mencionamos três princípios:

a) *contextualização*: momento histórico da construção das teorias, período em que as ideias, de modo geral interligam-se;

b) *imanência*: princípio que explicará os fatos linguísticos;

c) *adequação*: este princípio busca estreitar a distância entre o passado e o presente, pois é por meio do confronto que se pode perceber as mudanças linguísticas.

Estudando Koerner (1996, p. 58), encontra-se que nos anos de 1980 ocorreram discussões sobre princípios e procedimentos metodológicos para sistematizar as pesquisas da historiografia linguística. Koerner (1996) apresenta os obstáculos para delimitar a metodologia da historiografia linguística, são muitos os problemas metodológicos e epistemológicos que defronta o historiógrafo da linguística. Estes incluem questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa. Assim sistematiza três etapas para o trabalho e para a legitimação da historiografia linguística. Ele discute os elementos internos e externos que definem os limites entre a história e a linguística.

Para Koerner (1996, p. 60), o primeiro princípio, da contextualização, diz respeito ao estabelecimento do clima de opinião geral do período em que as teorias se desenvolveram. Por meio da contextualização o historiador visita ao passado e entende o presente, contextualizando a história do documento e estabelecendo o clima de opinião de um recorte histórico.

Para Bastos e Palma, (2004, p. 17) “[...] trata-se de traçar o clima de opinião (espírito da época), observando-se as correntes intelectuais do período e a situação socioeconômica, política e cultural [...]”

O princípio da contextualização leva em conta aspectos sociais, geográficos, políticos, econômicos etc.; que influenciam o sistema linguístico da época. Conforme Koerner (1996, p. 60): “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período.”

Matos e Gomes (2013) reportam-se ao segundo princípio, a Imanência, cujo apresenta as dimensões internas da língua, buscando a língua em documentos históricos, ou seja, a busca da análise da língua em si mesma. Assim, analisa-se o quadro linguístico da época, verificando a terminologia adotada para assim compreender a língua e a sua estrutura interna. Para Koerner (1996, p. 60), “[...] o próximo passo consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico [...].”

Por último, o princípio da adequação, que segue a perspectiva interna da língua, de forma complementar, se aproximando ou se distanciando de um olhar temporal e cultural do recorte histórico, em especial, o linguístico, observadas as aproximações terminológicas da língua. Para Koerner (1996, p. 60), unificado aos dois primeiros princípios, numa tentativa de comparar os momentos históricos que evidenciam a evolução/mudança de uma determinada língua. Os princípios metodológicos propostos por são estabelecidos para organizar e providenciar fidelidade ao estudo por meio dos documentos, tornando o fazer historiográfico mais amplo e robusto.

Para Matos e Gomes (2013), a historiografia linguística mantém o mesmo objeto de discussão e de análise: a língua. A língua é analisada em sua manifestação escrita, a partir de situações formais e informais. Os aspectos sociais, culturais, geográficos, políticos e econômicos, interferem no sistema linguístico no texto escrito. Tais documentos representam um testemunho linguístico e histórico de um dado momento histórico, refletindo as correntes intelectuais daquele período.

Esses pressupostos devem ser estudados em conjunto, considerando que, um depende do outro para se desenvolver uma investigação científica. Assim, acentuamos que, fundamentando-nos no princípio da contextualização, fazendo um excerto do período histórico em que o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* fora estruturado e divulgado, no século XX, emoldurando

episódios importantes no desenvolvimento e criação dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul fazendo um excerto da época que está relacionada à divulgação do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*.

Conforme Batista (2013, p. 38) declara o propósito da HL é analisar, explicar e organizar dados, fatos, teorias e métodos que envolvem a linguagem através do tempo, para que dessa forma, ela passe a ser tratada com devido respeito. por sua importância nos trabalhos historiográficos, que têm como finalidade interpretar dados e apresentar as características de um tempo passado.

Desse modo, a HL nos conduz à compreensão dos fatos históricos, ou seja, o investigador ao analisar um fato utilizando a metodologia descrita pela historiografia preocupa-se com a genuinidade das informações, pois, sua base de análise parte de inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, e esse método, ainda, gera muita discussão sobre sua legitimidade, pois temos uma gama muito grande de manuscritos, e o pesquisador precisa estar atento a eles.

Por isso, conforme ensina Batista (2013, p. 40) em um contexto de comunicação, reconhecer os diferentes modos de tratamento de uma língua é mais fácil, pois são visíveis as diferentes formas de funcionamento da linguagem. Explicar esse processo leva o pesquisador a examinar a estrutura e o próprio funcionamento da língua, a fim de se criar teorias que deem conta de esclarecer as diversidades que ocorrem no falar das pessoas. Essa análise é feita ao longo de tempos passados. Levam-se em conta as contribuições de outras teorias, tanto de cunho científico quanto as de outra natureza, como a gramática tradicional ou mesmo do conhecimento popular como mitos, mitologias e visões religiosas.

Nesse viés a HL, segundo Bastos e Palma (2008, p.15), está relacionada a diversas áreas. A Historiografia se estabelece como método interdisciplinar, pelo fato de considerar a colaboração de outras disciplinas, como por exemplo, a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Geografia e também a Linguística, revelando-se, assim, a intenção de registrar os feitos humanos em sua totalidade.

Considera-se, então, que a Linguística deve estar diretamente ligada à

Historiografia para se desvendar as transformações que ocorreram, nesse caso, nas línguas e na linguagem nos séculos XIX e XX, período em que se iniciaram os estudos sobre a linguagem. Mas essa ciência não é tão contemporânea, a língua é objeto de estudo desde a invenção da escrita, pois, sempre houve a necessidade de elucidação de fenômenos que aconteceram em nosso falar ou mesmo ao transcrevê-lo. Nesse aspecto, como na comunicação oral as transformações são mais rápidas, na escrita observamos uma certa demora, ela procura conservar por mais tempo sua estrutura gramatical, por meio de acordos e regras, o que não acontece com o falar dos indivíduos, que muda constantemente, dependendo da região, aspecto social ou mesmo gênero e idade.

No Brasil, a HL, descrita por Matos e Gomes (2013), este, anterior ao seu descobrimento, já possuía uma história, afinal já tinha uma identidade, consolidada na pessoa dos nativos, os quais tinham uma cultura própria e uma língua própria com a chegada dos colonizadores novos costumes foram importados, o que elucida a miscigenação linguística, que não se limita simplesmente à relação língua natural – língua colonizadora.

Desse modo, a HL germina como uma matéria multidisciplinar desenhando os traços de uma língua, buscando compreender o revestimento que permeia a língua portuguesa.

Para desenvolver esse ofício de abstração da língua é necessário um trabalho de investigação de nossas raízes linguísticas, de conhecimento das contribuições para a historiografia linguística no Brasil.

Altman (2009) ao expor sobre a HL no Brasil, faz algumas considerações sobre a necessidade de ampliar a relação de estudiosos que contribuíram para o conhecimento da linguagem e das línguas. Para ela, minimizar os estudos dessa corrente a poucos nomes traz detrimento a uma compreensão mais intrínseca da questão, pois há muito tempo são feitos estudos nesse sentido. Por isso, a relevância de explorar os registros dos missionários, que apesar de não fazer parte no cânone produziram um admirável trabalho de descrição da língua. A prática dos missionários de catalogar as línguas (por elaboração de gramáticas ou vocabulários) contribuiu para estudos posteriores.

Religiosos franciscanos, dominicanos, agostinianos e jesuítas se esmeraram não apenas à catequese, mas também ao ensino da leitura e escrita, o que produziu uma contribuição no campo da produção linguística.

Altman (2009, p. 118) em relação à produção historiográfica dessa fase, traz que:

[...] Só para o século XVI afirmam ter registrado 212 trabalhos de missionários. Desses, 30 sobre línguas sul-americanas; 27 sobre línguas da América Central e 155 sobre o México, sendo que o Náhuatl clássico, língua dos astecas do México central, foi a mais representada, com 92 trabalhos. No século XVII, registaram mais de 250 trabalhos sobre as mesmas línguas; no XVIII, 210. Se incluirmos nessa conta as gramáticas missionárias escritas no período colonial sobre as línguas asiáticas (...) esse número cresce sensacionalmente [...]

O ofício dos missionários nos séculos XVI a XVIII gerou uma produção linguística efervescente para fazer nascer um elo entre os colonizados e os colonizadores. Os europeus catalogavam as línguas como uma forma de “lembrancinha” dos povos colonizados, como se fosse uma espécie de coleção. Sob a matéria, Altman (2009, p. 119), disserta que respeitadas as devidas proporções, é coerente imaginar que, para as Américas, espanhola e portuguesa, as línguas nativas das várias “nações” americanas também fossem objeto de curiosidade por parte dos europeus e, em consequência, objeto de coleções, ao lado de plantas, animais, costumes e instituições “exóticas”.

O trabalho linguístico dos missionários tinha dois aspectos: documentar a língua para produzir o conhecimento da mesma e descrevê-la para satisfazer a curiosidade acerca de um povo tão diferente.

No que diz respeito à ampliação das gramáticas que eram fruto do trabalho missionário, Altman lembra que:

Na medida em que os missionários foram sentindo a necessidade de também documentar a dialeção das línguas gerais, ao longo do século XVII e início do século XVIII, bem como a diversidade das línguas regionais e locais, várias outras gramáticas de outras línguas sul-americanas surgiram nos mesmos moldes. O Catálogo de 1800 do jesuíta Lorenzo Hervás (1735-1809) menciona 218 designações diferentes,

relativas a línguas e a dialetos que hoje situaríamos no território sul-americano (ALTMAN, 2009, p. 119).

A produção de gramáticas pelos jesuítas fundamentou trabalhos posteriores. Sobre a gramática de Anchieta, Altman diz:

Desenvolvida em dezesseis capítulos, sua gramática se inicia com um aparato geral das letras, ortografia, pronúncia e acento (1-9), seguido da exposição das propriedades da morfologia dos nomes (9-10v), dos pronomes (10v-17) e dos verbos, de longe a parte mais extensa da gramática (17v-40; 46-58v), intercalada com uma enumeração das preposições (40-46). Não há capítulos especialmente dedicados aos advérbios (embora a eles se faça menção em alguns pontos da gramática), às interjeições e às conjunções (ALTMAN, 2009, p. 121).

Para Mata e Gomes (2013), o trabalho de descrição linguística tinha de ir além do conhecimento formal, mas precisava de um tino de incorporação da língua estudada, a partir do desprendimento de moldes pré-definidos e uma pré-disposição de compreender a língua estudada como fossem nativos. Ainda que com limitações, o trabalho linguístico dos missionários abriu espaço para uma nova maneira de se fazer a gramática, onde o clássico cedeu espaço para uma linguística nova.

Conforme descrevem Gomes e Ferreira (2015, p. 19) dois estudiosos apontaram no século XIX e no século XX, a saber: Eduardo Carlos Pereira (1855) e Joaquim Mattoso Câmara (1904).

O estudioso Eduardo Carlos Pereira nasceu em 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerais. Atuou fortemente no Brasil no período denominado República Velha, oportunidade em que se dedicou ao trabalho de gramático e filólogo.

Segundo Almeida (2007, p. 84), Eduardo Carlos Pereira, pela sua produção acadêmica e atuação no magistério público estadual de São Paulo (capital), apresentou-se como filólogo, publicando a *Gramática Histórica e Questões de Filologia* como gramático, publicou a *Gramática Expositiva*. Em Pereira (1935), vemos a sua formação rica de gramático e estudioso da língua

portuguesa guiada pela prática docente concursando no então Ginásio do Estado de São Paulo.

Segundo Mata e Gomes (2013), Pereira contribuiu tanto na parte teórica quanto de forma atuante no magistério, fator que lhe trouxe experiência prática e contribuiu para sua formação ampla nas questões educacionais.

No trabalho de Pereira verificam-se, além da elaboração de gramáticas e artigos, obras de cunho religioso. Na tradução da Bíblia Sagrada presbiteriana (1917) fora colaborador, além de Trajano e Rui Barbosa.

Eduardo Carlos Pereira foi influenciado pela visão protestante, convertendo-se ao protestantismo presbiteriano, e abraçando a sua maneira de vida, tanto no aspecto religioso como no aspecto educacional.

Em face do projeto educacional trazido ao Brasil pelos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em meados do século XIX e início do século XX.

Para Gutierrez (2010, p. 1- 2), Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), um dos mestres da primeira geração de pastores presbiterianos brasileiros, teve o seu reconhecimento como professor e gramático, sendo professor por muitos anos na escola pública e autor de importantes obras sobre gramática. Ele contribuiu, também, de forma relevante, para a língua portuguesa em nosso país. Pereira usou um órgão da imprensa presbiteriana, *O Estandarte*, jornal que ele mesmo fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável. Escreveu artigos com vista a educar a sua denominação eclesiástica e a sociedade.

Pereira participou das questões educacionais em nosso país e deixou um legado teológico e secular, uma vez que sua atuação se vai da Igreja Presbiteriana até a elaboração das gramáticas em nosso país.

Segundo Matos e Gomes (2013), as gramáticas de Eduardo foram produzidas quando o país passava por mudanças na organização do ensino da língua. A fim de adequar os padrões de ensino do Colégio Pedro II a novos moldes, o diretor do colégio propõe a vários professores uma reestruturação do ensino secundário, o que ensejou uma efervescência no campo das produções de materiais didáticos.

Nesse contexto, Eduardo Carlos Pereira produz a *Gramática Expositiva – Curso Superior e Expositiva – Curso Elementar* em 1907 e, no ano de 1915 termina a Gramática Histórica, publicando-a em 1916.

Segundo Gutierrez (2010, p. 3-4), Eduardo Carlos Pereira adotou o ecletismo em sua obra. O ecletismo constava da união que ele fazia da corrente moderna, que dava ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupava com o elemento lógico na expressão do pensamento, mostrava que havia verdade nas duas e que o erro estava no exclusivismo de uma ou de outra. O ecletismo da sua maneira de ensinar fez com que ele fosse mais eficaz em seu ensinamento, transmitindo o conhecimento aos seus alunos e deixando marcas profundas em suas vidas. Havia um misto moderno-tradicional em sua obra. Enquanto a corrente moderna defendia a necessidade de um cuidado maior quanto à questão histórica da língua, a corrente mais tradicional pugnava por um olhar ao elemento lógico na expressão do pensamento.

Uma obra importante na carreira de Pereira foi *Gramática Expositiva – Curso Elementar*, composta de duas partes, uma que trata do léxico e outra que aborda a sintaxe. Dentro de cada uma dessas partes existem subdivisões, onde são tratados, por exemplo, a fonética, ortografia, etc.

No século seguinte se destacou Joaquim Mattoso Câmara Jr., nascido em 13 de abril de 1904, no Rio de Janeiro, estudou Arquitetura e Direito, mas sua satisfação era o magistério.

Para Ferreira (2008, p. 09), esse linguista teve papel importante nos estudos e na história da ciência linguística no Brasil. Instaurou o estruturalismo, doutrina que abrangia todas as ciências humanas a partir das primeiras décadas do século XX. Essa doutrina propunha a compreensão da totalidade, no caso específico, a língua, como estrutura definida pela relação de funcionalidade entre os elementos constituintes.

Mattoso Câmara Jr. se destacou como linguista e foi quem trouxe o estruturalismo para o Brasil.

Para Ferreira (2008, p. 10), a grande e pioneira contribuição do linguista brasileiro foi, portanto, a de descrever a língua com o referencial teórico estruturalista. O livro *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, publicado em

1953, constitui-se no primeiro trabalho de orientação estruturalista acerca da língua portuguesa do Brasil por um autor falante dessa língua. A produção acadêmica mattosiana com o objetivo de renovar a orientação doutrinária e metodológica dos estudos gramaticais do português ampliou-se. Surgiram outros trabalhos como: *Dicionário de Fatos Gramaticais* (1956), que a partir da 2ª edição (1954) passou a chamar-se *Dicionário de Filologia e Gramática*; o trabalho intitulado *The Portuguese Language* (1972), traduzido por Anthony Naro (1975) com o título *História e Estrutura da Língua Portuguesa; Problemas de Linguística Descritiva* (1969); e a obra póstuma e inacabada *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970).

Para Rodrigues (2005, p. 15) das produções de Mattoso, o que teve grande propalação no Brasil e que tem mais contribuído para divulgar conhecimentos científicos sobre a linguagem que ele intitulou de *Princípios de Linguística Geral*, cuja primeira edição em livro saiu em 1942, mas que já fora em parte publicado parceladamente na *Revista de Cultura* durante os anos de 1939 e 1940. Durante um quarto de século, foi o único texto introdutório à linguística produzido em Língua Portuguesa, e, mesmo agora, continua sendo o mais abrangente, mais sólido e melhor escrito.

Conforme Ferreira (2008, p. 1) partir do mestre surge toda uma geração de linguistas que percorreu o instigante e curioso universo da comunicação humana, entre os quais podemos citar Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Cléa Rameh, Yone Leite, Eunice Pontes, Leda Bisol e outros.

Celso Cunha é outro nome de destaque no século XX. Nascido em Otoni, Minas Gerais, em 10 de maio de 1917, Celso Cunha se destacou por ser professor, ensaísta e filólogo. Apesar de Celso Cunha ter se formado em Direito, seu foco foi no curso de Letras. Contribuiu com o estudo dos cancioneros, com as gramáticas e os ensaios de reflexão da língua.

O estudo dos cancioneros foi importante para o conhecimento e origem da língua, e serviram como tese de concurso.

Segundo Matos e Gomes (2013), “sua dedicação às gramáticas, pode-se destacar o Manual de Português, que foi publicado em 1965.” Além desse importante trabalho, pode-se apresentar ainda: Editou uma Gramática do Português Contemporâneo (1966), uma Gramática Moderna e uma Gramática

da Língua Portuguesa (1972). Seu último trabalho de vulto foi a Nova Gramática do Português Contemporâneo, escrita em colaboração com Luís Filipe Lindley Cintra, da Universidade de Lisboa. O livro trabalha na chamada linguística contrastiva, que busca um código contrastivo da lusofonia. Nele se examinam, pela primeira vez, em confronto, as normas brasileira, portuguesa e africana do idioma.

Com relação aos ensaios sobre a língua, Celso Cunha produziu Língua portuguesa e realidade brasileira, A questão da norma culta brasileira, Uma política do idioma, Conservação e inovação do português no Brasil, Língua, nação, alienação e Em torno do conceito de brasileirismo.

Celso Cunha também foi coordenador geral do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta Projeto NURC, em 1972; coordenador do Projeto de Estudo da Fala dos Pescadores na Região dos Lagos Projeto APERJ, em 1980; coordenador do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – Projeto APERJ, em 1986. Foi ainda membro do Conselho Federal de Cultura, participante da Comissão de Textos da Unesco e representante do Brasil no Instituto Internacional de Língua Portuguesa.

A Universidade de São Paulo se destaca na historiografia linguística. Entre os nomes que se destacam na área, podemos citar: a professora Maria Cristina Fernandes Salles Altman, que conta com um admirável currículo na área de linguística e tem vasta experiência na matéria, e é responsável por vários trabalhos nessa seara. De acordo com os dados do Departamento de Linguística da USP, Altman é também coordenadora do CEDOCH –USP – Centro de Documentação em historiografia linguística – centro complementar de pesquisa em historiografia linguística do mesmo Departamento, professora titular, trabalha no projeto “Documenta Grammaticae et Historiae – Projeto de documentação linguística e historiográfica”, cujo objetivo principal é: “a construção e disponibilização de corpora representativos da tradição gramatical-colonial ibérica”.

Para Matos e Gomes (2013), outro nome que dedica seus estudos e pesquisas à historiografia linguística é Olga Ferreira Coelho, também docente da USP. Sua área de interesse é historiografia linguística nos séculos XIX e XX, ela também atua no projeto Documenta *Grammaticae et Historiae*, esse

projeto de pesquisa iniciou-se em 2006 e está em andamento com 8 alunos da graduação e 4 do mestrado acadêmico. Os objetivos desse projeto incluem a construção de glossários eletrônicos das línguas que se desenvolveram em solo nacional, bem como o auxílio para a preservação dessas línguas.

Além disso, a USP tem um Centro de Documentação de historiografia linguística, cujos pilares se sustentam no seguinte:

Os objetivos do CEDOCH incluem:

- 1) a constituição de um serviço de documentação relativo às atividades científicas, culturais e profissionais em ciências da linguagem no país;
- 2) a organização de bancos de dados;
- 3) o levantamento, catalogação e constituição de acervo(s) e coletâneas de fontes primárias, textuais, gráficas, audiovisuais, relativas aos agentes, aos contextos e aos produtos da atividade em ciências da linguagem no país;
- 4) a investigação de métodos e tecnologias apropriadas para a condução de trabalhos pertinentes à sua especialidade;
- 5) a divulgação de suas atividades, mediante publicações e cursos;
- 6) a promoção de atividades de pesquisa e de prestação de serviços pertinentes à sua especificidade, inclusive por convênio.

É da USP que emanam a maioria dos pesquisadores da área. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é outra instituição de ensino que está se destaca na historiografia linguística.

Em seu Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, conta com três linhas de pesquisa, sendo que a primeira é dedicada aos estudos descritivos e histórico-historiográficos da língua portuguesa, considerando a relação sistema e uso. O professor doutor Jarbas Vargas

Nascimento é um dos professores da PUC-SP que se destaca na área.

A Universidade Federal de Goiás (UFG), também se dedica ao estudo da historiografia linguística. O Grupo de Pesquisa “IMAGO Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem” surgiu em 2006 e atualmente possui vários projetos em andamento. O professor doutor Sebastião Elias Milani é um dos nomes que tem se dedicado a estudos nesse campo. (MATOS & GOMES, 2013)

A Universidade Estadual de Goiás também se destaca na área de historiografia linguística. O curso de letras dessa universidade conta com um grupo de pesquisa nessa área de conhecimento e criou em de 2009, a Revista Eletrônica Expedições: Teoria da História e Historiografia.

2.2. Concepções de Konrad Koerner

Frente aos aspectos teóricos relacionados à HL e, posteriormente, esta alcança o *status* de ser reconhecida como disciplina, e a partir desse marco surgem metodologias novas. Para a presente investigação, fundamentamo-nos nas contribuições e reflexões metodológicas desenvolvidas por Konrad Koerner (1996), mais exatamente nos princípios da Contextualização, Imanência e Adequação, procurando realizar um esclarecimento sobre a importância desses princípios para o desenvolvimento, análise e conclusão da investigação, que tem a finalidade de apontar as mudanças ortográficas ocorridas no século XX, mais precisamente na produção textual do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* e o reflexo dessas alterações em nossa escrita atual.

Koerner (1996) propõe como válida uma pesquisa que esteja conexa à linguística, a história, a filosofia e a história das ciências; e para que isso ocorra, o historiógrafo da linguística deve estar inteirado de seu papel em relação à linguagem, a maneira e as habilidades a serem desenvolvidas em uma pesquisa, como também, é preciso conhecer assuntos históricos em geral, dessa maneira, o pesquisador está considerado apto a iniciar sua investigação. Com o perfil descrito por Koerner (1996) o pesquisador é capaz de explicar episódios que ocorreram com a língua ao longo do tempo, o que foi utilizado pelos falantes em um momento de comunicação e seu desenvolvimento linguístico em contextos sociais e históricos.

Prosseguindo a discussão teórica, apresentamos a seguir uma reflexão sobre os três princípios metodológicos de Koerner, que serviram de subsídios a esta pesquisa.

Como primeira proposta, iniciamos com a Contextualização, compreendida como a investigação historiográfica externa à língua, ou seja, é o momento da verificação de todo o contexto a que a língua está inserida. como parte integrante de uma sociedade e/ou comunidade, relacionando também a aspectos geográficos, políticos, etários e de gêneros.

Batista (2013, p. 76) disserta sobre esse aspecto afirmando que esse princípio é responsável por posicionar uma obra e seu autor num panorama de reflexão mais amplo, considerando que a produção e a recepção de ideias não se dão de forma isolada, uma vez que os diferentes campos dos estudos da linguagem, exatamente por lidar com o componente que ajuda a definir o homem diante de outras espécies, encontram-se em relação constante com outros horizontes de reflexão sobre o que constitui o homem e sua produção intelectual e social nos diferentes recortes históricos.

É notório, por meio da elucidação teórica, que pelo princípio da contextualização, a pesquisa deve encontrar-se situada historicamente. Nessa perspectiva, o historiógrafo precisa atentar-se a todos os aspectos relacionados ao momento em que seu corpus está inserido, fazendo um recorte da época. No caso da presente produção, foi feito um excerto da época em que o *Album Graphico do Estado de Matto Grosso – 1914* – publicado no século XX, descrevendo a comunidade, a sociedade, a influência política do período em questão e sua importância para a presente produção acadêmica. O excerto do período foi realizado por meio do contexto histórico do Estado de Mato Grosso, a Retirada da Laguna, a criação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - esse importante documento está inserido nesse conjunto histórico.

O segundo princípio metodológico redigido por Koerner (1996) é pertinente à Imanência, que vem compreender uma análise, nesse caso, da linguagem, mais especificamente, de forma histórica e crítica, preocupando-se com seu contexto de produção e recepção, sempre estando de acordo com o período em que a pesquisa estiver inserida.

Assim, Batista (2013, p. 76) insiste que o que se intenciona é compreender o objeto de análise em sua própria natureza e configuração social e temporal, isto é, analisar o pensamento linguístico tal como ele se define.

Considerando a assertiva de Batista observa-se que a imanência está ligada à fidelidade do objeto ao seu contexto, sem aproximá-la de outras áreas do saber. O historiador deve ter um pensamento crítico e leal com o objeto de estudo filológica e filosoficamente de acordo à época a que pertencer seu corpus.

Neste trabalho têm como *corpus* palavras selecionadas em conformidade com as alterações sofridas em sua ortografia, é importante ficar atento ao período em estudo, neste caso, século XX, para que assim a compreensão flua. É importante compreender o porquê dessas mudanças, com qual objetivo as alterações ocorreram, fazendo uma análise fiel à época em questão.

Como último princípio, citamos o da Adequação, que objetiva uma aproximação do corpus estudado fazendo um paralelo com os dias atuais. Com essa proposta Batista (2013, p. 77) afirma que após a observação dos dois primeiros princípios, o historiógrafo encontra-se em condições de realizar análises, aproximações, avaliações críticas que iniciam a construção da narrativa historiográfica, em que relações são esboçadas, e esforços interpretativos passam a ser os primeiros passos de uma reflexão a respeito da proposição, do desenvolvimento e da recepção de saberes linguísticos em contextos históricos traçados e já analisados.

Portanto, percebemos que nesse momento, o historiador deve fazer uma aproximação do objeto de estudo, o qual pertencia a um período anterior, ao que temos nos dias atuais, visto que, toda uma pesquisa deve estar fundamentada em teorias modernas, para que dessa forma torne-se acessível aos leitores contemporâneos. No presente trabalho, a adequação encontra-se presente quando é feito o confronto entre a ortografia do século XX, com palavras retiradas do *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, à ortografia atual, do século XXI, para explicar o porquê de tais mudanças, qual a sua importância para a nossa sociedade no presente momento e a contribuição desse estudo sobre a linguagem, mais especificamente, sobre a escrita.

Para Godoy (2009, p. 180), partindo desses três princípios elaborados por Koerner, foi desenvolvida a investigação científica, seguindo sua metodologia para a análise dos dados coletados. Além de obedecer aos

princípios, foi feita a seleção do material, ou seja, o recorte do corpus; a ordenação, levando em consideração a cronologia do objeto em estudo, de acordo com o período analisado; e a reconstrução, que partiu da compreensão crítica do objeto em questão, no nosso caso especificamente, a ortografia.

2.3. História da ortografia

Coutinho (1976, p. 15) auxilia complementando os aspectos da descrição/explicação sobre as questões de ortografia. Para ele a Gramática Histórica é a ciência que se ocupa dos fatos de uma dada língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até o tempo atual. E a partir dessa concepção releva-se que o objeto da Gramática Histórica é mais abrangente que o da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática. Ressalta ainda que enquanto esta se ocupa de uma língua no estado atual, aquela, trazendo à memória às suas origens, ao seu período de formação, explica-nos as transformações por que essa mesma língua passou, na sua evolução através do espaço e do tempo. Adverte que todas as mudanças ocorridas não se deram por acaso, não foram produzidas por modismos ou arbitrariedade, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram ao gramático formular-lhes os princípios e leis. O estudo destes princípios e leis se faz na Gramática Histórica.

Coutinho (1976, p. 15) defende que há relações de natureza íntima entre a Gramática Histórica e a Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática. Pode-se afirmar que uma é o complemento da outra. O que à Gramática Expositiva se configura uma irregularidade ou exceção, não passa, quase sempre, de um fato perfeitamente explicável pelas leis da Gramática Histórica. Nem todas as línguas têm um passado, o que implica na afirmação de que nem todas são suscetíveis de possuir uma Gramática Histórica. Nesta situação, estão o volapuque o ido e o esperanto, criações artificiais, destinadas a servir de instrumento nas comunicações internacionais. Em situação semelhante,

acham-se os idiomas que carecem de documentos escritos. Constituem estes o material sobre que o gramático faz as suas observações.

Para Coutinho (1976), a ortografia portuguesa nunca foi uniforme a quem quer que se tenha consagrado ao seu estudo. Nos primeiros tempos, quando o pseudo-etimologismo não havia ainda empolgado os espíritos, observa-se nela uma grande tendência fonética. O maior conhecimento do latim, sobretudo com o Renascimento, que proclamava a necessidade de se conhecerem os escritores clássicos, romanos e gregos, foi causa de que começassem a aparecer entre nós as complicações gráficas.

Para Coutinho (1976), as palavras escritas sofrem, a partir de então, a influência etimológica, apresentando um formato mais rico de letras, contrastando com a primitiva simplicidade. Os anexos e disfarces inúteis fazem parte integrante da arte de escrever. Debalde, no correr do tempo, arremetem contra ela ortógrafos esclarecidos, como Verney e Castilho. Dessa forma, em vez de uma houvesse várias ortografias, dado que a etimologia, nessa época, era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor.

Para Coutinho (1976) estava instalado o caos. E nesse cenário desponta Gonçalves Viana, com o seu louvado trabalho Ortografia Nacional, que tem servido de base, a partir de então, a todas as reformas com tendência simplificadora. Ninguém hoje pode tratar de ortografia entre nós, sem que renda ao grande foneticista luso as merecidas homenagens.

E desse modo, Coutinho (1976, p. 71-72) divide a história da nossa ortografia em três períodos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado.

PERÍODO FONÉTICO: Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.

PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO: Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, em que aparece a Ortografia Nacional de Gonçalves Viana. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias.

PERÍODO SIMPLIFICADO: Principia com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os nossos dias. De conformidade com os princípios por ele

estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro.

Coutinho (1976) ensina que o período fonético coincide com a fase arcaica do idioma. O objetivo a que almejavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada.

Para Coutinho (1976) a grafia, tradicional como é, não pode acompanhar muito de perto a evolução da língua oral, manifestando-se, no correr do tempo, dissídio entre uma e outra. É assim que, a princípio, as vogais dobradas, resultantes da queda de consoante medial, eram escritas, porque se proferiam distintamente. Mais tarde, elas se fundiram por crase, na pronúncia, embora a sua grafia ainda continuasse muito tempo a mesma. Não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras. Às vezes, num documento, aparecem as mesmas escritas de modo diferente. Para isso, concorriam as diferenças regionais que deram em resultado o sincretismo das formas, a influência embora pequena do latim, a negligência dos autores e copistas, e, em alguns casos, a grafia castelhana. O que, porém, inegavelmente, é a tendência manifestamente fonética do sistema então em uso. Escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido.

No período fonético as vogais são representadas de modo idêntico ao do português moderno. No entanto, há, na sua transcrição, algumas particularidades que Coutinho (1976) dá uma atenção especial:

Assim, o *i* era representado também por *y* e *j*: *y = hi*, *mjnas = minhas*. Quando semivogal, substituía-o frequentemente o *h*: *cabha = cabia*, *dormho = dormio*.

Pela queda de consoante medial, ajuntavam-se duas vogais no corpo do vocábulo, constituindo hiato: *seer < sedere*, *coor < colore*, *maa < mala*, *au < unu*. Mais tarde, a duplicação se dá para indicar a vogal tônica da palavra: *ataa = até*, *taaes = tais*, *ceeo = céu*, *dooe = dói*, *nooa = noa*.

A nasalação das vogais era representada de várias maneiras: por *~(til)*, por *''*(dois acentos), por *m* e *n*. Para Coutinho não é sem exemplo encontrarem-se vocábulos que contenham vogal nasal, sem o sinal de nasalação, por negligência dos copistas: *divisoes = divisões*.

M e *n* empregavam-se indistintamente antes de consoante, o que serve de atestar igualdade de valor fonético: *omrra, omde, canbho, senpre*. Sobre as vogais nasais nota-se o sinal duplo ‘‘, que parece indicar nasalização: *mááos* = *mãos*, *oméés* = *homens*; este sinal, entretanto, usa-se também sobre as vogais orais: *Bragáá Braga, séér* = *seer*.

Coutinho ensina ainda que as consoantes tinham, no português arcaico, o mesmo valor que no português moderno e apresenta os casos em que a grafia antiga apresenta divergência da prática atual.

Aparece às vezes em situação em que nós hoje usamos *v*: *aber* = *haver*. Talvez que o *b* se explique aí por influência do latim ou por espanhola.

Com o valor de fricativa surda, empregava-se também antes de *o*, *u*: *particon* = *partiçom*, *cunucuda* = *cunuçuda*; às vezes é cedilhado antes de *e*, *i*: *reçebi* = *recebi*. Empregava-se antes de *z* para indicar o som *ç*: *peczo* = *peço*, *faczo* = *faço*. Com cedilha ou sem ela, valia também *z*, talvez por influência do latim: *doncela* = *donzela*, *fecerom* = *fezerom*. Ainda por influxo do latim, é que se explica o seu uso antes de *l*, quando já aí se vocalizara: *dereclo* = *dereilo*, *oclubro* = *outubro*. Combinado com o *h*, conservava o seu valor *velar*: *cerchal* = *cereal*, *nuncha* = *nunca*.

f - usava-se dobrado no início e no interior dos vocábulos: *f f ficar* = *f ficar*, *f f reima* = *freima*. Em *iffante*, *ijferno*, por *infante*, *inferno*, diz Huber ter havido assimilação do *n* ao *f*.

g - antes de *e*, *i*, conservava o seu som *velar*: *aprouge* = *aprougue*, *Agiar* = *Aguiar*. Nesta situação, era mais comum incorporar-se-lhe um *u*. Tinha valor palatal mesmo antes de *a*, *o*, *u*: *mangar* = *manjar*, *aleigom*, = *aleijom*, *Gurge* = *Jurge*. Neste emprego, vinha acompanhado frequentemente de *i*: *agia* = *aja*, *beigio* = *beijo*. Para manter o som *velar* antes de *a*, era seguido não raro de *u*: *julguava* = *julgava*, *Guabriel* = *Gabriel*. Latinismo é o seu uso no grupo *gn* com o valor de *i*: *regno* = *reino*.

h - ora aparece representado no início das palavras, de conformidade com a origem latina, o que acontece menos vezes: *homees* = *homens*; ora é omitido: *omilde* = *humilde*, *aver* = *haver*. Por analogia com os vocábulos latinos, em que ele é etimológico, grafavam-se com *h* inicial outros em que se ele não explica etimologicamente: *hordenar*, *hobra*. Servia também para indicar vogal

aberta ou monossílabo tônico: *he, hi, hir*. No meio das palavras, separava as vogais em hiato: *cahir, sahir*, ou representava a semivogal *i* ou a nasal *a*: *sabhã = sabiam (saibam), cambo = camio*.

j - aparece por vezes substituindo o *g*: *jenle = gente*. Entre vogais, podia ser representado também por *i* e *y*: *aia = aja, oye = oje*.

l - é comum estar geminado no meio e no fim da palavra: *ella ou ela, castello ou castelo, mall, tall*. A duplicação no fim visava provavelmente a distinguir o *l* velar do alveolar; no meio, decorria da influência do latim. À maneira do castelhano, empregava-se o *l* geminado entre vogais, para indicar som palatal molhado: *valiam = valham*. A princípio, era este som representado por *li*: *filia = filha*. O pronome *lhe* aparece sob a forma *li*, que ainda hoje é usada dialetalmente. O *lh* é de origem provençal.

m - seguido de consoante, nasalava a vogal anterior e podia ser empregado mesmo antes de alveolar ou dental: *emsinar = ensinar, aqueemtar = aqueutar*.

n - acompanhado de consoante mesmo labial, era usado para nasalizar a vogal anterior: *linpo = limpo, anbos = ambos*. Encontra-se *ai* e *n* com o valor de *nh*: *tenio = tenho, rena = venha*. À imitação do espanhol, geminado valia *nh*: *aranna = aranha, vinno = vinho*.

p - por influência do latim tardio, aparece às vezes entre vogal nasal e *n*, sem significação fonética: *solepne, dãpno*.

q - ocorre em manuscritos antes de *e*: *aqela = aquela, qe = quem*. O grupo *qu* antes de *a*, *o*, tem valor idêntico ao do *c* velar: *quada = cada, riquo = rico*.

r - aparece geminado no início e no meio da palavra, para que o seu som não se confunda com o do *r* brando: *rrainha = rainha, omrrado = honrado*. No entanto, encontra-se também *r* simples com o valor de dois *rr*: *lera = terra, recorer = recorrer*.

s - substituía às vezes o *c* ou *ç*: *cima = cima, composisom = composição*. Podia iniciar palavras, sem tomar o *e* de apoio: *star = estar, screver = escrever*. Simples, era empregado também com o valor de *ss*: *poso = posso, poso = nosso*. O contrário ocorria igualmente, isto é, geminado equivalia a *s* intervocálico simples: *cassado = casado, messa = mesa*. Aparece

frequentemente dobrado no princípio e no meio dos vocábulos, talvez pela necessidade de distinguir foneticamente os seus valores: *sseu = seu, levantou-sse = levantou-se*.

v - era substituído nos antigos manuscritos da língua por *u*: *Laurados = Lavorados, liurar = livrar*. Em lugar do *u*, encontra-se também *v*: *ovuir = ouvir*.

x - representava com frequência os dois *ss*: *dixe = disse*. Em fim de palavra, por influência do latim, usava-se do *x* com o valor de *is*: *sex = seis*.

Podia empregar-se no início e no meio das palavras em lugar do *ç*: *zapaleiro = çapateiro, zafar = çafar, lanzar = lançar*.

Em relação às consoantes dobradas, em geral, só se dobravam consoantes quando tinham valores diferentes das simples. Além do *r* e *s*, as outras que aparecem geminadas são *f*, *l* e *m*. Este último só quando precedido de vogal nasal: *emmendar, emmigo*.

Para Coutinho (1976) o período pseudo-etimológico teve o critério adotado pelos que seguem a grafia etimológica é respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhum valor fonético representem. A influência do latim se fazer sentir em nossa língua, em todo o decurso de sua história, é a partir do século XVI que ela se torna predominante.

É então que surgem os primeiros tratados de ortografia. Assim, Pêro de Magalhães de Gândavo publica, em 1574, a sua obra intitulada Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa; e Duarte Nunes do Leão, em 1576, dá à estampa a Ortografia da língua portuguesa.

No século XVII, aparecem Álvaro Ferreira de Vera, autor da Ortografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa; e João Franco Barreto, que publica a Ortografia da língua portuguesa.

São do século XVIII Madureira Feijó, que dá a lume a Ortografia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa; e Monte Carmelo, autor do Compêndio de ortografia.

Tão grande foi esse influxo que não só os vocábulos novos entram para o nosso léxico com aspecto gráfico alatinado, mas também os que já tinham formas vulgares sofrem o travestimento etimológico.

Foi o que se deu, por exemplo, com *digno, benigno, maligno*. De conformidade com a pronúncia antiga, estas palavras eram grafadas *dino*,

benino, malino. Assim se acham escritas ainda em obras de Camões.

Surgiram os pseudo-etimologistas e, verificando que no latim tais vocábulos se escreviam com *-g-*, restabeleceram neles esta letra. A presença do *-g-*, a princípio mero sinal etimológico, passou a ser assinalada na ortografia.

Com o advento do Romantismo, novo surto etimológico se observa; desta vez, porém, muito mais funesto, porque não se procura a origem imediatamente no latim, mas por meio do francês, que se imita largamente.

O maior paladino da grafia etimológica nos últimos tempos foi José de Castilho, que escrevia: *lhio, pondo, inceplar, roplo, seple, seplembro, mulcta, enxuclo, ermão, mactar, amarhei, vacqueiro, optar, etc.*

Além da dificuldade que acarreta na prática, por exigir do escriba o conhecimento de vários idiomas, é este sistema por natureza anacrônico, assinalando um divórcio total entre a língua falada e a escrita.

Demais, há palavras cuja etimologia se ignora ou para as quais têm sido propostas várias origens. Como deverão elas ser grafadas?

Com a sua prática, fica vacilante a pronúncia, porque a presença das letras etimológicas deixa o leitor neófito quase sempre em dúvida sobre se deve ou não pronunciá-las. Não deixa isso de constituir um sério embaraço para quem deseja falar o português com correção, assim nacional como estrangeiro.

Se o objetivo de qualquer sistema gráfico é representar as palavras, ajustando-se a elas do mesmo modo que a indumentária ao corpo, como explicar a presença de tantos símbolos inúteis, que tiram ao idioma escrito a simplicidade primitiva, dando-lhe um ar postiço de afetação?

Faz-se mister, portanto democratizar a ortografia. Já vai longe o tempo em que ela era considerada alguma coisa misteriosa, cujos segredos só competiam aos sacerdotes e iniciados.

A língua escrita, como a falada, é uma propriedade coletiva. Para que todos dela possam utilizar-se, como de direito, torna-se necessário que se eliminem os óbices por meio de uma grafia racional e fácil.

São inúmeros os disparates gráficos, decorrentes do uso da ortografia etimológica, a que não têm escapado os melhores escritores. Basta citar *sepulchro, chrystal, lhesoura, theor, lyrio, cysne, systema, calhegoria*

calhecismo, aulhor, authonomia, contricção, tradicção, Hyppolitho, Collyseu, Thiago, Themudo, Ignez, fie ugrna, licção, enygma, ellypse, dacta, satyra, , innundar, querella, etc.

Saussure lavra a condenação da grafia etimológica, quando afirma: "Importa, porém, pouco que a aplicação do princípio seja ou não correta: é o próprio princípio da escritura etimológica que é errôneo"

Poucos são hoje, felizmente, os que ainda seguem este sistema, na maioria velhos para quem os hábitos constituem uma carga difícil de alijar, ou presumidos, que julgam ostentar conhecimentos linguísticos, escrevendo de maneira diferente do comum da gente.

Coutinho (1976, p. 77) transcreve as palavras do foneticista Gonçalves Viana, autoridade suma na matéria:

Estou de há muito convencido, e várias vézes o tenho dito pela imprensa, de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a conseqüente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quase sem protesto.

Para Coutinho (1976) em relação ao período simplificado, nunca houve padrão uniforme de ortografia entre os nossos escritores, às vezes de uma mesma época, nos últimos tempos o mal agravou-se de tal maneira que cada autor possuía uma grafia própria. Assim, Garrett não escrevia como Herculano, nem Latino como Camilo. Não era possível que esse estado de coisas pudesse continuar. Impunha-se a necessidade de uma reforma.

Partidários da simplificação ortográfica foram Verney, Morais e Castilho, entretanto, os seus esforços não lograram feliz êxito.

Gonçalves Viana publica a *Ortografia Nacional*, em 1904, onde estuda um grande número de vocábulos, cuja grafia tradicionalmente aceita se não podia justificar, e assenta os princípios em que se deve basear qualquer simplificação ortográfica.

Os princípios estabelecidos pelo grande foneticista luso foram os

seguintes:

1. Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, *lh*, *iph*, *ch* (= *k*), *rh* e *y*.

2. Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares.

3. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda.

4. Regularização da acentuação gráfica

As pessoas pouco versadas nesta matéria costumam confundir grafia simplificada com grafia fonética. É importante que, de uma vez por todas se saiba que são coisas diferentes. O sistema fonético baseia-se exclusivamente na pronúncia, ao passo que o simplificado, orientando-se pela pronúncia, não descarta também a etimologia e do elemento histórico.

Coutinho (1976) afirma que de acordo com Grimm (1822), analiticamente, ocorreram as seguintes mudanças:

1) as consoantes oclusivas surdas (*p*, *t*, *k*, *kw*) do PIE mudaram em fricativas surdas correspondentes (*f*, *s*, *h*, *hw*) nas línguas germânicas;

2) as consoantes oclusivas sonoras (*b*, *d*, *g*, *gw*) do PIE mudaram em oclusivas surdas correspondentes (*p*, *t*, *k*, *kw*) nas línguas germânicas;

3) as consoantes aspiradas sonoras (*bh*, *dh*, *gh*, *gwh*) do PIE mudaram em oclusivas não-aspiradas sonoras correspondentes (*b*, *d*, *g*, *gw*) nas línguas germânicas.

Embora Grimm tenha chamado tais mudanças de "mudanças de som", elas ficaram conhecidas mais tarde como "Lei de Grimm", e a metodologia para seu estabelecimento serviu como base para outros pesquisadores estabelecerem e comprovarem mudanças de som em outras línguas do mundo.

Mattoso Câmara Jr. se destacou linguista e foi quem trouxe o estruturalismo para o Brasil, conforme dito anteriormente.

Para Ferreira (2008, p. 10) a grande e pioneira contribuição do linguista brasileiro foi, portanto, a de descrever a língua com o referencial teórico estruturalista. O livro *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, publicado em 1953, constitui-se no primeiro trabalho de orientação estruturalista acerca da

língua portuguesa do Brasil por um autor falante dessa língua. A produção acadêmica mattosiana com o objetivo de renovar a orientação doutrinária e metodológica dos estudos gramaticais do português ampliou-se. Surgiram outros trabalhos como: Dicionário de Fatos Gramaticais (1956), que a partir da 2ª edição (1954) passou a chamar-se Dicionário de Filologia e Gramática; o trabalho intitulado *The Portuguese Language* (1972), traduzido por Anthony Naro (1975) com o título História e Estrutura da Língua Portuguesa; Problemas de Linguística Descritiva (1969); e a obra póstuma e inacabada Estrutura da Língua Portuguesa (1970).

Mattoso Câmara Jr. se dedicou a estudar e descrever a língua, o que gerou obras com o objetivo de renovar as metodologias de ensino gramatical no país (1953, 1954, 1956, 1969, 1972 e 1975).

No próximo capítulo, os dados serão apresentados e analisados.

3. ANÁLISE DE DADOS

Ao delinear o objeto de nossa investigação e a proposta desta produção acadêmica, avançamos com a metodologia da Historiografia Linguística, baseada nos pressupostos de Konrad Koerner (1996). Princípios com a contextualização que fora tecida na primeira do nosso trabalho e apresenta um recorte da história em que está o *Album Graphico de Matto Grosso*.

Para o desenvolvimento de um *corpus* necessita-se compreender seu significado dentro de uma análise linguística, pois, ele é a parte essencial de um estudo. Assim, fundamentando-se em Biderman (2001, p. 79), a lexicógrafa define *corpus* linguístico como uma compilação de textos selecionados segundo critérios linguísticos, codificados de modo uniformizado e homogêneo. Essa compilação pode ser tratada mediante processos informáticos [...] deve-se acrescentar ainda que um corpus constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais etc.). Tais amostras foram escolhidas como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado.

A conceituação de Biderman (2001) nos assessora na seleção e composição de nosso *corpus*, pois elucida que a base de análise deve conter palavras que estejam predeterminadas, ou seja, estejam relacionadas ao objeto de estudo, neste caso, o proposto foi selecionar palavras com a escrita diferente da atual, a fim de fazer um levantamento das mesmas e explicar as alterações que ocorreram entre os séculos XX e XXI na ortografia da língua portuguesa.

Dessa maneira, o *corpus* para este estudo foi obtido por meio da seleção de palavras que sofreram mudanças ortográficas no decorrer dos dois períodos. Elas foram extraídas do *Album Graphico de Matto Grosso* e, posteriormente, foram distribuídas em campos semânticos, ou seja, as palavras foram agrupadas por pertencerem ou estarem próximas do mesmo campo de

significado, para que dessa forma houvesse organização e facilidade na hora de realizar a análise.

Fundamentado nessa essência, o capítulo apresenta a metodologia adotada nas diferentes etapas da seleção dos dados, a coleta e a construção do *corpus*, como também, apresenta as palavras selecionadas para a análise da pesquisa, seguindo a metodologia dos princípios de contextualização do objeto em estudo, e da imanência à época em que o álbum foi lançado (1914), e sua adequação ao período atual, ou seja, fazendo um comparativo à ortografia do século XXI, estudos esses desenvolvidos por Koerner (1996), que contribuíram significativamente em todo o processo dessa produção.

Primeiramente, foi realizado um levantamento por meio da leitura do *Album Graphico do Mato Grosso – 1914*, e posteriormente, foi feita a seleção das palavras que sofreram alterações em sua ortografia. Nesse momento, iniciamos o processo seletivo, minucioso e de acordo com o que fora estabelecido como objeto de observação. Dessa forma, foi formado o *corpus* da pesquisa, tendo por fundamento o *Album Graphico do Mato Grosso – 1914*, de Ayala e Simon. Nesse importante documento do século XX foram reunidas páginas que refletiram as aspirações dos autores, apresentando um Mato Grosso moderno, desejoso de uma evolução na vida econômica, por meio de vários textos e fotografias.

A pesquisa procura esclarecer e explicar as mudanças e alterações na ortografia das palavras selecionadas no almanaque, considerando que as transformações ortográficas fazem parte de todo um processo histórico social, envolvendo o início do século XX (1914), como também, a história política e econômica do Estado do Mato Grosso – inserida nesse contexto.

Por meio dessa metodologia inicia-se a seleção do *corpus*. Utilizamos nesse momento, para a seleção, parte do *Album Graphico do Mato Grosso* que conta com 433 páginas destinadas aos textos, ilustrados por fotografias escritos e 59 páginas de anúncios comerciais, que objetivavam divulgar o Mato Grosso, entre elas constam:

1º) Feliciano Simon – Comissões, Consignaões, Representações, Transacões bancarias, Navegação, Exportação, (p. I)

2º) Feliciano Simon – Expedição de Cheques e Ordens de Pago sobre os seguintes paizes – Saques telegráficos sobre, (p. II)

3º) Almeida & Companhia, Cuyabá – Empregados do Escritorio Central em Cuyabá, (p. VI)

4º) Orlando Irmão & Cia – Transações bancarias, Proprietarios de Seringaes, (p. X)

5º) Henrique Hesslein & Sergel – Importação em geral de todos os artigos nacionais e estrangeiros para a venda exclusivamente por atacado. Exportação directa de couros vacuns, borracha penas de garça, (p. XI)

6º) Alexandre Addor – Importação em geral Exportação de Borracha, Couros e Ipecacuanha, (p. XIII)

Entretanto, esse não é o foco da nossa investigação, apenas a título de informação.

Feita a escolha do material para a formação do corpus, fizemos a seleção das palavras que eram grafadas com as consoantes geminadas.

Para a realização do levantamento dos vocábulos que integram o *corpus* da pesquisa, buscou-se moldurar os que sofreram alguma modificação em sua estrutura ortográfica, a fim de que fosse apresentada uma explicação acerca da mudança ocorrida.

Destaca-se que, pelo formato de Album gráfico e seu real objetivo era o de oferecer dados minuciosos sobre a economia do Estado, as receitas e despesas da administração pública, seus estabelecimentos culturais, problemas de transporte, etc. todos esses aspectos foram levados em consideração, no momento da escolha. Algumas páginas da obra encontram-se em anexo.

3.1. Eduardo Carlos Pereira

Conforme descrevem Gomes e Ferreira (2015, p. 19) dois estudiosos apontaram no século XIX e no século XX, a saber: Eduardo Carlos Pereira (1855) e Joaquim Mattoso Câmara (1904).

O estudioso Eduardo Carlos Pereira nasceu em 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerais. Atuou fortemente no Brasil no período denominado República Velha, oportunidade em que se dedicou ao trabalho de gramático e filólogo.

Eduardo Carlos Pereira, pastor evangélico presbiteriano, professor, escritor e um dos mais importantes líderes do movimento protestante brasileiro do final do século XIX.

O pai de Carlos Pereira era farmacêutico e com ele foi aprendiz de farmácia, sua mãe era professora e com ela aprendeu as primeiras letras. Foram com os professores enviados para Caldas pelo Imperador D. Pedro II, que ele veio a ter a oportunidade de aprender o latim e o francês. Quando adolescente deseja estudar na *Academia de Direito de São Paulo*, para isso, logo cedo foi morar em Araraquara (cidade do interior paulista) e matriculou-se no Colégio Ipiranga. Quando esse colégio mudou para a cidade de Campinas no ano de 1873, Carlos Pereira também acompanhou sua mudança indo para lá. Em Campinas conheceu o missionário presbiteriano George Morton e com ele manteve conversas sobre vários pontos da religião cristã. Em 1874, aos 18 anos de idade se preparava para ingressar na *Academia de Direito de São Paulo*, então, mudou-se para a capital paulistana e passou a lecionar latim e português. O missionário George Morton recomendou ao jovem professor que ao chegar em São Paulo procurasse o Rev. George. W. Chamberlain, que na ocasião era pastor da *Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo*, situada à rua 24 de maio e, foi exatamente o que fez.

Em 1875, aos 19 anos, já frequentando a Primeira Igreja, fez sua pública profissão de fé perante o Rev. Chamberlain e neste mesmo tempo chegou a matricular-se na *Academia de Direito*, porém, o Rev. Chamberlain exerceu grande influência para que o jovem tomasse outros rumos. Foi assim que Carlos Pereira abdicou de seu projeto inicial de seguir a carreira jurídica e no dia 14 de agosto de 1875 abraçou os estudos teológicos. Teve como professores/tutores os Reverendos Chamberlain e John Beatty Howeel.

Em 1880, após quatro anos de estudos, obteve sua licenciatura para o ministério da Palavra. Neste período conheceu e casou-se com Louise

D'Alliges Lauper, que após o casamento passou a se chamar Luíza Pereira de Magalhães.

Também atuou como missionário na cidade de Lorena, interior paulista, mas foi de forma breve, pois logo que ordenado pastor presbiteriano ao ministério da Palavra e dos Sacramentos o Rev. Carlos Pereira empreendeu viagens a outras cidades do interior de São Paulo. Em 1883 dirigiu-se à cidade de Campanha, interior de Minas Gerais onde ali estabeleceu uma igreja a qual foi pastor por quase seis anos.

O período em que esteve distante, tanto da capital do império como da cidade de São Paulo, não o impediu de exercer grande influência nos círculos protestantes e nas discussões do momento. Foi nessa cidade interiorana que ele criou a *Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos*, que tinha como alvo a produção de literatura cristã para a evangelização nacional, também fundou em 1887 o jornal *Revista das Missões Nacionais* que tratava de questões internas da denominação. A finalidade dos dois novos meios de comunicação era: produzir materiais evangelísticos que abordassem com mais precisão a relação entre a igreja e o contexto social brasileiro e a emancipação econômica da igreja.

Em 1888, o Rev. Carlos Pereira foi eleito pastor da *Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo*, com isso, aos trinta e dois anos de idade foi empossado pastor de uma das mais importantes igrejas protestantes do Brasil, contando com grande comprometimento da igreja. Em 1893 o Rev. Carlos Pereira fundou o jornal evangélico *O Estandarte*, sucessor do primeiro jornal evangélico impresso no Brasil fundado pelo Rev. Ashbel Green Simonton de nome *A Imprensa Evangélica*. Ele também exerceu interinamente, durante um ano, a função de diretor do Ginásio de São Paulo e também atuou como jornalista colaborador junto aos jornais seculares, *O Estado de São Paulo* (1907-1910) e *Correio Paulistano*, quando contribuiu com diversos artigos para esses jornais.

No ano de 1922, já cansado pelos embates da vida e com traços de tristeza pela perda da esposa em 1921, obteve licença do pastorado da 1ª Igreja, saiu do Brasil em abril de 1922, onde esteve na Europa e Estados

Unidos, regressou em janeiro de 1923, quando em março do mesmo ano, aos 68 anos, faleceu.

Segundo Almeida (2007, p. 84), Eduardo Carlos Pereira, pela sua produção acadêmica e atuação no magistério público estadual de São Paulo (capital), apresentou-se como filólogo, publicando a Gramática Histórica e Questões de Filologia como gramático, publicou a Gramática Expositiva. Em E. C. P., vemos a sua formação rica de gramático e estudioso da língua portuguesa guiada pela prática docente concursando no então Ginásio do Estado de São Paulo.

Segundo Mata e Gomes (2013), Pereira contribuiu tanto na parte teórica quanto de forma atuante no magistério, fator que lhe trouxe experiência prática e contribuiu para sua formação ampla nas questões educacionais.

No trabalho de Pereira verifica-se, além da elaboração de gramáticas e artigos, obras de cunho religioso, tais como a tradução da Bíblia Sagrada presbiteriana (1917).

Eduardo Carlos Pereira foi influenciado pela visão protestante, convertendo-se ao protestantismo presbiteriano, e abraçando a sua maneira de vida, tanto no aspecto religioso como no aspecto educacional.

Em face do projeto educacional trazido ao Brasil pelos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em meados do século XIX e início do século XX.

Para Gutierrez (2010, p. 1-2), Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), um dos mestres da primeira geração de pastores presbiterianos brasileiros, teve o seu reconhecimento como professor e gramático, sendo professor por muitos anos na escola pública e autor de importantes obras sobre gramática. Ele contribuiu, também, de forma relevante, para a língua portuguesa em nosso país. Pereira usou um órgão da imprensa presbiteriana, *O Estandarte*, jornal que ele mesmo fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável. Escreveu artigos com vista a educar a sua denominação eclesiástica e a sociedade.

Pereira participou das questões educacionais em nosso país e deixou um legado teológico e secular, uma vez que sua atuação se vai da Igreja Presbiteriana até a elaboração das gramáticas em nosso país.

Segundo Matos e Gomes (2013), as gramáticas de Eduardo foram produzidas quando o país passava por mudanças na organização do ensino da língua. A fim de adequar os padrões de ensino do Colégio Pedro II a novos moldes, o diretor do colégio propõe a vários professores uma reestruturação do ensino secundário, o que ensejou uma efervescência no campo das produções de materiais didáticos.

Nesse contexto, Eduardo Carlos Pereira produz a *Gramática Expositiva – Curso Superior e Expositiva – Curso Elementar* em 1907. Composta de duas partes, uma que trata do léxico e outra que aborda a sintaxe. Dentro de cada uma dessas partes existem subdivisões, onde são tratados, por exemplo, a fonética, ortografia, etc.

Segundo Gutierrez (2010, p. 3-4), o ecletismo constava da união que ele fazia da corrente moderna, que dava ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupava com o elemento lógico na expressão do pensamento, mostrava que havia verdade nas duas e que o erro estava no exclusivismo de uma ou de outra. O ecletismo da sua maneira de ensinar fez com que ele fosse mais eficaz em seu ensinamento, transmitindo o conhecimento aos seus alunos e deixando marcas profundas em suas vidas [...]

Havia um misto moderno-tradicional em sua obra. Enquanto a corrente moderna defendia a necessidade de um cuidado maior quanto à questão histórica da língua, a corrente mais tradicional pugnava por um olhar ao elemento lógico na expressão do pensamento.

No século seguinte se destacou Joaquim Mattoso Câmara Jr. Nascido em 13 de abril de 1904, no Rio de Janeiro, estudou arquitetura e direito, mas sua satisfação era o magistério.

Para Ferreira (2008, p. 09) esse linguista teve papel importante nos estudos e na história da ciência linguística no Brasil. Instaurou o estruturalismo, doutrina que abrangia todas as ciências humanas a partir das primeiras décadas do século XX. Essa doutrina propunha a compreensão da totalidade, no caso específico, a língua, como estrutura definida pela relação de funcionalidade entre os elementos constituintes.

Acentuar os estudos nos escritos gramaticais científicos de Eduardo Carlos Pereira (1935, p. 102) nos oportuniza observarmos às influências políticas, históricas, ideológicas, as reformas linguísticas que ocorreram ao longo do tempo, e, ainda, a constituição e a descrição das regras da língua portuguesa do Brasil, propostas por Pereira, que afirma no Prólogo da primeira edição a ligação entre linguagem, pensamento e mundo. Em sua obra é notório observar o compromisso que Pereira tinha com a língua, como ele mesmo afirma, o seu ânimo com os alunos era: “aguçar o intellecto e formar o character”

O motivo principal de eleger as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira é inclusive por apresentar-se como obras básicas para a aprendizagem da Língua Portuguesa, de uma forma técnica e sintética; e por derivar da interação da História das Ideias com o conhecimento linguístico, pois, segundo Guimarães (2004),

A história das ideias envolve três tipos de análise: “as instituições, os acontecimentos nas instituições que organizam as práticas de produção de conhecimento, as obras que formulam este conhecimento, ou dito de outro modo, que resultam do conhecimento produzido” (GUIMARÃES, 2004, p. 11).

Dessa forma, justifica-se que partamos de uma obra específica, um instrumento linguístico com o objetivo de construir um saber sobre a língua portuguesa falada no Brasil e que fora utilizada no *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*, editado em 1914.

Pereira (1935) ensina que Gramática Histórica é a que estuda a origem e a evolução de uma língua no tempo e no espaço. O seu método é sempre o método histórico comparativo, versando a comparação das formas gramaticais, não só com as transformações paralelas das línguas afins, mas ainda com as transformações sucessivas da mesma língua.

Grammatica historica da língua portugueza é o estudo da origem e evolução do portuguez no tempo e no espaço. E como a lingua portugueza não é mais que a lingua latina transportada para a faixa occidental da Hispania pelos soldados e colonos romanos, e transformada no decorrer dos seculos, a Grammatica historica nos explana as circunstancias historicas e as leis dessa transformação lenta

do latim na língua vernacula.

O seu estudo divide-se naturalmente em três partes, chamadas — *Phmaologia, Morphologia e Sintaxe*.

Estas três partes da *Grammatica* encerram os três aspectos fundamentais em que a palavra pôde ser estudada na expressão completa do pensamento.

Cada um desses aspectos pôde ser encarado em uma época determinada ou na successão das épocas. Dahi a distincção entre *grammatica expositiva* e *grammatica historica*. Esta estuda a língua no *tempo*, isto é, nas épocas successivas de sua vida historica; aquela no *espaço*, na região ou regiões em que ella é actualmente falada.

A *Grammatica historica* baseia-se na circumstancia de jamais se estacionar a língua viva na borra do povo, mas de soffrer continuamente alterações em todos os seus elementos, quer *lexeologicos*, quer *syntacticos*. A esta transformação lenta e continua das línguas vivas dá-se o nome de *evolução historica* ou *metamorphismos* da linguagem.

A evolução de uma língua não se opera arbitrariamente, a capricho das multidões, mas sob o imperio de leis glotticas, que, na inconsciencia popular, regem o destino das línguas.

A *Grammatica historica* do portuguez é a chave da *Grammatica expositiva*, pois naquella tem esta a razão de ser de suas regras. A *Grammatica expositiva* deve ser o registro fiel dos hábitos da língua e de sua boa tradição, a depositaria dos ultimos resultados de sua evolução espontanea, a expressão actual de sua vida secular e de seu gênio historico. (PEREIRA, 1935, p. 17-18)

Pereira deixa o ensinamento que a gramática histórica é o estudo da origem e evolução de uma língua no tempo e no espaço. Ela nos mostra as situações históricas e as regras das suas transformações, ou seja, a gramática histórica estuda a língua no tempo, nas épocas successivas de sua vida histórica, a gramática expositiva se ocupa do espaço.

3.1.1. Consoantes geminadas ou dobradas

Tanto no português arcaico como no português moderno as consoantes tinham o mesmo valor podendo estar no início, meio ou fim da palavra. Embora, de uma forma geral, as consoantes que apareciam geminadas ou dobradas tinham valores diferentes das consoantes simples.

De acordo com a pesquisa de Gomes *et al* (2015) as consoantes geminadas têm a sua forma original do latim e nas transformações ocorridas na

língua para o português reduziram-se para apenas uma consoante nas palavras com exceção das letras r e s geminadas que possuem valor diferente uma da outra e até hoje são utilizadas no português.

Existem diversas opiniões sobre o uso das consoantes geminadas, sendo que algumas possuem definições específicas e fundamentadas por tradição da grafia latina.

No português arcaico a gemação dessas consoantes era às vezes etimológica (*cavalo* < *lat. caballum*, hoje *cavalo*), mas em outra era arbitrária (*palavra* < *lat. parabolam*, hoje *palavra*).

Coutinho (1974, p. 74) reforça a ideia de que normalmente, dobravam-se as consoantes apenas para diferenciá-las das consoantes simples. A letra "l", por sua vez, apresentava-se geminada na posição final e quando posicionada no interior de alguns vocábulos. "É comum estar geminado no meio e no fim da palavra: *ella* ou *ela*, *castello* ou *castelo*, *mall*, *tal*. O "l" dobrado em posição final era, provavelmente, usado para distinguir o "l" velar do alveolar; em posição medial, ocorria por influência do latim.

Conforme Melo (1981, p.161-163) frisa a ortografia fonética corresponde à fase arcaica do idioma e caracteriza-se, de modo geral, pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com a pronúncia. Existe assim uma apreciável coerência, ao menos de princípios, e bastante uniformidade. De regra, não se empregavam letras que não correspondessem a nenhum som, letras ditas mudas, e não se dobravam consoantes, à exceção do r, s, f l e m. A gemação destas era bem arbitrária.

A fase pseudoetimológica da ortografia portuguesa se inicia com o Renascimento e, portanto, com a intensificação da influência latino-clássica. A escrita latina passou a ser modelo da nossa, do mesmo modo que a palavra e a sintaxe da língua de Cícero se tornaram pauta dos nossos escritores. Daí resultou que se inseriram nos hábitos gráficos muitas inutilidades, tais como letras dobradas sem razão e os dígrafos rh, th, ph e ch com valor de k.

Gomes e Ferreira (2015) pesquisaram que são encontradas outras conceituações que apontam para a utilização da grafia de consoantes dobradas sem nenhum critério formal no português arcaico. Os documentos antigos provindos da Gália e de Portugal apresentavam consoantes dobradas

por influência da tradição da grafia latina não possuindo uma unidade de grafia padronizada e por muitas vezes valia-se apenas da vontade do autor como critério de utilização das consoantes geminadas.

Gomes e Ferreira (2015) notaram que não existe a necessidade de se utilizar consoantes geminadas pois não atendem a nenhum critério funcional de utilização imposto pela língua portuguesa.

3.2. Evanildo Bechara

Bastos e Palma (1988) narram a biografia de Evanildo Bechara trazendo que o escritor e gramático Evanildo Cavalcanti Bechara nasceu no dia 26 de fevereiro de 1928, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco. Com apenas 11 anos ficou órfão de pai, e por esse motivo mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de concluir os estudos.

Evanildo Bechara, precocemente manifestou vocação para ensinar, formou-se em Letras, na Faculdade do Instituto Lafayette, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Fez Bacharelado em 1948 e Licenciatura em 1949. Consagrou-se aos estudos linguísticos por incentivo de seu professor Manoel Said Ali, estudioso da Língua Portuguesa. Com apenas 17 anos escreveu seu primeiro livro, denominado *Fenômenos de entonação*, sendo publicado em 1948. Após terminar o curso universitário, voltou-se aos concursos públicos.

Especializou-se em Filologia Românica em Madri, entre os anos de 1961 e 1962, fez Doutorado em Letras pela UEG (atual UERJ), no ano de 1964.

Entre os anos de 1968 e 1988 tornou-se professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques. no IES nacionais (PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal). Nos anos de 1971 e 1972 foi Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha), e, nos anos de 1987 e 1989 teve o mesmo cargo na Universidade de Coimbra, em Portugal. Mais tarde, no ano de 1994 torna-se Professor

Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, em 1998.

A brilhante trajetória de Evanildo Bechara o transformou em importante colaborador nos estudos relacionados à língua portuguesa, visto que, foi membro efetivo de muitas instituições como professor, orientador de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

Permanece em 2016 como Membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o 5º ocupante da Cadeira número 33. Eleito em 11 de dezembro de 2000, quando sucedeu Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. É também Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico.

Para Bastos e Palma (1988), de acordo com a expressividade de suas obras, citaremos algumas consideradas mais relevantes como: *Fenômenos de entonação (1948)*; *Primeiros ensaios de língua portuguesa (1954)*; *A evolução do pensamento concessivo no português (1954)*; *Exercícios de linguagem (1954)*; *Curso moderno de português, v. 1 e II. (1968-1969)*; *O futuro em românico (1962)*; *A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetherae ad Loca Sancta (1964)*; *A contribuição de M Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964)*; *Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980)*; *As fases históricas da Língua Portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização (1985)*; *Lições de português pela análise sintática (1960) Moderna Gramática portuguesa (em 1961, reeditada até hoje)*; *Guias de estudo de língua e linguagem (org.) 4 v. (1977): I- Introdução Linguística II - Dos termos linguísticos ao seu conceito. III - Da linguística ao ensino da língua. IV Instrumentos de avaliação; Gramática escolar da língua portuguesa. (2001).*

Salientando que esses são apenas alguns de seus livros, pois, Evanildo Bechara ainda contribuiu com publicações como tradutor e em colaboração com outros autores e estudiosos.

Bastos e Palma (2008, p. 152) defendem que Evanildo é sintonizado com o novo, ou seja, um percebedor das mudanças ocorridas na Língua Portuguesa; é ligado nas novas tendências linguísticas.

Bastos e Palma (2008, p. 152) creditam que sua vasta experiência em

sala de aula, com alunos e adolescentes lhe autorizou a introduzir novas tendências advindas do exterior, tornando a obra moderna, fazendo jus ao nome – “Moderna sem anular a tradição secular.”

Bechara (2015, p. 25) argumenta que a Língua Portuguesa é a continuação incessante no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a. C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos).

Dessa forma, emoldura-se a relevância de Bechara para os estudos voltados à nossa língua, por expor um riquíssimo acervo bibliográfico que fundamenta estudos relacionados à Língua Portuguesa. Por essa razão, uma obra de bastante representatividade foi escolhida para auxiliar na análise deste trabalho, *a Moderna Gramática Portuguesa*, 38ª edição, de 2015.

No referido exemplar há o retrato da língua da maneira mais fidedigno possível ao uso atual, buscando formas de apresentar o que é aceitável no meio escolar acadêmico, de concursos, ambientes de trabalho ou em qualquer espaço social onde a comunicação e a escrita precisam ser expressas de acordo com normas estabelecidas.

Pela relevância e enorme contribuição Evanildo Bechara faz parte do presente trabalho, considerando que a vida de Bechara foi dedicada aos estudos linguísticos, mais precisamente da língua portuguesa.

No ano de 1961, o autor publica *A Moderna gramática portuguesa*, que foi editada consecutivamente por vários anos, e teve a 38ª edição veiculada em maio de 2015 e serve de suporte teórico a alunos, professores e estudiosos da Língua Portuguesa.

A gramática encontra-se dividida em três partes: *Fonética e Fonêmica, Morfologia, Sintaxe, Pontuação. Semântica. Noções Elementares de Versificação e um Apêndice*. Seus estudos sempre estiveram presentes entre os pesquisadores da língua.

Na década de 1960, a gramática de Bechara tornou-se referência nos estabelecimentos de ensino, nos grandes centros culturais do país e nos lares brasileiros. Bechara repensou a educação, antes mesmo de os educadores e autoridades atentarem para isso. Escreveu unia obra com clareza, correção e

objetividade dignas de um mestre, oferecendo-a aos mestres, no preparo de suas aulas aos alunos, nos estudos do vernáculo, e aos estudiosos, nos estudos e esclarecimentos a respeito da língua portuguesa.

É uma obra consagrada nos mais diversos meios acadêmicos, por atender, de maneira geral, as dúvidas acerca da língua, com explicações e exemplos claros. Por esse motivo, foi escolhida para enriquecer nossa pesquisa por suprir as necessidades relacionadas à análise objetivada neste trabalho, ou seja, apresenta explicações coerentes relacionadas à ortografia da língua portuguesa nos dias atuais.

Assim, para o autor Evanildo Bechara (2015, p. 93), gramático e estudioso da Língua Portuguesa, a ortografia é o sistema de representação convencional de uma língua na sua modalidade escrita. A este sistema de representar a grafia de cada palavra chegam os estudiosos técnicos levando em conta a lição dos critérios fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, etimológicos e de tradição cultural. (2015, p. 93).

Sobre o conceito descrito, entende-se que a ortografia reflete uma convenção ou unificação do sistema que deve ser seguido na hora de representar as palavras, levando-se em consideração elementos importantes na transformação da língua oral para a escrita.

Debates envolvendo a ortografia estão presentes nos mais diversos estudos e pesquisas, pois estabelecer a singularidade não é fácil. As teses são variadas, dependendo do ponto de vista linguístico apontar o que é correto ou incorreto no momento de utilizar a ortografia, seguindo critérios pré-estabelecidos, tornando-se um caminho longo.

Com esse entendimento, a pesquisa realizada tem fundamento na ortografia estudada por Bechara, para explicar as diferenças presentes na escrita das palavras no decorrer dos séculos até o XXI.

Há o reconhecimento de que a Língua Portuguesa passou por inúmeras mudanças e influências de outras línguas, sendo diferente do português de Portugal, visto que os países que falam a língua portuguesa, há tempos, buscam uma unidade na ortografia, contudo, essas tentativas geram polêmicas e os acordos, quase sempre, não acontecem, por resistências de alguns teóricos ou a demora na adaptação da população local.

Para Bechara (2015, p. 94), a língua portuguesa, como qualquer outra língua, experimentou outras propostas ortográficas até chegar à atual de 1990, comum a todos os países que compõem o grupo lusófono, explicitadas as mínimas diferenças fonéticas existentes entre eles.

Nesse contexto, em 27 de dezembro de 2009, foi pactuado o novo Acordo Ortográfico, que consolidou-se no final de 2015.

Para Bechara (2013), algumas alegações a favor do acordo ortográfico foram cruciais para a sua efetivação, como aproximar a língua oral da escrita; simplificar o ensino e a aprendizagem das palavras e a própria evolução da língua portuguesa em contexto geral, envolvendo os países pactuados desse processo. Os filólogos envolvidos em um estudo ortográfico apresentam uma lei que deve ser obedecida, pois eles procuram, por meio de um sistema ortográfico perfeito, diminuir dificuldades que envolvem a escrita, a pronúncia e a própria história da língua - para harmonizá-las e tornar seu uso entre as comunidades envolvidas o mais próximo possível, a fim de haver uma unificação entre esses elementos.

No entanto, há também, as alegações que foram contrárias a efetivação do acordo, como a evolução natural de uma língua, que deveria ser preservada; o respeito à etimologia das palavras; entre outros, houve a falta de consulta aos linguistas e o impacto que essas normas causariam aos usuários da língua.

A esse respeito Bechara (2013) descreve que os críticos contrários ao acordo deveriam considerar a história por trás desse processo, que não é um fato isolado, mas resultado de muito estudo, que desde 1885 e, em 1904, com a Ortografia Nacional, de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, foi publicado um sistema ortográfico baseado em estudos científicos e racionais.

Bechara (2013) ensina que posteriormente, a comunidade usuária da Língua Portuguesa vivenciou a reforma de 1911, e na sequência os acordos de 1943 e 1945. O atual Acordo Ortográfico (1990) apresenta maiores alterações nas palavras do Brasil porque está mais relacionado à reforma de 1945, que foi estabelecido pelo sistema lusitano, contudo, nosso país não mediu esforços para adequar-se as novas regras estabelecidas, por se preocupar com as razões pedagógicas, culturais, políticas que envolvem os dois países, como

também, questões internacionais de prestígio que estão relacionados à língua portuguesa. e que envolvem diretamente nosso país.

Entretanto, frisa-se que este não é foco central da pesquisa, porque esta tem como finalidade apresentar e analisar como ocorreram as alterações na escrita de algumas palavras do século XX ao XXI, para tal recorremos a Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira para realizar a fundamentação.

3.2.1. Consoantes geminadas

Para a ocorrência sobre as consoantes geminadas Bechara (2015, p. 95) não se alonga em considerações. Faz estudos relevantes sobre rr e ss. Escrevem-se com *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s*, iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro, farra, passo; convicção, occipital*

3.3. Análise das Ocorrências

Para alcançar o objetivo desta investigação, os dados foram sistematizados de forma a reunir as palavras que sofreram alterações e/ou modificações ocorridas na ortografia, frisando que foi dado destaque apenas àquelas que eram grafadas com as consoantes geminadas (século XX) e atualmente não são grafadas mais dessa forma.

Formado o *corpus*, apresentamos na sequência as palavras selecionadas.

Em conformidade com o objetivo da investigação, as palavras selecionadas foram aquelas que em sua ortografia sofreram modificações, ou seja, eram grafadas de forma diferente ao que temos hoje, considerando que este trabalho procura trazer uma análise das alterações ortográficas presentes nas palavras, fazendo um comparativo entre os séculos XX e XXI para assimilarmos as transformações que ocorrem em nossa língua.

O *Album Graphico do Mato Grosso* é composto de vários textos, cada qual contendo a sua história, por essa razão apresentaremos alguns deles para prosseguirmos com a análise das ocorrências.

Consoantes geminadas no excerto de ***Ligeiros sobre a Historia do Brasil*** (p. 09-29)

O *Album Graphico do Mato Grosso* apresenta, primeiramente, o texto ***Ligeiros sobre a Historia do Brasil***, que, despretensiosamente, compila textos de Joaquim Manoel de Macedo e Olavo Bilac. Começa sua narrativa falando sobre o descobrimento do Brasil em 22 de abril de 1500 por Pedro Álvares Cabral. Conta que reinava em Portugal o rei D. Manoel. Antes de Cabral, porém, tocaram as caravellas de Vicente em 1499. D. Manoel mandou uma expedição commandada por Coelho, com o fim de explorar a supposta ilha de Vera cruz. No anno de 1503 outra foi mandada.

Durante muitos annos ficou a terra esquecida. À ella chegaram muitos viajantes. Em 1526, com uma não e cinco caravellas reprimiam os francezes.

Em 1530, D. João III, que succedera a El-Rei D. Manoel, mandou em commissão, colonizar novas terras. Com elle, vieram 400 pessoas.

Em *Ligeiros sobre a Historia do Brasil* fala ainda sobre a Colonização do Brasil, 1534 e a Creação do I Governador Geral (1549), onde D. João, para dar uma direccão suprema ao clero nomeou um bispo. Veio então o padre Nobrega que fundou um collegio que atraiu muita população.

D. João III contribui para a prosperidade do Brasil, succedendo-lhe D. Sebastião de três annos de idade. Em 1558, entrega o governo ao seu successor. Seu filho Fernando succumbiu no combate. Mandou reprimir gentios que apparecerem. Voltaram a occupar a ilha de Villegagnon. Alli fortificou-se e lutou-se com os innimigos....repellir francezes de uma vez, mas Estacio de Sá veio a fallecer.

Attendendo ao desenvolvimento, o governo geral foi dividido em dois e accordaram fazer desenvolver.

Em 1580 passou o Brasil para o dominio Hespanhol, com o fim de submetter ao seu governo e os engenhos chegavam a fabricar 200 mil arrobas annuaes. No tempo, D. Lourenço fallecendo na Bahia, em 1581. Em 1587, falleceu Telles Barreto. Não sendo attendido, Roberto Dias falleceu na Bahia.

Felippe II pedia que descobrisse minas... para isso a aliança de um cacique.

Em 1624 – a primeira invasão holandesa – nada se fazia para resistir às pretensões holandesas. Em 1630, as pretensões dos holandeses não cessaram. Começaram a aparelhar novos elementos. Em 14 de fevereiro do anno seguinte, sob o commando de...facil não foi. A reação não se fez esperar. Alli fortificou um arraial.

Diversas revoltas existiram no lapso temporal de 1687 – 1714, não era propriamente uma revolta, porém um ajuntamento de negros escravos que para isso aproveitavam das perturbações de toda ordem occoridas por ocasião da guerra holandesa. Jorge Velho comprometeu-se a destroçal-os.

A Guerra dos Mascates teve como causa a animosidade entre Pernambucanos e Portuguezes que eram apellidos por mascates por aquelles.

Durante o reinado de D. João V a industria e colonização beneficiaram-se excellentemente. Sta Catharina foi occupada e passou á villa.

Guerra com hespanhoes e francezes – impellida pela a Hespanha declarou guerra a Portugal. Os portuguezes queriam se oppôr ao governo de D. Pedro. Poucos dias foram sufficientes para que o príncipe regente desfizesse aquella atmosfera pesada, acalmado defensor do Brasil foi prontamente attendido. Os deputados brasileiros impelliram. Diante da oposição D Pedro proclamou a Independência.

A 3 de maio de 1823 installou-se solememente a Assembleia Constituinte. Moveram oposição a D.Pedro que foi impellido a dissolver a constituinte, promettendo convocar outra no anno seguinte, para aprovar uma mais liberal. Foi nomeado uma commissão de 10 membros.

A 6 de maio de 1826 a assembleia constituinte installou-se definitivamente.

1) Ocorrência das consoantes **mm**, grafadas em commandada, comissão, commando.

2) Ocorrências das consoantes **ll** grafadas em caravellas, elle, collegio, alli, Villegagnon, fallecer, fallecendo, falleceu, aliança, holandeses, aparelhar, apellidos, aquelles, excellentemente, villa, impellida, aquella, impelliram, installou.

3) Ocorrências das consoantes **nn** grafadas em anno, annuaes, inimigos.

4) Ocorrências das consoantes **cc** grafadas em direcção, succedendo, succumbiu, succedera, ocasião, occupada, occupar, successor, accordaram.

5) Ocorrências das consoantes **pp** grafadas em supposta, appareceram, opposição.

6) Ocorrências das consoantes **tt** grafadas em attraiu, attendendo, attendido.

7) Ocorrência da consoante **ff** grafadas em sufficientes.

As consoantes geminadas do latim foram se perdendo quando evoluíram para o português. Os documentos medievais galegos e portugueses apresentavam consoantes dobradas por influência da tradição da grafia latina. Entretanto, houve a necessidade de simplificar a língua.

Pereira (1935, p. 83) descreve sobre a abolição do uso das consoantes dobradas (...) Os grupos homogêneos ou geminados – bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt, simplificam-se em regra, deixando cair o primeiro elemento, tornando-o insonoro. A conservação na escrita desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da orthographia etymologica, como por exemplo, commandada, caravellas, inimigos, sucessor, suposta, atraiu, sufficientes

A análise de todas as palavras observadas na seção incide na mesma ideia de que no período pseudoetimológico, havia a tentativa de conservar a origem etimológica da palavra, com o advento do período simplificado, tais concepções foram abandonadas.

As consoantes **mm**, grafadas em commandada, comissão, comando, por exemplo, eram grafadas por questão etimológicas, e a escrita seguia esse padrão. Com o transcorrer do tempo, o desuso e não relevância sonora das consoantes geminadas mm houve a supressão de um m, evoluindo para comandada, comissão, comando.

As palavras escritas com as consoantes geminadas **ll** seguiam regras específicas, de acordo ao prefixo que formavam novas palavras, como também na junção de sílabas determinadas.

Atualmente, houve a redução de uma geminada, considerando que foneticamente não há nenhuma mudança, não mais havendo a necessidade de duplicar as letras. Assim caravellas, elle, collegio, alli, Villegagnon, fallecer, fallecendo, falleceu, aliança, holandezes, aparelhar, apellidos, aquellos, excellentemente, villa, impellida, aquella, impelliram, installou são grafadas caravelas, ele, colégio, ali, Vilegagnon, falecer, falecendo, aliança, holandeses, aparelhar, apelidos, aqueles, excelentemente, vila, impelida, aquela, impeliram, instalou.

As consoantes geminadas **cc** seguem a etimologia, nesse caso, o latim, não podendo, no entanto, perder a duplicação. No século XXI, houve a perda de um c, pois na pronúncia dessas palavras, o fonema não tem qualquer alteração, visto que sua perda não mudou foneticamente o modo da pronúncia nem tão pouco o seu significado. Assim, direcção, succedendo, succumbiu, succedera, ocasião, ocupada, ocupar, successor, accordaram, hoje são grafadas direção, sucedendo, sucumbiu, sucedera, ocasião, ocupada, ocupar, sucessor, acordaram.

A letra **p** foi suprimida na ortografia das palavras em destaque porque não apresentam qualquer falta na oralidade. Assim, *supposta*, *appareceram*, *oposição* são grafadas, *atualmente*, *suposta*, *apareceram*, *oposição*.

As consoantes geminadas na Constituição do Estado de Matto Grosso, nesse texto que trata da 1ª Constituição do Estado do Mato Grosso, cujo presidente da assembleia, naquela ocasião, era o Dr. José Maria Metello, tratava da organização, das atribuições, das leis e resoluções, sobre o poder executivo, judiciário, enfim, tudo do que é pertinente a uma constituição estadual, e constam nas páginas 30 a 42 do *Album Graphico do Mato Grosso* palavras selecionadas grafadas com as consoantes geminadas.

Algumas consoantes dobradas utilizadas no latim foram herdadas pela língua portuguesa de Portugal até ano de 1911 e no Brasil até 1931.

Como se observa as consoantes internas duplas na sua passagem para o português do século XXI reduziram-se a simples.

Segundo Gonçalves (1992, p. 85), para essas consoantes dobradas mediais, se lança mão do critério da analogia com o latim e explica as razões de tais duplicações nos seguintes termos: "*Há humas palavras, que dobrão*

letra por causa da sua composição (...). E há outras que dobrão de sua natureza (...)".

Consoante Exemplos na Século XXI
Dobrada Constituição do Estado
de Matto Grosso

cc	acção	Ação
	acceitar	Aceitar
	accusação	Acusação
	accusado	Acusado
	secções	Secções
	successivas	sucessivas
	funcção	função
	funcionarà	funcionará
	funcionarios	funcionários
	condicções	condições
	instrucção	instrução
nn	annos	Anos
	annuaes	Anuais
	annualmente	Anualmente
	annular	Anular
	pennas	penas
tt	attentados	Atentados
	atribuições	Atribuições
	remetterà	Remeterá
	remettidas	Remetidas
	demittindo	Demitindo
	submettida	Submetida
ff	offenderem	Ofenderem

	offerecidos	Oferecidos
	official	Oficial
	affins	Afins
	demittir	Demitir
	effectuará	Efetuará
	suffragios	Sufrágios
mm	commettidas	Cometidas
	commissão	Comissão
	communicações	Comunicações
	communs	Comuns
	commutar	Comutar
	immediato	imediat
ll	d'elles	Eles
	ellas	Elas

Cuesta (1971) diz que no português arcaico a geminação dessas consoantes era às vezes etimológica (*cavallo* < *lat. caballum*, hoje *cavalo*), mas em outra era arbitrária (*pallavra* < *lat. Parabolam*, hoje *palavra*).

Temos consoantes geminadas no *Breve Histórico sobre a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, o Album traz um breve histórico sobre a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Neste texto encontram-se várias palavras grafadas com as consoantes geminadas e que hoje caíram em desuso.

“No fim do anno de 1903, autorizado a Noroeste a funcionar imediatamente”

Esse texto apresenta as seguintes palavras grafadas com consoantes geminadas:

Construcção

Difficuldades

Mattas

Annuaes
Apparentemente
Mettalica
Fallar
Immerecida
Appareceram
Colocada
Comprometteu
Coefficientes
Opportunamente
Villas
Collectados
Desapparecimento
Valles

Segundo Said Ali (2001, p.24) temos uma elucidação para o uso das consoantes geminadas:

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de se acomodar a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram, hábitos em que os povos diferiam uns dos outros. E as modificações se davam não somente porque os órgãos de fonação, habituados aos sons indígenas, sentiam dificuldades em produzir sons estranhos, mas também porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Segundo Carvalho e Nascimento (1977, p.59) as consoantes geminadas são classificadas como:

Homogêneos – formados por consoantes iguais ou geminadas.

Heterogêneos – formados por consoantes diferentes.

Latinos – que existiam em latim.

Românicos – que resultaram da síncope de uma vogal.

Próprios – constituídos por uma oclusiva ou f mais uma líquida, l ou r.

Tanto no português arcaico como no português moderno as consoantes tinham o mesmo valor podendo estar no início, meio ou fim da palavra. Embora, de uma forma geral, as consoantes que apareciam geminadas ou dobradas tinham valores diferentes das consoantes simples.

Coutinho (1974, p. 74) ressalta: Geralmente, dobravam-se as consoantes apenas para diferenciá-las das consoantes simples. A letra “l”, por sua vez, apresentava-se geminada na posição final e quando posicionada no interior de alguns vocábulos. “É comum estar geminado no meio e no fim da palavra.” *Ex: Mettálica, Fallar, Villas, valles*

O “l” dobrado em posição final era, provavelmente, usado para distinguir o “l” velar do alveolar; em posição medial, ocorria por influência do latim.

Conforme Melo (1981, p.161-163) afirma:

A ortografia fonética corresponde à fase arcaica do idioma e caracteriza-se, de modo geral, pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com a pronúncia. Existe assim uma apreciável coerência, ao menos de princípios, e bastante uniformidade. De regra, não se empregavam letras que não correspondessem a nenhum som, letras ditas mudas, e não se dobravam consoantes, à exceção do r, s, f, l e m. A geminação destas era bem arbitrária.

Como se viu, a ortografia fonética correspondeu à fase arcaica da Língua Portuguesa, onde houve um zelo em escrever as palavras em harmonia com a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente produção acadêmica tem a finalidade de identificar o verdadeiro motivo pelo qual as consoantes geminadas foram utilizadas na escrita do *Album Graphico do Matto Grosso* estão em desuso, atualmente, na Língua Portuguesa Contemporânea.

A investigação dos acontecimentos históricos da Língua Portuguesa são objetos de apreciação da historiografia linguística, que se torna um instrumento nas mãos do pesquisador que tem o papel de relacionar os dados linguísticos inseridos em uma sociedade em determinadas épocas, analisando assim mudanças ocorridas na língua desde o princípio até hoje. (2017).

A investigação dos processos de evolução de uma determinada língua e as suas prováveis mudanças não são de fácil compreensão, porém, nessa perspectiva torna-se primordial relacionar e compreender os princípios da Contextualização, Imanência e Adequação nos limites da historiografia linguística quando se propõe a desenvolver um trabalho nesse sentido. É importante adotar como aporte teórico os princípios metodológicos de Konrad Koerner (1996). Fundamentado no que defende a historiografia linguística, podemos notar que o e a língua portuguesa utilizada naquele momento estão muito diferentes da língua portuguesa que utilizamos atualmente. As mudanças são visíveis e podemos notar que o *Album Graphico do Matto Grosso*, objeto de estudo aqui investigado, as consoantes geminadas, passaram a não ser mais utilizadas na língua portuguesa contemporânea. Este processo iniciou-se na passagem do latim para o português. As consoantes geminadas ou consoantes dobradas reduziram-se a consoantes simples, com exceção dos grupos formados por “r” ou “s” que possuem valores diferentes e por este motivo continuam até nos dias atuais a serem utilizadas na Língua Portuguesa.

A análise das consoantes geminadas encontradas no Album comprova a evolução ocorrida na ortografia da Língua Portuguesa onde o resultado denota um processo gradativo de aprimoramentos linguísticos com o intuito de melhorar cada vez mais a pronúncia e a escrita da Língua Portuguesa no Brasil.

Entretanto, a investigação que aqui fora feita constitui apenas um esboço das várias possibilidades que o assunto permite que façamos. Finalmente, acreditamos ter atingido o objetivo proposto, permitindo auxiliar nas abordagens relativas às mudanças ortográficas da nossa língua. Portanto, ainda há muito a ser investigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, C. *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil*. Revista Argentina de Historiografia Linguística, vol. I, n. 2, 2009.

ALVARENGA, Daniele Chagas de. *Gramática Expositiva – Curso Elementar de Eduardo Carlos Pereira: um estudo sob a perspectiva da Historiografia Linguística*. São Paulo: Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

AYALA, S. Cardoso. SIMON, F. *Album Graphico do Matto Grosso*. Campo Grande: AGIOSUL, 2006.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. *O fazer historiográfico em língua portuguesa*. Puc/SP – UPM. 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/historiografico_neusa.pdf>. Acesso em: set/2016.

_____. *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Saraiva, 2015.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 10 Jul 2016.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CÂMARA JR., J. Matoso. *Ismael de Lima Coutinho – Pontos de gramática histórica. A Cigarra*. Revista da Editora “O Cruzeiro”. Rio de Janeiro, 1958.

CÂMARA, Bira. *Origem dos almanaques*. (2009). Disponível em jornalivros.com.br. Acesso em setembro de 2016.

CARVALHO, D. G. & NASCIMENTO, M. *Gramática histórica*. São Paulo, Ática, 1968.

CASTRO, IVO. *Celso Cunha, o Não-Gramático (1989)* Publicado na revista *Sábado*, Lisboa, Maio 1989; e depois em *Confluência*, Rio de Janeiro, 5, 1993, pp.23-28. Disponível em http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/1989_Celso_Cunha.pdf. Acesso em setembro de 2016.

CELSO Ferreira da Cunha: *Biografia resumida*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/celsocunha.html>>. Acesso em set/2016.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO. Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/cedoch>>. Acesso em set/2016.

COELHO, Olga. *Léxico, ideologia e a historiografia linguística do século das identidades*. Revista Letras, Curitiba, n. 61-especial, UFPR, 2003.

COUTINHO, Ismael. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUESTA, Pilar Vasquez. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1971.

DELAMÔNICA, Adiléa Benedita. *O Alburno Graphico do Estado de Matto Grosso e as Representações sobre os Trabalhadores Negros (1914/1920)*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.1, 2006.

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA. Disponível em: <<http://www.linguistica.fflch.usp.br/node/569>>. Acesso em set/2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRA, Ester. *Historiografia linguística de Mattoso Câmara: Contribuições à linguística brasileira*. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, 2008.

FINGER, Anna Eliza *Um Século de Estradas de Ferro – Arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957*. [Brasília] 2013 Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília – Unb – Brasília, 2013.

GHIRARDELLO, Nilson. *A companhia estrada de ferro Noroeste do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GODOY, Eliana Vieira. *Historiografia Linguística: Um percurso histórico linguístico*. Revista Multiplas Leituras, v. 02, nº 02, p. 177-188, jul/dez, 2009.

GOMES, Nataniel dos Santos, FERREIRA, Michelle de Chiara, SILVA, José Pereira da (Organizadores) *HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA e CONSOANTES GEMINADAS em Silhuetas e Bosquejos de Ismael de Lima Coutinho*. In GOMES, Nataniel dos Santos, FERREIRA, Michelle de Chiara. *UM PANORAMA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL*. Cifefil, 2015.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

GUIMARÃES, E. *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GUTIERRES, Edison Aparecido. *Vida e Contribuição Educacional de Eduardo Carlos Pereira*. Seminário de Pesquisas PPE. Universidade Estadual de Maringá. 27 e 28 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/017.pdf>. Acesso em set/2016.

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA PUC-SP. *Historiografia da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/grupo%20de%20pesquisa/PROF_NEUSA_PROF_DIELI.pdf>. Acesso em set/2016.

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA UEG. Pesquisa. Disponível em: <<http://www.jussara.ueg.br/conteudo/1124>>. Acesso em set/2016..

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA UFG. *IMAGO – Grupo de Historiografia de Pesquisa em Linguística*. Disponível em: <<http://imago.letas.ufg.br/pages/26519>>. Acesso em: 21/01/2013.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em Historiografia Linguística*. In Revista da ANPOLL, nº 02, 1996.

LINS, Vera. *Ribeiro Couto, uma questão de olhar*. (Papéis avulsos) Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo, Editora Cutrix, ed. 13/14, ano 1993.

MADUREIRA, Elizabeth. *Revivendo Mato Grosso*. Secretaria de Educação de Mato Grosso, 1997.

MARCONDES, Cléria Maria Machado, LIMA, Ana Maria Barba de. *Historiografia Linguística: Princípios e Concepções*. Revista da Universidade Ibirapuera - Universidade Ibirapuera São Paulo, v. 6, p. 52-56, jul/dez. 2013.

MATA, Priscila Figueiredo da; GOMES, Nataniel dos Santos. *historiografia linguística na Fase Jesuítica e Segundo Reinado*. Ave Palavra. Alto Araguaia: UNEMAT, 2013. Disponível em: <<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/16/artigos/priscilanat.pdf>>. acesso em set de 2016.

MELO, G. C. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981, p.159-168.

MOLINA, Márcia A G . *Uma Gramática, seu Autor e o Contexto de Produção de sua Obra*. São Paulo: USP. 2011. Disponível em <http://www.filologia.org.br/>. Acesso em setembro de 2016.

MUSSOLIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, J. V. *Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística*. In: _____. (Org.). *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *A Historiografia Linguística e a Consolidação de seu Estatuto Científico*. In Revista Acta, Revista do Grupo de Pesquisa "A escrita no Brasil Colonial e suas relações." Acta, Assis, vol. I, 2011.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9ª edição. São Paulo: Nacional, 1935. 597p. (contém Prólogo datado de 1915).

PEREIRA, Rubens César Ferreira, GOMES, Nataniel dos Santos. *AS CONSOANTES GEMINADAS: UM ESTUDO COM BASE NO ALMANACK CORUMBAENSE*. Cadernos do CNLF, Vol. XVIII, Nº 07 Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística e de Ensino (2ª edição, revista e aumentada). Rio de Janeiro, 2014.

PRANDINI, Nádia. *Metafonia: Um Estudo do Fenômeno Linguístico na Gramática de Eduardo Carlos Pereira*. Disponível em <http://www.uel.br/>. Acesso em setembro de 2016.

ROBERT, Maria Teresa Coutinho. *ISMAEL DE LIMA COUTINHO E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL*. Revista Philologus, Ano 17, N° 50. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago. 2011.

SAID ALI, M. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2. ed. melh. e aum. São Paulo: Melhoramentos, [1921].

SAUSSURE, Fernando de. *Curso de Linguística Geral*. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

SWIGGERS, Pierre. *História e historiografia da linguística: status, modelos e classificações*. Disponível em: <<https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomia.pdf>>. Acesso em set de 2016.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro. (Prestígio)

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEINGÄRTNER, Alisolet Antônia dos Santos. *Apresentação*. Revista ARCA n. 5 (1995). Disponível em <http://www.capital.ms.gov.br/>. Acesso em setembro de 2016.

ANEXO I

Contexto da História de Mato Grosso

A RETIRADA DA LAGUNA - VISCONDE DE TAUNAY

Episódio da Guerra do Paraguai

CAPÍTULO I - Formação de um corpo de exército destinado a atuar, pelo norte, sobre o Alto Paraguai. Distâncias e dificuldades de organização

CAPÍTULO II – Miranda. Partida da coluna. Marcha de Miranda a Nioac

CAPÍTULO III - Nioac. O coronel Carlos de Moraes Camisão. O guia José Francisco Lopes

CAPÍTULO IV – Marcha sobre a fronteira paraguaia. Conselho de guerra.

CAPÍTULO V – Reconhecimento. Rebate falso. Regresso de cativos escapos ao inimigo. O guia Lopes e o filho. Avante!

CAPÍTULO VI – Em marcha. Formatura da coluna. À vista da fronteira

CAPÍTULO VII – Passagem do Apa. Primeiro embate. Ocupação da Machorra.

CAPÍTULO VIII – Ocupação de Bela Vista. Devastações dos paraguaios em torno da coluna. Tentativa de negociações. Seu malogro. Tornam-se os víveres escassos. Marcha sobre Laguna.

CAPÍTULO IX – Ordem de marcha. Formatura do corpo expedicionário. O mascate italiano. O major José Tomás Gonçalves. Surpresa e tomada de acampamento paraguaio da Laguna

CAPÍTULO X – Retrocesso sobre o Apa-Mi. Escaramuças e combates com a cavalaria inimiga que envolve completamente a coluna.

CAPÍTULO XI – Rebate falso. Últimas ilusões. O tenente Batista. Passagem do Apa. Volta ao território brasileiro.

CAPÍTULO XII – Ataque vigoroso do inimigo. Nós o repelimos, mas, com o fragor de combate, nosso gado se dispersa. Cenas do campo de batalha. A preta Ana. O ferido paraguaio. Vão os víveres faltar.

CAPÍTULO XIII – Deliberação sobre o caminho a seguirmos. Primeiro incêndio no campo

CAPÍTULO XIV – Continua a marcha. Temo o inimigo à frente. Novo sacrifício de bagagens. Faltam os víveres. Incêndios e temporais. Escaramuças incessantes.

CAPÍTULO XV – Incerteza do rumo. Novo incêndio e novo ataque dos paraguaios. Penúria da coluna. Acertamos novamente com o caminho. Passagem do rio das Cruzes. Recomeça a marcha. Nova travessia do rio. Fome. As mulheres da coluna.

CAPÍTULO XVI – Lampejo de esperança que se desvanece logo. A cólera. Reaparece o inimigo. O incêndio sempre. Recrudescer a cólera. Um recurso: os palmitos. Terrível passagem de um pântano. O tenente Santos Sousa. Acampamento. Conseguimos acender fogo

CAPÍTULO XVII – Chegada às divisas das terras do guia Lopes. Passagem do Prata. O inimigo nos acompanha sempre, mas persegue-nos frouxamente. Devastações da cólera. Perplexidade do coronel Camisão. Abandonamos os enfermos. A separação. Ao tenente-coronel Juvêncio e ao coronel Camisão salteia a peste. Morte do filho de Lopes. Prossegue a marcha. Chegada à fazenda de Lopes; morre este ali de cólera. Seu túmulo.

CAPÍTULO XVIII – Chegada às margens do Miranda. Mantém-se o inimigo afastado para evitar o contágio da cólera. O Miranda não dá vau. Alguns homens o atravessam, entretanto, a nado, trazendo a boa notícia da existência de grande laranjal, coberto de pomos maduros. Os caçadores recebem a ordem de tentar, em corpo, a passagem e conseguem-no. Morte do tenente-coronel Juvêncio. Morte do coronel Camisão. Substituí-o, no comando, o major José Tomás Gonçalves. Instala-se um vaivém sobre o rio. Chegam abundantes as laranjas. Seu efeito benéfico sobre os esfaimados e coléricos.

CAPÍTULO XIX – Renasce a confiança. Restabelece-se a disciplina. Passagem do Miranda. Os canhões. Ainda o inimigo. Tomamos-lhe alguns bois que oferecem ótimo recurso. Marcha forçada. Vencemos sete léguas! Canindé.

CAPÍTULO XX – Marcha sobre Nioac, que apenas dista duas léguas. O inimigo rodeia continuamente a coluna. O mascate italiano Saraco.

CAPÍTULO XXI – Nioac. Decepção; encontramos a vila saqueada, incendiada e quase destruída pelos paraguaios. Infernal ardil de guerra. Desaparece o inimigo, definitivamente. Regresso pacífico do corpo de exército.

Ordem do dia sobre esta campanha de trinta e cinco dias.

La Maisonnette

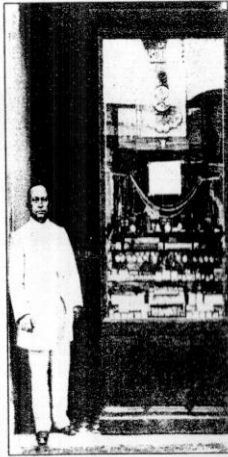
Club dos afamados relógios de 21 linhas, 18 quilates, caixa forte, regulamento garantido exacto. — LA MAISONNETTE.

A venda d'este relógio ou joia d'esta à cada pessoa 5.000 por semana durante 70 semanas, o grupo compõe-se de 140 pessoas que entram em 70 sorteios, ao final os 70 restantes receberão todos os seus relógios no valor de Rs. 300.000.

Sorteios todas as terças-feiras às 3 horas da tarde na casa A CONFIANÇA de Octavio Battesti.

RUA DE LAMARE 126. CORUMBÁ

Relojoaria, Ourivesaria e Gravura
A Confiança



Grande sortimento de joias e relógios finos, todos garantidos.



Preços sem competencia, officina bem montada para a fabricação de qualquer joia ou trabalhos concernentes à este ramo.



Octavio Battesti
CORUMBÁ
MATTO-GROSSO

DR. N. FRAGELLI CORUMBÁ

Atende á chamados de partos, á qualquer hora, mediante ajuste prévio. Clinica das crianças. Sua residencia: das 5 ás 9 horas da manhã. Pharmacia Goyano: á tarde. Aos pobres gratis.



Goyano & Cia.

Corumbá

Pharmacia e Drogaria

Rua 13 de Junho No. 51,
Esquina Tiradentes



O estabelecimento pharmaceutico mais bem montado no Estado de Matto-Grosso

Avia receitas á qualquer hora do dia e da noite

Vendas de drogas por atacado para fóra da cidade

Adelino de Barros Corumbá

Proprietario da Lancha á vapor "BRASIL" e chata "MOQUEM"



Viagens regulares para
Aiquidauana e Cuyabá
Viagens especiaes para
qualquer porto do Interior



Consultorio de clinica e cirurgias dentarias

do Dr. Uespaiano de Assis
Com longo tyrocínio pratico de sua profissão,
correspondente do Instituto dental de New York

Tratamento de dentes por processo rapido e indolor

Execução deapparehos ortodonticos, trabalho de real importancia em caso de sua indicação, visto restituir a phonação natural á uma pessoa

phanhosa. Execução e applicação de apparelhos de ortodontia.

Execução de apparelhos proteticos (duplo ou parcial) em base de ouro, prata e platina e vulcanite.

Especialista em coronas pivots Bridge Work, obturações e restaurações á ouro.

Preços relativamente razoaveis

Consultas de 9 ás 12 a. m. e de 2 ás 5 p. m.

32 Rua 15 de Novembro

Novembro



Albino Dias da Costa & Cia.

Corumbá

Endereço tel.: "Albino"

Caixa Postal No. 09

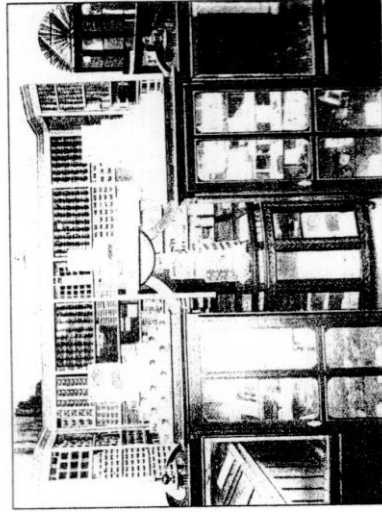
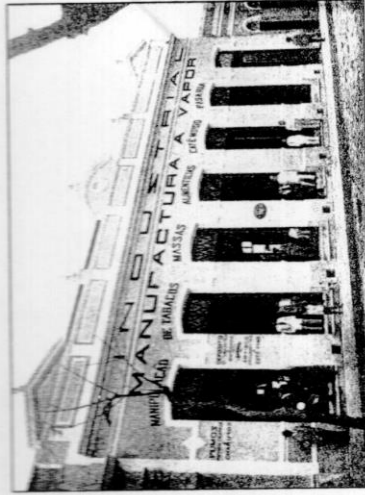
Código usado: Ribeiro :: Telephone No. 34

Capital empregado na construção do edificio e das machinas installadas: Rs. 250.000\$000.

O socio fundador da casa, desde o anno 1882 residente em Corumbá, onde sempre empregou a sua actividade em empresas industriales, é o Sr. Albino Dias da Costa, natural de Portugal.

A firma, cujo segundo componente é o activo commerciante Sr. Eugenio José Esteves, foi fundada em 1906, funcionando as suas machinas no principio n'uma casa pouco adequado ao fim; desenvolvendo-se, devido á incanceavel actividade dos seus socios e o bom acolhimento que os productos fabricados obtiveram por parte da população, em consequencia da sua insuperavel qualidade, o negocio rapida e satisfactoriamente, foi construido, em terrenos adquiridos para o fim, o novo e vasto edificio, no qual foram installadas as machinas mais modernas e potentes para os diversos ramos industriales explorados.

Essas machinas, movidas por um motor "Otto" á kerozene, sendo todas as dependencias do edificio illuminadas á luz electrica, representam uma capacidade total para produzirem diariamente 2000 kilogrammas de pão e bolachas, 1500 kilogrammas de massas alimenticias, 1500 kilogrammas de café torrado e moído e 300 kilogrammas de fumo cortado e desfiado para 80.000 cigarros e charutos.



JOSETTI & CIA., CORUMBÁ

Grande parte da actividade dos socios da firma é destinada ao desenvolvimento da EXPORTAÇÃO de Borracha, Ipecacuanha, Pennas de garça, Pelles, Madeiras e Cereaes, productos extrahidos de seu grande estabelecimento industrial, situado no Municipio de "Diamantino": os productos referidos são embarcados no porto denominado "Barra dos Bugres", á margem direita do rio Paraguay, onde a firma mantém uma succursal para melhor attender ás necessidades do estabelecimento. No centro d'essa propriedade tem montada a industria extractiva da BORRACHA e IPECACUANHA, productos de reconhecida utilidade mundial, e a cultura de algodão, arroz, café, canna de assucar etc., sendo de notar que a força motriz para os varios misteres é produzida pela queda d'agua das II cascatas existentes n'aquella propriedade. A borracha, ipecacuanha e as pennas de garça são exportadas directamente para Europa, especialmente para Hamburgo, cujo mercado tem sabido atrahir os productos de Matto-Grosso.

em condições vantajosas com as produções das plantações de outras partes do Mundo.

Mantém também a firma uma Pharmacia e Drogaria em São Luiz de Cáceres (unica n'aquella cidade), com a denominação de "Pharmacia e Drogaria Josetti", e gyrando sob a razão social de Adolpho & Cia.; este estabelecimento é dirigido pelo Pharmaceutico-chimico Sr. Adolpho Fred. Josetti.



A firma iniciou já a plantação da borracha (hevea brasiliensis) nas proprias terras onde ella é nativa, de forma que é de esperar não só o facil crescimento da planta, como proxima e abundante produção, pelo que a firma espera, brevemente, poder concorrer

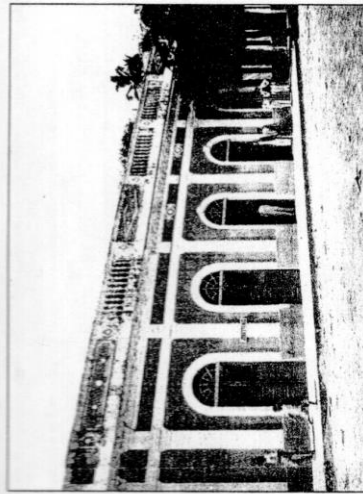
JOSETTI & CIA., CORUMBÁ

Casa fundada em 1909 com um capital de Rs. 250:000,000

Escritorio e Armazem: Rua Presidente Costa Marques No. 10/12

Endereço tel.: "CHIRON"

IMPORTAÇÃO directa das principais praças europeas e americanas de machinas para industria e artes, ferragens em geral, artigos navaes, moveis, tintas, louça, vidros, philtros e artigos sanitarios que vendem por atacado e á varejo em todo o Estado.



Codigos em uzo: ABC 5th, Ribeiro

Constitue a razão social, como socios solidarios: Sr. Frederico A. Josetti, Superintendente industrial; Dr. João A. Josetti, Representante da firma em Europa; Sr. Arthur Josetti, Gerente da casa Matriz em Corumbá; e como interessados: Sr. Guilherme Linke, Procurador da firma e Chefe d'escritorio; Sr. Nicanor de Pinho, Viajante e Representante da firma no Interior do Estado.



Lloyd Brasileiro, Sociedade Anonyma

Agencia em Corumbá: Rua Presidente Costa Marques No. 1 (Solbrando)

Endereço tel.: Brazilloyd

A maior Companhia de Navegação da America

com 72 Vaporas com 162.000 Toneladas

Agente em Corumbá: **Commandante Oscar Amarante Ramaguetta**

SERVIÇO DE PASSAGEIROS: Duas viagens regulares por mes, de Montevideo á Corumbá e vice-versa, pelos paquetes:

Ladario, Mercedes e Venus.

SERVIÇO DE CARGA: Uma viagem mensal de Montevideo á Corumbá e vice-versa, pelos paquetes:

Martinho, Miranda e Cáceres.

Duas viagens mensaes, em combinação com as de Montevideo, para passageiros, de Corumbá á Cuyabá e vice-versa, com os

paquetinhos **Coxipó, Nioac e Orvalho,**

este ultimo como auxiliar na epoca de vasante.

Quatro viagens mensaes regulares do Rio de Janeiro á Montevideo, sendo duas em correspondencia com os paquetes da linha de Matto-Grosso, com os paquetes

Saturno, Jupiter, Orion e Sirio:

estes paquetes fazem escala em: Santos, Paranaguá, Antonina, Sao Francisco, Itajahy, Florianopolis e Rio Grande do Sul.

Em Rio Grande effectua-se transbordo directo para Pelotas e Porto Alegre, sendo este para os rapidos e luxosos paquetes

Javary e Oyapoké.

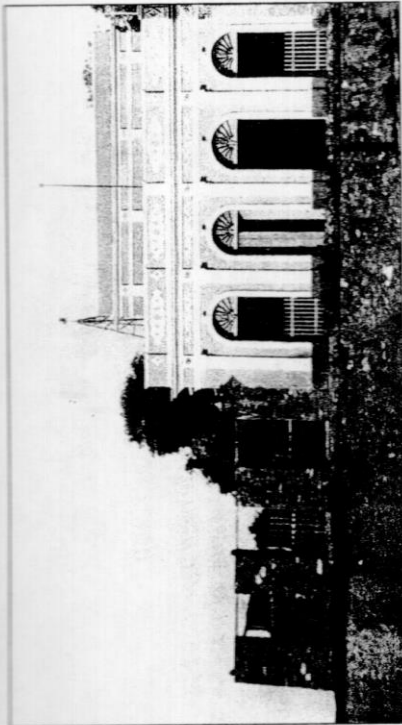
Duas viagens rapidas e regulares mensaes de Paysandú á Marabó, com escalas por Fray Bentos, Montevideo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pará, com os paquetes

Minas Geraes, Rio de Janeiro, São Paulo e Xcre:

estes paquetes sahem de Montevideo para o Norte todos os dias cinco e vinte de cada mez, coincidindo com os vapores da linha de Matto-Grosso.

Além d'estas linhas possui a Empresa varias outras, sendo digna de nota a linha do Norte, para onde sahe semanalmente do Rio um paquete.

A Empresa recebe directamente para Matto-Grosso cargas de qualquer porto da costa, bem como d'aqui para qualquer d'elles.



Vasques, Filhos & Cia., Corumbá

Sede Social: Rua Presidente Costa Marques (junto à Alfândega)

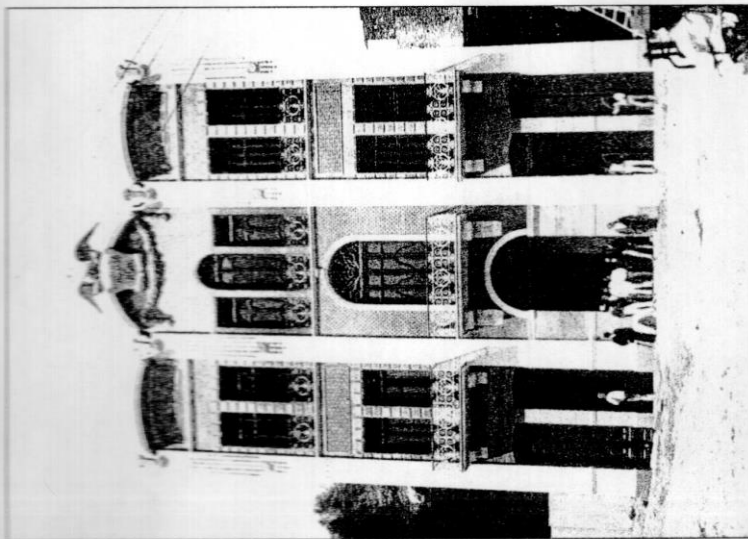
Endereço telegr.: "VASQUES". - Código uzado: Ribeiro.
Caixa Postal No. 11. Telephone No. 75.

Importação

em geral, com especialidade: Farinha de trigo.

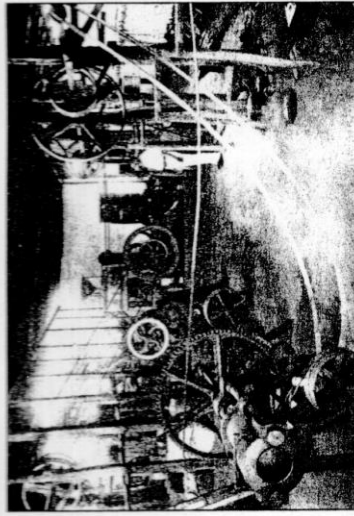
Exportação de todos os generos do Estado.

A casa foi fundada em 1900, sendo socios componentes hoje os Srs.
Miguel Vasques, Francisco Vasques e Agostinho Vasques.

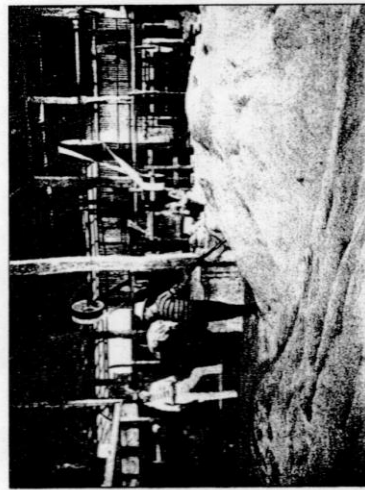


Fernando Leite & Co.
CUYABA

Unico estabelecimento industrial no Estado de Matto-Grosso



para a elaboração mechanica de productos agricolas



Descascadoras de milho e arroz

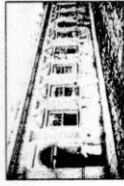
Moinhos para mandioca e milho

Separadores, Debulhadores e machinas para a lavagem

Hotel Cosmopolita

de Blanco & Liceti Cuyabá Rua Pedro Celestino No. 5

Endereço tel. "Cosmopolita"
Telephone No. 3



Habitacoes espaciaes e arejadas, proprio para o clima calido... Magnifico salão de refeicoes... Comodos es- pecias para familias e para viajantes do commercio.

A casa, além do Hotel, ainda possui uma succursal com todos os elementos de conforto e hygiene.

CAFÉ & RESTAURANTE
AO PONTO

de M. Moreira & Cia. / Cuyabá, Praça da Republica No. 3

Endereço tel: "OPONTO"
Telephone No. 90



Completo sortimento de bebidas, conservas, comestiveis, cigarros e charutos

Sala de bilhar etc. etc.

Gabriel Francisco de Mattos, Cuyabá

Portuguez de nascimento, natural da Villa Nova de Fami-
lição (Minho), o Sr. Gabriel Francisco de Mattos veio para o
Brasil em 1883, á convite e instantes chamados de seu irmão
Joaquim Francisco de Mattos, Vice-Consul de Portugal, já então
estabelecido em Cuyabá e onde mais tarde veio á fallecer.

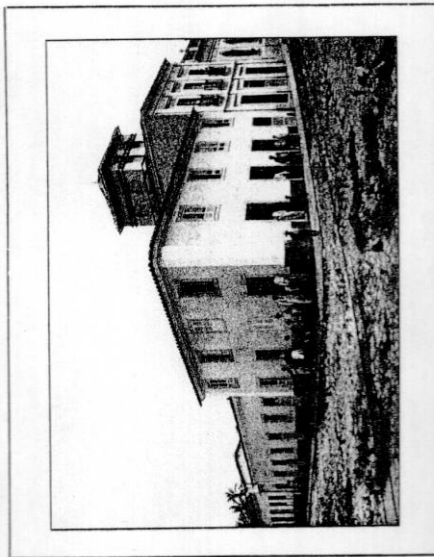
Em Cuyabá, trabalhando em companhia d'aquelle seu irmão,
o Sr. Gabriel de Mattos ganhou immensa sympathia no seio da
sociedade, sendo que em 1902 contrahiu casamento com genil
senhorita de uma das principaes familias do Estado.

Em 1887, dispondo de um peculio não excedente á Rs.
4:500\$000 resolveu estabelecer-se por conta propria, o que fez
com grande tino e rara intelligencia, alliadas á comprovada hone-
stidade: á poucos annos decorridos, a sua casa era considerada
uma das principaes do ramo na capital.

Delicado, attencioso, no meio em que tem exercido a sua
actividade, goza, como commerciante e como cavalheiro, de grande
estima e merecida consideração, sendo que, se é portuguez de
nascimento, de coração pertence á terra brasileira que é a terra
da sua esposa e dos seus filhos.

Franco nas suas relações commerciaes, a casa que lhe per-
tence, desfruta lisongeiro conceito, e, girando com um capital
superior á Rs. 500:000\$000 hoje, procura mais á mais alargar
os circulos das suas transacções.

A casa Gabriel Francisco de Mattos é um exemplo vivo de
que o Estado de Matto-Grosso comporta e recompensa farta-
mente os que n'elle trabalham com intelligencia e honradéz.



Almeida & Companhia, Cuyabá

Fundada em 1870, na capital do Estado, foi a casa dirigida nos primeiros annos directamente pelo Coronel João Baptista de Almeida Filho que então era estabelecido no 2º Districto, e ali iniciou o commercio de exportação de productos da então Provincia do Imperio, notadamente a exportação da Borracha.

Industria incipiente, o seu desenvolvimento posterior deve ao Coronel Almeida os maiores esforços. Associando-se ao cidadão Manoel Xavier Castello, organizou a firma Almeida & Castello em 1894, transferindo a sede do estabelecimento para o elegante prédio em que ainda se encontra, no 1º Districto da Capital.

Devido ao genio empreehedor do chefe da casa, esta tomou notavel impulso, sendo dentro de pouco considerada uma das principaes do Estado, quer pelo avultado das transacções, quer ainda pela comprovada honestidade do seu trato commercial, peculiar à cada socio.

Fallecendo Manoel Xavier Castello e liquidada a parte que cabia aos seus herdeiros, ficou logo após constituida a firma actual, entre o Coronel Almeida e o seu filho Amarilio Alves de Almeida, tendo posteriormente sido incorporados à firma os demais socios de que se compoe.

Entre elles dois, os Srs. Coronel Azambuja e Dr. Novis, empregam sua actividade commercial com preferencia na gerencia das creações industriaes da firma, sendo o primeiro Director-Gerente da Cervejaria Cuyabana e o segundo Director Geral e Medico da Usina Itaicy, ambas installações de propriedade exclusiva da firma Almeida & Companhia.



Almeida & Companhia, Cuyabá

Importação • Banqueiros • Exportação

Casa fundada em 1870 - Endereço tel.: "ALMEIDAF"



Socios:

Coronel João Baptista de Almeida Filho

Coronel Amarilio Alves de Almeida

Coronel Antonio Augusto de Azambuja

Doutor Alberto Novis

João Botocudo de Almeida



Empregados do Escritorio Central em Cuyabá:

Joaquim Frederico de Mattos, Cid Camacho, Clarindo Camacho,

Plinio de Almeida Castello e Lycio Lima



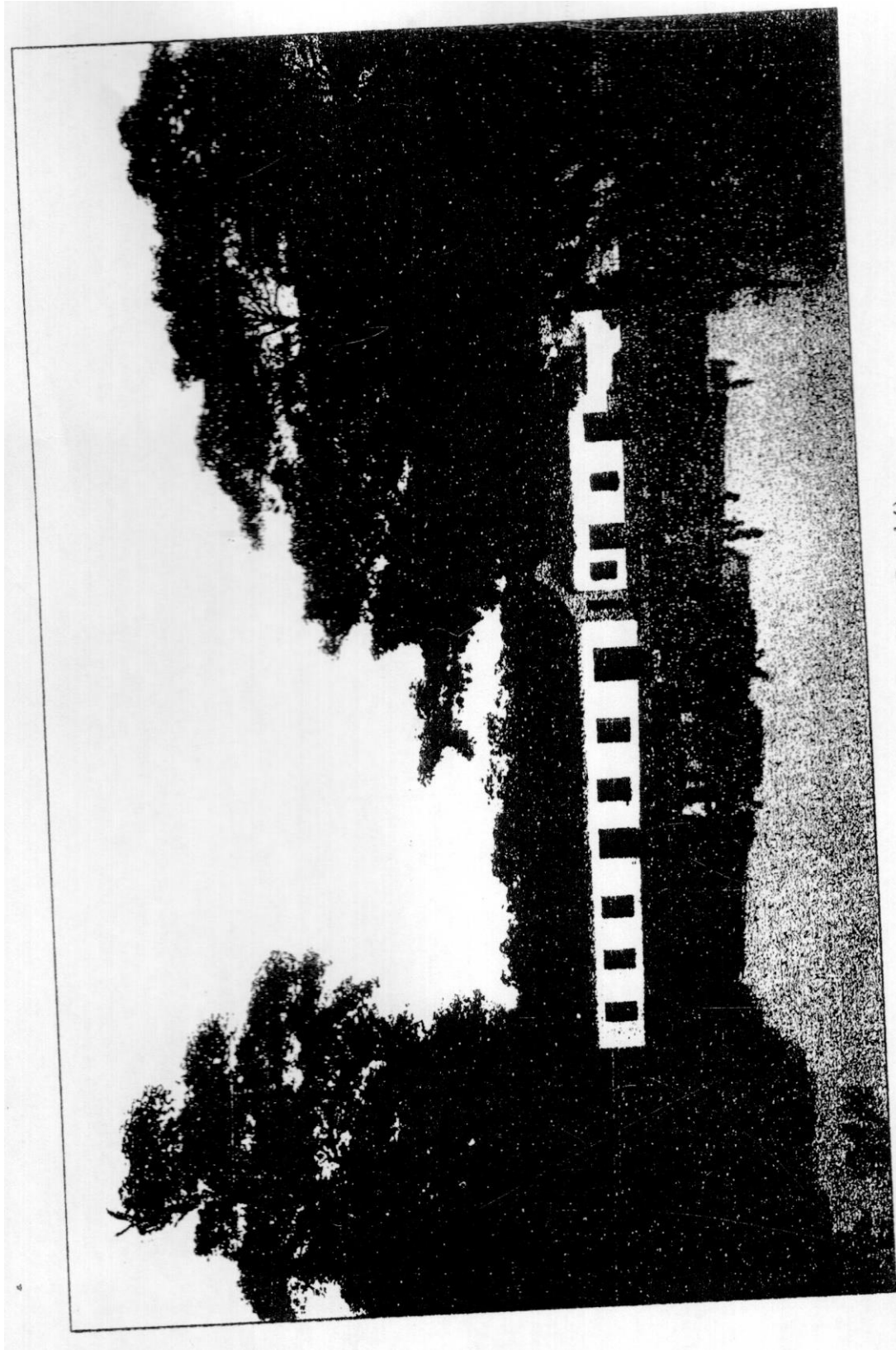
Urucum, A. Avenda

Alfonso G. G. G.

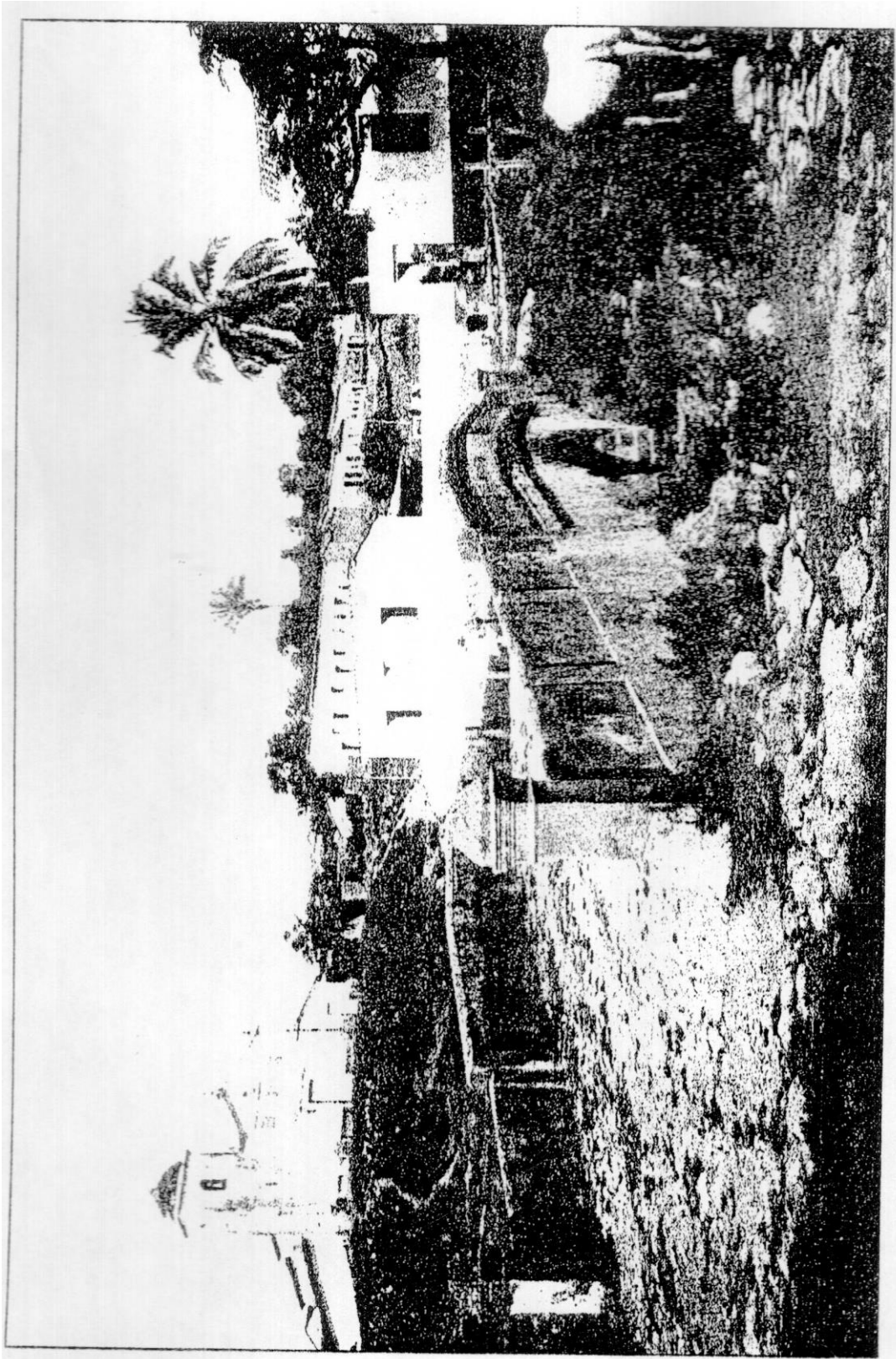




Indias do Chaco



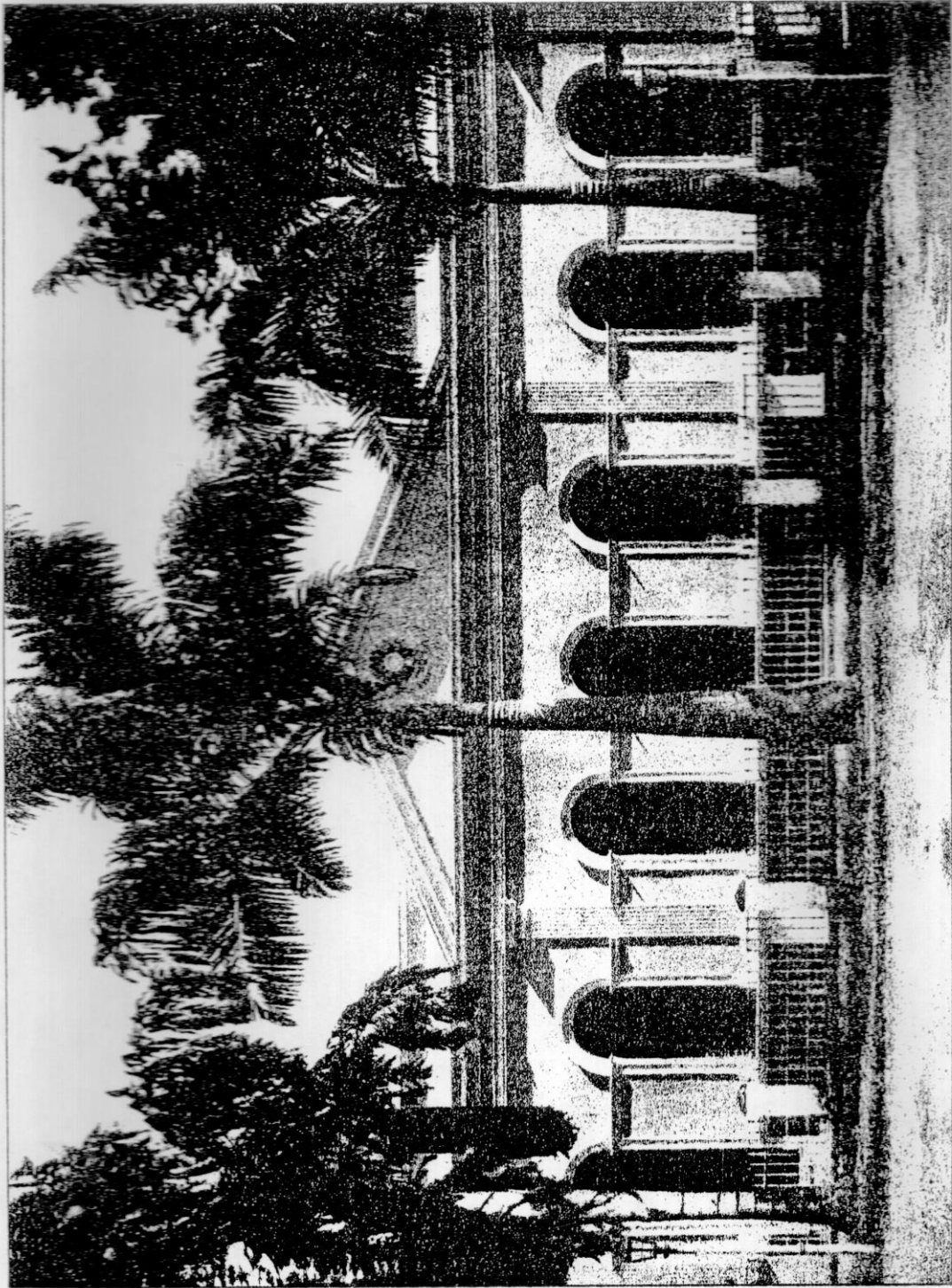
Fazenda Vivi (Rio Cuyabá)



Cuyabá, Bairo da Boa Morte



Lavandeiros indígenas



Cuyabá, O Palácio do Governo

Breve Historico sobre a

Estrada de Ferro Noroeste do Brazil

<Junho 1913>

Preambulo. No fim do anno 1903, em Outubro, foi assignado o Decreto, autorizando a Companhia Noroeste do Brazil á funcionar e encetar immediatamente os estudos para a construcção da Estrada de Ferro de Bauri á Cuyabá, cujo objectivo foi posteriormente mudado para Corumbá, devido á motivos que as Relações Exteriores n'aquelle occasio justificavam plenamente, independente do futuro economico da Estrada que por esta nova orientação acompanha mais proxima o parallelo geographico, de fórma á se tornar brevemente a maior Estrada de Ferro do Atlantico ao Pacifico, desde que acabe de ser ligada ás Estradas de Ferro da Bolivia no trecho comprehendido entre o rio Paraguay e Santa Cruz de la Sierra, trecho aliás relativamente facil no total da sua extensão que não ultrapassará os 800 kilometros.

Construção. Apezar das multiplas difficuldades com que teve de lutar a construcção de tão importante Estrada, especialmente molestias e indios bravios na zona dos primeiros 500 kilometros, até entao completamente desconhecida e inteiramente coberta de mattas virgens, assim mesmo conseguiu obter uma media de avança-mento de cem kilometros annuaes, o que é o record de construcções semelhantes em zona tão pouco favoravel e completamente deshabitada. E mesmo nos subseqüentes 500 kilo-

150

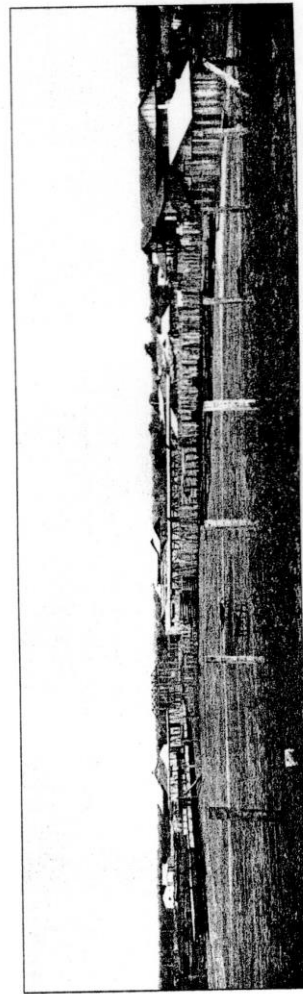
metros annuaes enchenes que paralyzavam quasi por completo os trabalhos de construcção e as communações durante alguns mezes de cada anno. Entre a Iª e IIª zona havia, pois, o grande rio Paraná, sobre o qual, devido á circumstancias independentes da vontade da Companhia, não podia, e até hoje não foi possível, ser construida a ponte metallica de 1000 metros, cujas peças já ha annos estão ali depositadas nas margens do rio. E devido exclusivamente ás difficuldades resumidamente acima enumeradas (não desejando fallar nas locaes e de menor importancia)

é que talvez o acabamento definitivo de tão importante linha ferrea seja motivo das constantes reclamações, quasi sempre injustas, alliadas á muita má vontade e prevenção immercedida, ambas filhas aliás do desejo ardente que cada morador d'estas zonas tem de ver concluida a Estrada, per-



Dr. Sylvio Saint Martin,
Engenheiro Chefe da Construção da E. F. Noroeste

metros (do rio Paraná á Campo Grande), apezar de aparentemente parecerem de construcção relativamente mais facil pelas extensas campinas, as difficuldades



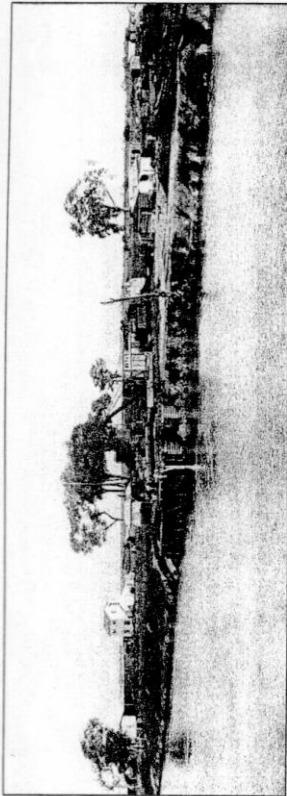
Aquidauana, Dependencias provisórias da E. F. N. O. B.

bendo agora cada um a importancia, ou melhor a necessidade que havia, de tamanho empreendimento para o bemestar e o futuro d'este rico Estado.

Tracado. Como está mencionado no «Preambulo», o primitivo projecto que deu origem á actual Estrada de Ferro, era muito differente do actual tracado. O antigo Banco União de São Paulo (hoje em liquidação) possuía uma concessão Federal para a construção de uma Estrada de Ferro que, sabindo do ponto mais conveniente de uma das Estradas de Ferro Paulistas, penetrando no Estado de Matto-Grosso, procurasse atingir Cuyabá, sua capital, afim de ligar a mesma por estrada de ferro á Capital Federal. De posse d'esta concessão, o mencionado Banco mandou fazer os estudos preliminares por tres distinctissimos profissionaes: Dr. Theodoro Sampaio, Dr. Silva Telles e Dr. G. Hummel (fallecido) que deram cabal vasão ao encargo, trazendo os estudos completos para a construção de uma estrada de ferro de Uberaba (na E. F. Mogyana) até a cidade de Cuyabá.

N'este interim, porém, o Paiz estava entrando n'uma phase financeira muito penosa e pouco favoravel á qualquer empreendimento de tamanha importancia, e o proprio Banco União, proprietario d'aquella concessão, devido ás consequencias da crise provocada pela terrivel baixa do Café, foi obrigado á entrar em liquidação, abandonando provisoriamente toda idéa á respeito d'aquella concessão. No espolio do activo do dito Banco appareceram, entretanto, os documentos e plantas graphicas da concessão em questão (que aliás estava de ha pouco tempo caduca) e o advogado do Banco, pessoa altamente collocada na politica de então, comprometteuse, como realmente o fez, de obter do Governo

Federal prorrogação de prazo para dita concessão, afim de tentar de poder transferir a mesma concessão com o fim de re-haver, pelo menos em parte, o capital



Porto Esperança

que o Banco tinha dispendido com os estudos provisionarios. E assim foi: o prazo da concessão foi prorrogado, tendo sido n'esta occasião modificado o ponto de sahida, e como tal tendo sido escolhido Baurú, então ponto terminal da E. F. Paulista e E. F. Sorocabana; e já então, tendo-se melhorado sensivelmente as perspectivas financeiras, foi fácil achar um adquirente

mento dos necessarios capitães para a construção da referida estrada, o que realmente se deu com a incorporação da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brazil.

Estudos. Logo em seguida, mais precisamente em Novembro de 1904, a então empreiteira da construção dos primeiros 100 kilometros — Empresa Machado de Mello — mandou para Baurú a primeira Commissão de Engenheiros para proceder aos necessarios estudos do tracado até o rio Tieté (no Canal do Inferno), aonde devia atravessar o mesmo ou continuar na directriz NW para atravessar em seguida o rio Paraná nas Ilhas dos Queirozes, e de lá por Coxim seguir em demanda de Cuyabá; poucos mezes depois começou-se a construção em Baurú (Junho de 1905). Em 1907, devido á conveniencia do tracado pelos motivos expostos no «preambulo», e talvez mais á urgencia para a conclusão dos trabalhos (visto que n'aquella occasião tinha havido um repentino estretimecimento de relações com uma Republica do Prata, e ser o objectivo da Estrada eminentemente estrategico), o Governo Federal entendeu mandar apressar a construção e concluso da estrada, mandando fazer para este fim o restante dos respectivos estudos por uma Commissão de Engenheiros, chefiada pelo Dr. E. Schnoor, já não mais para o primitivo objectivo (Cuyabá), mais francamente para W (mais para o Sul), atravessando as campanhas do Sul do Estado para chegar ao rio Paraguay no lugar que fosse mais conveniente para uma eventual travessia.



Rio Miranda — Morro do Azeité, completamente isolado nos pantanos

dos direitos e prerogativas da concessão na pessoa de um importante technico do Rio e representante de capitães estrangeiros, que se propoz promover o levantamento

Secção de Matto-Grosso. E mal sequer estavam os ditos estudos concluidos que immediatamente foi atacada a construção da estrada de Porto Esperança

ao encontro da secção que vinha avançando de Baurú. Não se pode negar que o mesmo trecho, atacado pelos dois lados extremos, devia ser concluído razoavel-



Estação Miranda

mente mais rapidamente; infelizmente, porém, este alvitre pouco adiantou para o resultado geral (devido á muitos motivos que não vem ao caso enumerar), conseguindo, ao contrario, elevar enormemente o custo da construção, devido á falta absoluta de materiaes de construção n'esta zona, difficuldades de pessoal, doenças etc., além do grande inconveniente da dualidade de administração que, bem que dependentes ambas de um só Chefe, devido á grande distancia e deficiencia de meios de comunicação deixava a segunda quasi completamente isolada.

Além de todos os contratempos e difficuldades do clima e do terreno, houve e ainda continúa á existir na parte administrativa muitos obstaculos á vencer, que foram e continuam á ser coefferientes importantissimos no entrave do andamento do serviço, e cujas origens são injustamente e frequentemente levadas exclusivamente em conta á má vontade da Companhia.

Para extranhos ás difficuldades, demoras e contratempos, á que está exposta uma Empresa que tem de levar á effeito uma obra d'esta importancia, considerando-se principalmente todas as difficuldades acima expostas, é quasi natural a impaciencia (não sem uma pequena ponta de critica acerba) para ver a E. F. Noroeste do Brazil acabada e aberta ao trafego em todo seu percurso, desideratum, aliás, que deve ser geral

e mais que de alguem, da Companhia que a está construindo; não é, porisso, razoavel mas sim muito injusto inculpal-a da demora, si é que tal exista.

Em conclusão, porém, mesmo assim, a construção até hoje continuou á avançar apesar de todos os impecilhos, tendo de ambos os lados transposto os trechos petores. O leito da Estrada está integralmente acabado, faltando sómente o assentamento da superstructura metallica no trecho comprehendido entre o ribeirão do Indaiá (proximo ao rio Pardo) e a Lagoa do Jacaré (na proximidade da subida da serra de Campo Grande) no total approximativo de 150 kilometros. Estando, pois, actualmte no começo da estação secca, e empregando ambas as secções constructoras os es-



E. F. Noroeste do Brazil

forços necessarios, é quasi certo que ainda no corrente anno se realisará a ligação dos trilhos, restando apenas algumas obras d'arte para serem construidas opportunamente no lugar das provisórias; mesmo porque actualmte, quasi sem meios de transporte de materiaes, seria quasi impossivel pensar-se em construil-a definitivamente.

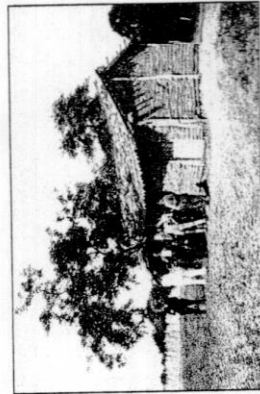
Descrição do Traçado.

1ª Secção

O ponto inicial da E. de Ferro Noroeste do Brazil é a Cidade de Baurú no Estado de S. Paulo, até então localidade de pouca importancia, pois estava collocada á 450 kilometros de S. Paulo no extremo Oeste da parte povoada e cultivada do Estado, tendo ao

Poente uma compacta faixa de mattas virgens e inexploradas até então, habitadas pelos indios «Coroados», muito ferozes e completamente selvagens, e do lado do Levante ainda não estava ligada á Capital por nenhuma E. de Ferro, bem que a «Sorocabana» já tivesse mandado fazer os estudos do prolongamento da mesma de Bom Jardim ao rio Batalha.

Com a chegada das primeiras turmas de Engenheiros da E. F. Noroeste e mais tarde o começo da construção da mesma, simultaneamente ao prolongamento até allí das linhas das E. de Ferro Paulista e Sorocabana, a pequena então villa de Baurú (200 casas) começou á tomar logo grande incremento, e desde então até hoje continuou á augmentar tão rapidamente que actualmte sua povoação deverá attingir á 6.000 habitantes, com 1.500 casas de boa construção moderna, amplas ruas alinhadas, abahuladas e arborizadas, possuindo além d'isto agua encanada, rede de esgottos, rede telephonica, luz electrica, grande igreja matriz e espaço grupo escolar modelo (ambos construidos ultimamente) dois theatros, matadouro modelo, tres estações de E. de Ferro com respectivos edificios, officinas etc., Santa Casa de Misericordia com predio proprio, tres engenhos á vapor para serraria e beneficio de café e arroz, cortume, fabricas diversas etc. n'uma superficie urbana de 150 hectares. Part-passu com o desen-

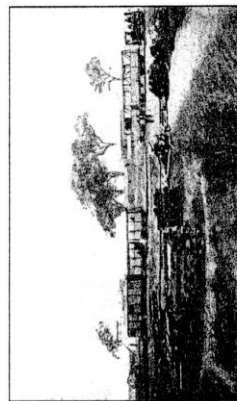


Barranco Vermelho, Casa para trabalhadores

volvimento da hoje cidade e avançamento da linha da E. F. Noroeste para o sertão, ao longo da mesma iam-se fundando e rapidamente se desenvolvendo

diversas povoações, como Jacutinga, Miguel Calmon, Penópolis, Tres Lagôas etc., ao ponto das mesmas desde já estarem tratando de se emancipar do Município de Bauri, um dos maiores do Estado até hoje, pois sua área era de mais de 30.000 kilometros quadrados, compreendidos entre o rio *Tietê*, *Paraná*, do *Peixe* e *Batalha*.

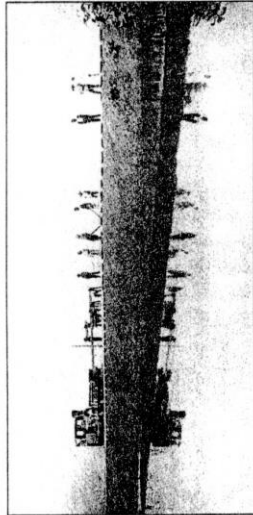
Além d'essas villas novas, foram abertos e continuam a se fundarem numerosos importantes estabelecimentos agricolas: só um, pertencente aos conhecidos Commissarios de Santos, Conceição & Cia, já está com um milhão de pés de café plantados e já em começo de produção; outro, do Sr. Zerrenner, com 800.000; do Sr. Toledo Piza com 700.000 etc. etc., não contando um grande numero de lavouras menores, diversas serrarias etc. Emfim, para demonstrar cabalmente o desenvolvimento recente d'aquella zona, até então quasi deserta, bastará dizer: que, actualmente, a renda da Estrada está quasi equilibrada á despeza geral, convido notar que sobre o percurso dos primeiros 600 kilometros a despeza do trafego tem de suppritar a carga passiva do transporte dos materiaes destinados ao avançamento; e a renda do Município, que antes do começo da construção orçava em 25 contos annuaes, aliás muito problematicos, attinge actualmente — depois de dez annos — á 200 contos annuaes, collectados e recebidos. Logo deixado Bauri, a Estrada no Km. 8 atravessa n'um percurso de 7 kilo-



Porto Esperança

metros o cafezal de *Val de Palmas*, aonde existe a respectiva Estação; pouco adiante existe uma serraria com respectiva chave e desvio; no Km. 25 passa a

Estação de *J. Tybirigá*, no Km. 43 o rio *Batalha*, no 48 a Estação de *Jacutinga* e respectiva villa, adiante passam mais duas chaves que servem serrarias e a fazenda de café do Sr. R. Swenger; no 71 a Estação de *Pte Alves*, com um começo de povoação; no 83 a Estação de *Toledo Piza*, no meio do respectivo grande cafezal e á dois kilometros da futura villa de *Pyrjábú*; no Km. 92 a Estação *Lauro Müller*, centro de diversas pequenas lavouras; no Km 125 a Estação *Presidente Penna*, com grandes lavouras novas; no Km. 144 chave de uma importante serraria; no 151 a Estação de *Albuquerque Lins*, fazendas de café novas e pequenas lavouras; no 178 a Estação *Heitor Legriú*, aonde na proximidade foi fundado pela Commissão da Catechese um aldeamento para os



N. O. B.: Trem de construção

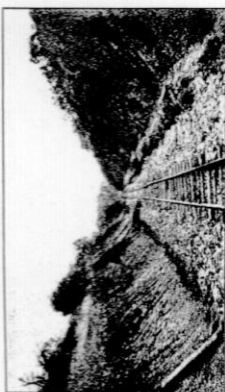
Indios que espontaneamente ali se rocolheram, abandonando o matto; e logo mais adiante, a linha ferrea deixa a zona da matta que vinha atravessando desde o rio *Batalha*, para entrar nos fertes campos do *Avanhandava*. No Km. 202 encontra a Estação de *Miguel Calmon*, n'um lugar muito alto no campo limpo, e aonde está-se desenvolvendo prosperamente a respectiva povoação. A Estrada construiu ali um bom hôtél para passageiros, uma officina para o material, um grande hospital, casas de residencia etc.; na povoação já existem diversos hotéis, machina para beneficiar arroz, negocios etc.; esta futura Villa é predestinada á bastante progresso pela sua posição saluberrima, no meio de muitos campos fertes, e é o ponto de sahida da boa estrada de rodagem (aberta pela Companhia)

que liga esta Estação á Villa do Salto do *Avanhandava* (12 kilometros), na proximidade do pitoresco Salto do rio *Tietê* (15 metros de altura).



Rio *Anhangaby* — Ponte em construção

Esta villa, pois, pela sua posição é o ponto de passagem da exportação da rica zona da margem direita do rio *Tietê* que alli é transposto actualmente por uma boa balsa. Com o acabamento da construção do Matadouro Modelo de Barretos (com uma capacidade de 300 rezes e 500 suinos diarias) que dista á 100 kilometros d'ali, quasi todo o supprimento do gado destinado ao mesmo e de procedencia de *Matto-Grosso* será feito por aqui com grande vantagem de despeza e tempo. Continuando pela suave ondulação dos campos, no Km. 220 a linha alcança a Estação de *Penópolis*, na nova povoação ali em formação, composta exclusivamente de pequenos lavradores e criadores de gado; no Km. 240 alcança a Estação *General Glycerio*, fim da zona dos campos, e d'alli em diante o traçado se aproxima ao rio *Tietê* e atravessa sem interrupção uma zona de mattas virgens n'um terreno de primeira qualidade (quasi exclusivamente terra roxa), até o barranco do rio *Paraná*. No Km. 262 existe uma chave, aonde está sendo aberta recentemente uma grande fazenda de café; no Km. 281 é a Estação de *Araçatuba*, também com diversas grandes fazendas de café em andamento; no Km. 301 a Estação do *Ribeirão Azul* e no Km. 322 a Estação de *Aracangá*, collocada bem á margem do rio *Tietê*; d'aqui para diante até Itapura o traçado acompanha de perto o curso do rio *Tietê*. No Km. 340 é a Estação de *Anhangaby*, em frente do



N. O. B: Km. 158. Corte das Moreiras

Canal do Inferno e pouco abaixo da Ilha das Cruzes; no Km. 357 encontra-se a Estação de *Bacury*, no 404 a da *Ilha Seca* e no Km. 437 a Estação de *Itapura*. A esplanada, o edificio e dependencias da Estação da Estrada ficam situadas na encosta do morro que á 800 metros ao Norte acaba, provocando o bonito Salto de Itapura (14 metros, perpendicular): logo em frente, n'um lugar muito pitoresco, estão as ruínas da antiga Colonia Militar de Itapura, aonde actualmente só vivem poucas familias de canoieiros e pescadores. Os restos dos edificios da desaparecida colonia até hoje conservam o cunho da importancia que teve aquelle ponto como sentinella avançada do Brazil n'uma epocha (1852) tão cheia de apprehensões e desalentos pelas negras nuvens ameaçadoras que se estavam accumulando diariamente nos horizontes do sul. Mas, na sua breve existencia, a Colonia de Itapura teve seus dias felizes, quando, vibrando de patriotismo, percebeu que á mesma com minguados e insignificantes recursos (2 antigos canhões e algum

escasso armamento antigo) tinha sido confiada, sosinha e tão afastada do resto da Patria, a defesa de mais de cem leguas de fronteira, e precisamente a mais desamparada e mais proxima ao inimigo (V. Visconde de Taunay) e com a provavel invasão dos visinhos do sul que tinham francamente aberto tão bom



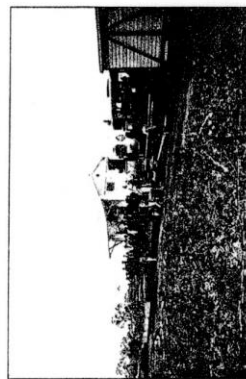
N. O. B: Km. 297. Acampamento do avançamento

caminho (rio Parana) para penetrar, sem difficuldade quasi, no centro do Brazil. E era realmente uma colonia modelo, se pensar os enormes esforços que ali foram empregados, para se formar no meio do sertão todo o que ali está, com alguns poucos soldados e sem nenhuma via de communicação com o resto

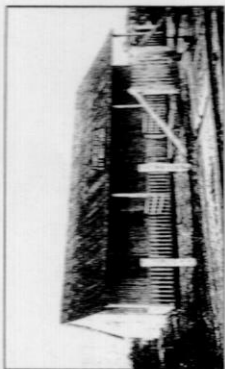


N. O. B: Km. 297. Frente á Estação «Cachoeirão»

do Paiz além das demoradas (6 mezes) e arriscadas monções de canoas pelo Tieté, cheio de perigosas corredeiras desde perto de São Paulo até Itapura. As ruínas da Igreja que ainda conserva o antigo forro de estuque com ornamentações douradas; a casa do commando militar, um sobrado em forma

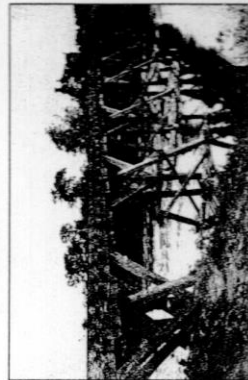


N. O. B: Km. 308. Estação «Jacaré»



Aquidauana

de chalêt duplo, assoalhado, forrado e envidraçado, com jardins, parque etc.; o grande quartel, desmantelado e completamente destelhado pelos habitantes da visinhança; os edificios da escola, almoxarifado, serraria; ruas largas, alinhadas e abahuladas, com guias de pedra e todas arborizadas com enormes palmeiras; pontilhões, caes de embarque e bem em frente do porto os restos metallicos de um navio á vapor (posto á pique na occasião da retirada da força armada ali destacada que era composta de 8 Officiaes, um Medico, um Capellão e 100—150 Praças) provam a tenacidade, o trabalho e a coragem d'aquelle punhado de gente que, mesmo convencidos da total indifferença da Córte para todos os sacrificios, além do quasi esquecimento em que incorriam, nunca desanimaram, até o dia em que um inexplicavel Decreto do Governo Imperial desligava a Colonia de Itapura do Ministerio da Marinha (ao qual até então pertencia, e com razão) e com a decima parte da renda que então gozava (aliás modesta), a entregou



N. O. B: Km. 283. Ponte provisória sobre o rio Aquidauana

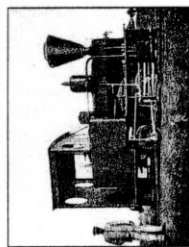
ao Ministerio da Guerra que, verdade lhe seja feita, nem caso fez d'aquelle presente de gregos, e a abandonou completamente ao desapparecimento.

Com a chegada da E. de Ferro parecia que devia reviver uma povoação com tão brilhante passado e situada, aliás, em terras de primeira qualidade.

Infelizmente até hoje não se deu tal, ao contrario: ao ephemero movimento, de que gozou na occasião da passagem da construcção da Estrada, seguiu-se immediatamente a paralyação completa da sua modesta vida antiga, para a qual tinha como unico meio de subsistencia o transporte por canoas de mercadorias destinadas á Matto-Grosso e que eram conduzidas pelo rio desde Piracicaba até os campos

da Vaccaria pelos cursos dos rios Tieté, Paraná, Samambaia, mercadorias que agora são transportadas pela Estrada.

Seria de desejar, ao menos, que os Poderes competentes procurassem resalvar do



E. F. Noroeste do Brazil.
Locomotiva N. 1 da construcção

completo desapparecimento os modestos monumentos d'uma epopeia tão gloriosa e tão proxima á cair no completo esquecimento da geração actual. Uma cousa, porém, que nem o tempo, nem a ingratitude dos homens poderá tirar á Itapura, é a sua excepcional posição geographica, unica talvez na America: situada na margem do salto omonimo e á cinco kilometros do Urubú-pungá do rio Paraná, cujas forças hydraulicas, reunidas e utilizadas para fins industriaes, se não egualam, muito se devem approximar á grande força produzida pelo Niagara.

Na Estação de Itapura (devido á renovação do contracto da Companhia, e outros motivos), acaba a kilometragem que tem seu inicio em Baurú e d'ahi começa nova kilometragem até Campo Grande, aonde termina no mesmo ponto onde acaba a kilometragem que começa em Porto Esperança.



N. O. B. Aquidama. Depósitos provisórios

No Km. 23 a linha transpõe o grande rio Paraná, no lugar conhecido por *Estreito do Jupia*, cuja ponte projectada terá o comprimento total de 1.000 metros; a parte metallica já está toda descarregada nas proximidades e será construida logo que se possam afastar as difficuldades (independentes da vontade da Companhia) que até hoje obrigam a manutenção custosa e morosa do Ferry-boat, ali construido pela empresa construtora da linha.

Poucos kilometros além do rio Paraná o traçado sabe definitivamente da zona das mattas que vinha



N. O. B. Sibida do desfiladeiro da Serra Maracajá

percorrendo desde Baurú, para entrar nos campos de Matto-Grosso, campos aliás muito alternados pelas frequentes manchas de «Cerrados» e outras vegetações mais baixas. No Km. 33 é a primeira Estação (em territorio do Estado de Matto-Grosso) *Tres Lagóas*, um agglomerado de construcções ephemerias, predestinas á desaparecerem com o acabamento da estrada. De Tres Lagóas o traçado segue francamente para o Oeste, procurando galgar o contra-forte que forma o divisor das aguas entre o rio Sucuriú e rio Verde, e no alto do qual se encontra uma elevação abrupta, conhecida pelo nome de *Serrinha*, em cuja proximidade está collocada a Estação homologa. Dobrando o dito espigão,

a linha continua des-cendo francamente em vertentes do rio Verde, aliás do seu principal confluente — o rio Pombo, nas proximidades do qual encontra-se a Estação do *Pombo*, Km. 164 de Itapura.

Pouco adiante d'esta estação atravessa o rio Pombo e re-começa á subir na encoste do espigão que divide os valles dos rios Pombo e Verde, e, dobrando o mesmo, desce seguidamente até o rio *Verde*, aonde pouco antes da ponte está a respectiva Estação no Km. 223. Do rio Verde, aonde presentemente está sendo construida a respectiva ponte metallica, o traçado continúa subindo o valle do rio Formoso, seu confluente, e a ponta dos trilhos está actualmente no corrego do Indaia, Km. 233 de Itapura. Assim, pois, sommando á esta ultima parcella os 437 kilometros de Baurú á Itapura, obter-se-há o total de 690 kilometros de linha ferrea na Secção de Baurú á Campo Grande, que, sabindo do ponto inicial da Estrada (Baurú), vêm avançando para o respectivo objectivo que é a ligação d'este trecho com a secção de Porto Esperança á

1) Tres Lagóas está desenvolvendo-se para uma povoação florescente de caracter permanente.

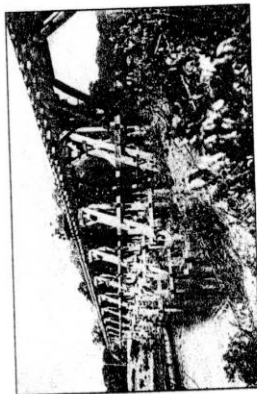


Construcção difficil no Pantanal

Campo Grande, e que, tendo provisoriamente como ponto de saída aquelle porto, está, da mesma fórma, penetrando em sentido contrario e ao encontro da primeira; deixamos para o fim a descrição do trecho entre as duas secções construídas.

IIª Secção.

Como no começo d'esta exposição mencionei os motivos que foram a causa de ser a Companhia obrigada á tomar a resolução de atacar o serviço simultaneamente dos dous extremos, julgo superfluo repetir aqui as consequências que esta resolução provocou, bem differentes do que se esperava, pois bem pouco ou quasi nada concorreu para abreviar o prazo da



N. O. B.: Km. 23). Ponte provisória sobre o rio Aquidauana

conclusão da construção, agravando ao contrario pesadamente as condições da mesma, devido á carestia da vida n'esta zona, quasi desprovida de vias de comunicação, em parte annual e periodicamente alagada, e á falta absoluta de pessoal que, com grandes sacrificios, era preciso mandar contractar no Rio da Prata.

Assim, pois, em 1908 foram iniciados os trabalhos de construção em Porto Esperança com numerosissimo pessoal que exigia elevados ordenados, quando entretanto sua produção é diminutissima — menos da metade que em outros serviços semelhantes. Para atravessar os primeiros cinquenta kilometros que correspondem mais ou menos ao Pantanal de Porto Esperança, infelizmente n'uma prolongada estação de secca, pouco commum n'esta zona, a Directoria Technica



N. O. B.: Km. 16). Corte em pedra

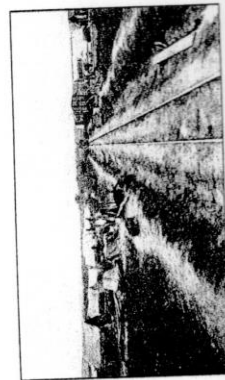
da construção d'aquelle trecho julgou-se isenta de maiores responsabilidades, mandando construir o aterro do pantanal em condições taes que parecia então dever em qualquer epoca emergir e resistir sufficientemente á qualquer in-

undação, com a agravante de se ter deixado para mais tarde (até hoje!) a abertura dos necessarios boeiros. A consequencia



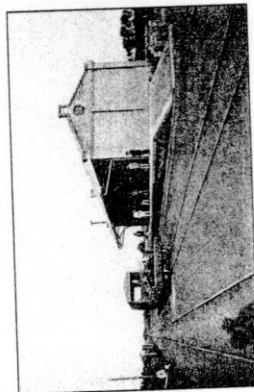
Dr José Teixeira Campos, Engenheiro da N. O. B.

rango do mesmo rio até a encoste dos contra-fortes da Serra da Bodoquena formou uma verdadeira barragem; na seguinte estação das chuvas, o rio Paraguay e seus grandes afluentes S. Lourenço, Aquidauana e Miranda transbordaram, como de



N. O. B.: Km. 298. Acampamento

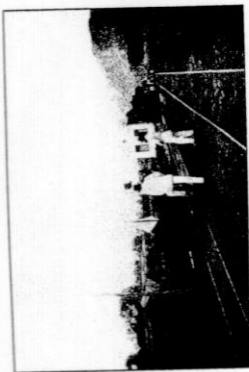
costume, alagando toda a baixada (pantanal) desde a Serra da Bodoquena até o rio Paraguay; este baixada que apparentemente parece em nivel, tem entretanto uma insignificante inclinação para o Sul (que corresponde á do curso do Paraguay), e assim as aguas transbordadas dos rios acima mencionados lentamente, quasi imperceptivelmente, encaminham-se para o sul até encontrarem o aterro da Estrada que — qual verdadeiro açoude — fechava a passagem natural; intuitivo que, não encontrando quasi sahida, alli se avolumaram, confundindo-se n'uma immensa lagõa com o rio Paraguay (elle mesmo um metro e meio mais alto que os barrancos); desde que o nivel d'este enorme volume d'agua começou á alcançar os pri-



N. O. B.: Estação de Aquidauana.

meiros pontos mais baixos do aterro, ali a agua galgou a linha e, precipitando-se abaixo pelo outro talude para o lado opposto (aonde encontrava o terreno quasi secco), formou rapidamente uns verdadeiros saltos que, em pouco tempo, começaram á atacar o proprio aterro, até rasgal-o completamente e em taes extensões que permittissem a natural vazão das aguas accumuladas do outro lado até desaparecer a differença do nivel d'agua que momentaneamente tinha sido provocada pela má construção d'aquelle aterro.

Do começo da Serra da Bodoquena (Km. 38) até o rio Saloba (Km. 136) a linha vem sempre no encoste da serra, atravessando uma zona de terrenos muito fertis e cobertos de mattas virgens, ricas em madeiras de lei, e seu estado de conservação é muito



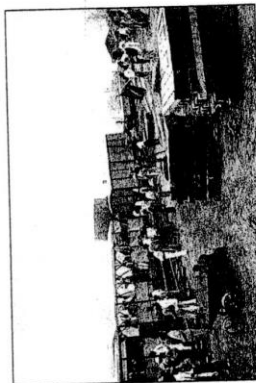
N. O. B.: Km. 261. Estação Piraputangas



N. O. B.: Estação Miranda



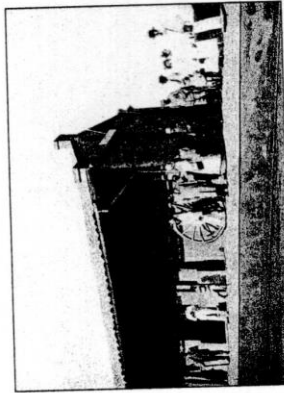
N. O. B.: Km. 222. Pedreira da Lagoa



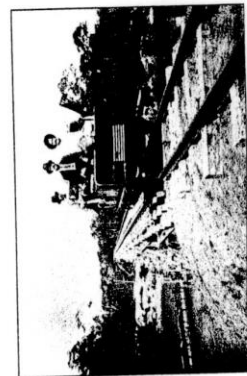
Estação de Saloba



O Pantanal de Miranda



N. O. B.: Aquidauana — Estação



Viagem de ensaio



N. O. B.: Km. 298. Acampamento



N. O. B.: O empreiteiro A. Leite da Silva no seu acampamento

mais facil do traçado inteiro, sendo quasi exclusivamente descortinado, sem obras d'arte de grande importancia e n'um terreno suavemente ondulado, de forma que seu acabamento sem muito optimismo será certo no proximo anno, realisando assim o completamento d'esta grande obra (talvez a maior do Brazil) que será o mais possante elemento para o desenvolvimento d'este grande e rico Estado e cujas positivas e immediatas consequencias serão: tornal-o talvez o maior e mais rico Estado da Federação.

Eis em breve resumo uma rapida descripção do inicio, construcção, estado actual e proximo acabamento da construcção da E. de F. Noroeste do Brazil entre Baurú e Porto Esperança, noticias aliás despidas completamente de qualquer pretensão litteraria, mas reaes e exactas em todas as suas expressões e algarismos.



N. O. B.: Aquidauana, Hospiaes da E. F.

E para todo e qualquer que se interesse n'um assumpto de tamanha importancia, que conheça a parte do Brazil que a Estrada atravessa, sua fertildade, seu clima, sua posição geographica —, emfim todos seus recursos, até hoje no começo de uma exploração methodica, (sem fallar de sua importancia strategica e internacional, caso seja prolongada até o Pacifico) não é necessario ser propheta para prever para a Estrada, e consequentemente para a zona que ella beneficia, um futuro proximo de prosperidade e bemestar, como acontecem casos identicos em Norte-America com a construcção das estradas de

ferro do Atlantico ao Pacifico, cujos rapidos e expantosos progressos e admiraveis resultados (sempre com a tendencia á augmentar) transformaram uma grande região, até então quasi deserta, n'uma das mais ricas zonas da Federação Americana. E, então, é positivamente certo que será feita inteira justiça á esta grande iniciativa que, independentemente dos resultados materias que a mesma abundantemente proporcionará á todos sem excepção, será um motivo de orgulho legitimo para o Brazil: ter levado á effeito um emprehendimento de tamanha importancia, concebido, executado e concluido quasi exclusivamente com os proprios recursos.

E que estas previsões se realisesem, como infalivelmente se dará, é o maior desejo de

Aquidauana, 20/6/1913.

S. M.

